UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

AQUAE DUCTO: proposta de percurso para a Água da Prata

Sylvie Teixeira Claro

Orientação: Professora Doutora Sofia Salema

Mestrado em Arquitetura

Trabalho de Projeto

Évora, 2019

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

AQUAE DUCTO: proposta de percurso para a Água da Prata

Sylvie Teixeira Claro

Orientação: Professora Doutora Sofia Salema

Mestrado em Arquitetura

Trabalho de Projeto

Évora, 2019

AQUAE DUCTO:

PROPOSTA DE PERCURSO PARA A ÁGUA DA PRATA

Sylvie Teixeira Claro

JÚRI:

Presidente: Professor Doutor Jorge Sá

Arguente: Arquiteto José Adrião

Orientadora: Professora Doutora Sofia Salema

Évora, Março 2019

AQUAE DUCTO

PROPOSTA DE PERCURSO PARA A ÁGUA DA PRATA

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por tudo, ao meu irmão pelo apoio fundamental, ao Francisco pela sua presença e motivação, à sua família pela atenção, e aos meus amigos e colegas pelos conselhos e partilha.

Ao Dr. Francisco Bilou pelas conversas e a disponibilidade em guiar as visitas ao Aqueduto da Água da Prata com o seu saber e amabilidade.

Ao engenheiro Alberto Martinez, pela partilha do seu trabalho.

À arquiteta Filomena Monteiro por guiar a visita ao Convento do Calvário.

À Professora Doutora Antónia Conde e à Professora Doutora Olga Magalhães pela contribuição dos seus conhecimentos.

À Câmara Municipal de Évora, particularmente à Dra. Maria Policarpo pela oportunidade de realizar a exposição *Aqueduto da Água da Prata: um percurso até à cidade;* ao João Rodrigues; ao Dr. António Valentim; ao Dr. Carlos Borralho; ao Arquivo Fotográfico e ao Núcleo de Documentação.

E agradeço especialmente à Professora Doutora Sofia Salema, pela disponibilidade e interesse que demonstrou no acompanhamento e orientação deste trabalho.

Ao meu pai.

AQUAE DUCTO:

PROPOSTA DE PERCURSO PARA A ÁGUA DA PRATA

Sylvie Teixeira Claro

Orientadora
Professora Doutora Arquiteta Sofia Salema

Mestrado Integrado em Arquitetura

Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora

Évora, Março 2019

RESUMO

Aquae ducto - significa a água conduzida. O Aqueduto da Água da Prata, enquanto infraestrutura de condução de água e o percurso ambiental a ele associado, constitui o objeto de estudo deste trabalho.

O presente trabalho de projeto pretende descrever, analisar e responder a dificuldades que o atual itinerário ambiental apresenta ao caminhante. Propõem-se diferentes possibilidades e alternativas para percorrer este trajeto, associando espaços e pequenos equipamentos situados ao longo do território. Estes representam momentos de pausa e transição para o caminhante e completam o percurso, assumindo um carácter funcional e lúdico que colmata as necessidades sentidas ao longo do reconhecimento do território.

Durante o estudo e análise do concelho, da cidade de Évora e do Aqueduto da Água da Prata, caminhou-se ao longo do trajeto, enquanto ferramenta metodológica fundamental de reconhecimento e de validação de novas hipóteses de projeto. Fotografou-se e filmou-se o Aqueduto, a sua relação com o território e com a cidade, como registo do processo de reconhecimento metodológico e de salvaguarda para o futuro.

O desenho projetual ancorou-se às singularidades identificadas ao longo do território que justificam as opções arquitetónicas e de projeto que complementam a experiência no percurso

PALAVRAS-CHAVE

Água, Aqueduto, Percurso, Caminhar, Espaço

AQUAE DUCTO:
PROPOSED PATH FOR ÁGUA DA PRATA

Sylvie Teixeira Claro

Advisor
Professor Doctor Architect Sofia Salema

Master in Architecture

Department of Architecture of the University of Évora

Évora, March 2019

ABSTRACT

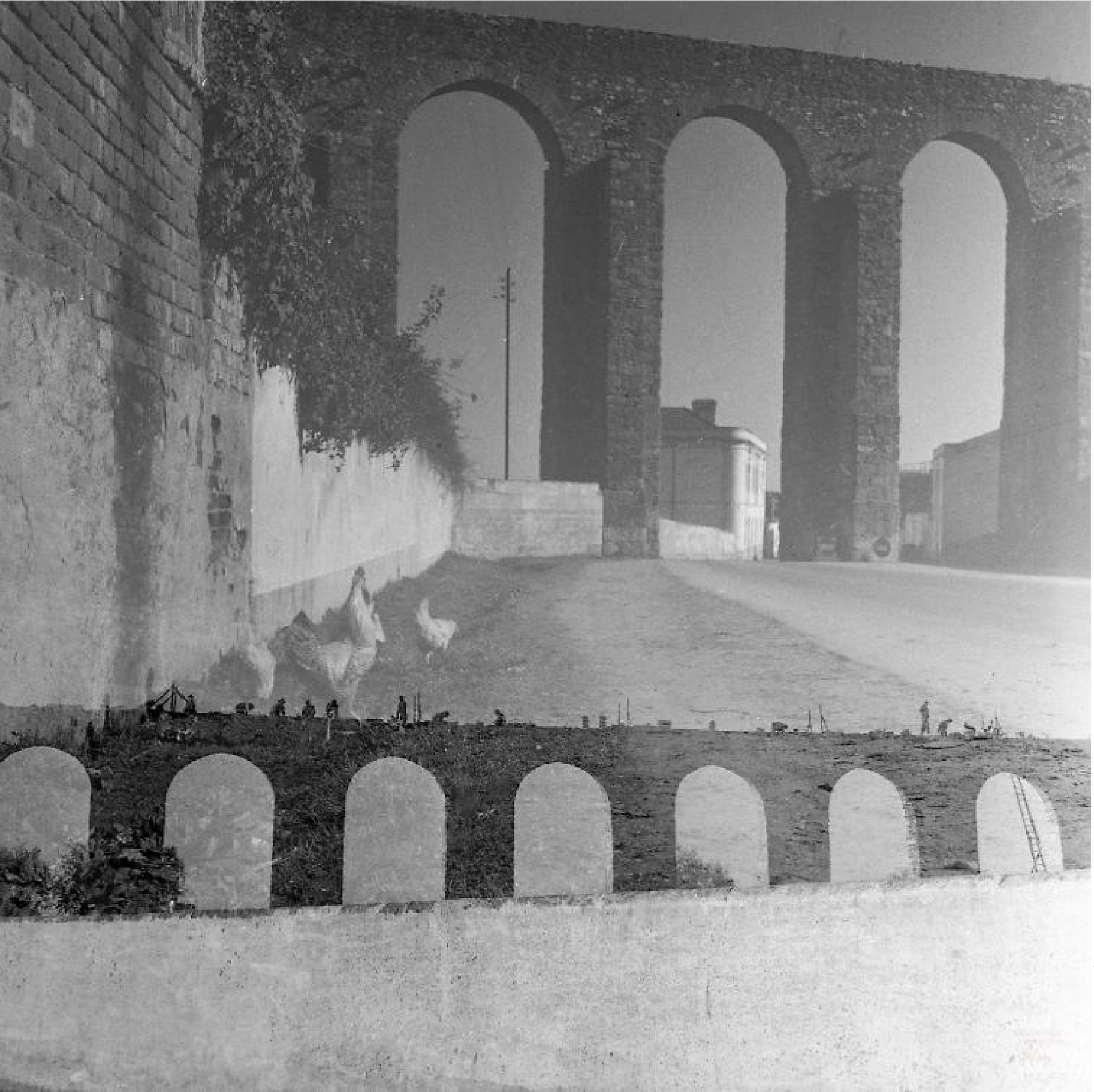
Aquae duct - means driven water. The Água da Prata Aqueduct, as an infrastructure that conduces the water and the environmental walk to it associated, constitutes the study object of this work.

The present project work pretends to describe, analyze and respond to difficulties presented by the actual environmental itinerary to the walker. Different possibilities and alternatives are proposed to go through this course associating spaces and small appointments located all along the territory. These represent transitional moments for the walker and complete the path assuming a ludic and functional character to meet the needs felt during the reconnaissance held on the territory.

During the study and analysis of the county, Évora's city and the Àgua da Prata Aqueduct, walks were held along the way as a fundamental knowledge instrument and methodological tool of recognition and validation of new project hypothesis. Pictures and videos were taken from the aqueduct and its relationship with the territory and the city as a process record of methodological recognition and safeguard for the future.

The projectual drawing got anchored at the singularities identified along the territory that justify the architectural and projectl options that complete the path experience.

KEY WORDS
Water, Aqueduct, Path, Walking, Space



001 | *Obras de requalificação do aqueduto*, (s.d), Évora, AFCME, MCS128559

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos III
Resumo VI
Abstract VIII
ÍNDICE GERAL 1

I | PROBLEMÁTICA 3
Introdução 4
Metodologia 8
Estrutura da dissertação 16

II | A CIDADE E O AQUEDUTO 18
01 | ÉVORA
Enquadramento histórico 22
Análise geral do Concelho 24
Ortofotomapa 24
Topografia 26
Hidrografia 28
Estrutura Urbana 30
Percursos Ambientais 32
02 | AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA
Contextualização 36
Fundamentos de pré-existências 42
O *Regimento* 44
Ilustrações, cartografia antiga e levantamento atual 46

III | CRONOLOGIA 56
Arquitetos e Mestres do Aqueduto da Água da Prata 56

IV | CAMINHAR COMO INSRUMENTO DE CONHECIMENTO 76
Referências 78
Partilha com a comunidade 80
03 | RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO
Paisagem 86
Território 90
Itinerário existente 94
Descrição do itinerário existente 96
Interpretação do itinerário existente 100
Fauna e Flora 101

V | DESENHO DE ESPAÇO E PERCURSO 104
Conceitos 106
04 | PROPOSTA
Premissas 110
Plano geral de intervenção 116
05 | PROJETO
Pequenos equipamentos 120
Espaços singulares 128
Fonte do Pomar do Espinheiro 130
Ponte Antiga na Ribeira do Pombal 132
Fonte da Água Férrea 134
Capela da Quinta de São José 136
Fonte do Arcediago 138
Poço na Malhada da Manizola 140
Caixa de Água da Cartuxa 142
Caixa de Água e Fonte do Forte de Santo António 144
Espaços nucleares 146
Mãe D'Água 150
Abrigo 158
Mirante 166
Banho 174

VI | CONSIDERAÇÕES FINAIS 182
Perspetivas em aberto 184

NOTAS 186
ÍNDICE DE IMAGENS 192
BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES 196

02 | Reservatório rural do Pereiro da Água da Prata, 2016, Évora, Sylvie Claro

I

PROBLEMÁTICA

"Aprender a ver é fundamental para um arquiteto, existe uma bagagem de conhecimentos dos quais inevitavelmente recorremos, de modo que nada de quanto façamos é absolutamente novo." [1]

INTRODUÇÃO

TEMA

O Aqueduto é uma infraestrutura construída para transporte/ condução de água. A evolução e desenvolvimento deste tipo de infraestruturas destacou-se na civilização Romana pela importância nos seus hábitos culturais.

No século I, a cidade de Roma era abastecida por catorze aquedutos, o maior deles, *Aqua Marcia*, tinha mais de 90Km de extensão.

Esta capacidade de conduzir a água permitiu ao Homem habitar e prosperar num território que adaptou às suas necessidades. Enquanto comunidade, era fundamental conseguir o bem essencial - a água - para garantir o seu crescimento. Este elemento foi, desde sempre, imprescindível para vingar e se desenvolver uma sociedade num lugar.

Hoje, estas infraestruturas de transporte/ condução de água pela força da gravidade, não têm a mesma pertinência para a sociedade, cujo modo de vida contemporânea não carece da sua funcionalidade.

Contudo, os aquedutos mantêm-se presentes e são importantes marcos no território, pela sua história, património e monumentalidade, merecendo um olhar da arquitetura como oportunidade de projeto. Projetar no e com o Aqueduto da Água da Prata não é só valorizar e conservar a parte monumental classificada desta infraestrutura, mas é também, compreendê-la no seu todo, o lugar onde se insere, como se relaciona com o território e com a comunidade que abastecia.

O Percurso da Água da Prata criado pela autarquia há cerca de dez anos, com o objetivo de promover o património, não tem em consideração a parte do aqueduto que está enterrada e que é apenas denunciada por elementos verticais correspondentes às caixas de ventilação da infraestrutura.

Neste contexto desenvolve-se a formulação do nosso problema: o não reconhecimento do valor do Aqueduto da Água da Prata no seu todo (desde as nascentes até à cidade) e a inexistência de pequenos equipamentos de apoio ao caminhante, quer ao longo do percurso ambiental quer ao longo da infraestrutura com 18 km de extensão.

Esta problemática justifica a questão de investigação.

003 | *Caixas de água e nascentes na zona de Metrogos, 2017, Évora,* Sylvie Claro

OBJETIVOS

Este trabalho pretende responder à seguinte questão:

De que modo o Aqueduto da Água da Prata consegue transferir para um projeto de arquitetura o seu potencial enquanto gerador de novas experiências?

Para conseguir compreender o objeto de estudo foi necessário, numa primeira fase, conhecer a infraestrutura no contexto histórico, construtivo e patrimonial. Para o estudo da sua génese teve-se como base a informação essencialmente bibliográfica. Recorreu-se ao estudo e (re)desenho de nova cartografia, utilizando e sobrepondo cartas militares e diversos mapas antigos, para produzir os elementos gráficos de trabalho e apresentação.

A recolha de fotografias históricas permitiu visualizar o Aqueduto e as suas alterações ao longo do tempo. A elaboração do registo do seu estado atual, em vídeo, fotografia e modelos fotogramétricos permitiu a identificação das suas características e potencialidades. Neste contexto, o reconhecimento em campo foi essencial para compreender o desenho desta infraestrutura no território, a sua localização e percurso, assim como identificar as suas singularidades.

Para responder à questão teve-se como intenção de projeto: a) integrar a Água no desenho de percurso e programa; b) relacionar este recurso com o modo de vida contemporânea; c) definir a infraestrutura do seu transporte/ condução enquanto elemento de desenho capaz de construir arquitetura e paisagem e, d) levar à descoberta de novos lugares e experiências humanas através de um percurso lúdico e recreativo.

Para além destas intenções, o projeto pretendeu responder à importância da valorização do património construído, incentivar à prática de caminhar e despertar ao conhecimento deste monumento de forma diferente.

Durante o processo conceptual tomou-se a iniciativa de caminhar com várias pessoas (caminhantes, pessoas das áreas da história, biofísica, arqueologia, arquitetura, entre outras) de modo a sustentar parte da reflexão sobre o percurso e validação da escolha dos lugares de intervenção, através da partilha de experiências, de conhecimento e reconhecimento em campo.

A proposta de projeto prevê quatro escalas diferentes de atuação: 1) (re)desenho do itinerário ambiental através de introdução de novos acessos e de um novo percurso alternativo complementar que permite a circulação de bicicletas e cavalos; 2) sugestão de pequenos equipamentos de apoio ao caminhante (tais como bebedouros, bancos, entre outros); 3) valorização dos espaços singulares identificados de modo a integra-los no percurso e, 4) proposta de novos espaços, designados como nucleares que enfatizam e valorizam o Aqueduto, sublinhando a sua integração com a envolvente e enriquecem a experiência no lugar.

Assim as sugestões do projeto procuraram novas relações entre o *Aquae ducto*, o território e a paisagem, aproximando as pessoas.

MOTIVAÇÃO

A motivação surgiu do entusiasmo em percorrer o itinerário da Água da Prata, do interesse no Aqueduto enquanto monumento que atravessa a cidade de Évora e na vontade de sublinhar a importância da água no estudo arquitetónico.

O vasto território que esta infraestrutura atravessa, tem enorme potencial paisagístico, sensorial e arquitetónico, sentindo-se a necessidade de propor espaços de lazer, que procurem valorizar o património existente.

Ao longo do processo teve-se presente a questão de como salvaguardar e valorizar esta infraestrutura. Em resposta a esta problemática descreve-se na metodologia o desenvolvimento deste trabalho.

004 | *Tanque de água de 1795*, 2016, Évora, Sylvie Claro

METODOLOGIA

005 | *Itenerário rural*, 2017, Évora, Sylvie Claro

006 | *Cruzeiro junto a São Bento de Cástris*, 2016, Évora, Sylvie Claro

007 | *Itenerário peri-urbano*, 2016, Évora, Sylvie Claro

O processo metodológico desenvolveu-se segundo três linhas de abordagem:

1. a leitura do Lugar - a ligação do Aqueduto à cidade de Évora;
2. o estudo do Objeto - o Aqueduto da Água da Prata que materializa essa ligação;
3. o projeto - que interrelaciona o Lugar e o Objeto.

SOBRE O ESTADO DA ARTE

O estado da arte é apresentado ao longo do trabalho. O objeto de estudo foi analisado em dissertações, livros, revistas, artigos científicos, jornais e conversas infinitas, em que a qualidade da água, a riqueza da sua história, pertinência e importância patrimonial sempre o evidenciou como fundamento da valorização da paisagem onde a Água é um bem precioso.

As prospeções arqueológicas e os eventos em torno desta infraestrutura, não poderiam deixar de serem considerados e o evento em torno do Watch Day - *World Monuments Funds* acompanhado por historiadores e arqueólogos que se debruçaram sobre as possibilidades abertas para a existência de um aqueduto romano, e revelaram-se algumas (re)descobertas sobre a sua possível refundação.

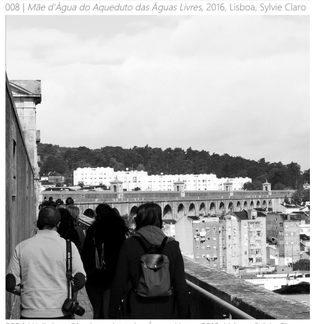
As referências bibliográficas que detiveram maior atenção por parte da autora, além de outros documentos referidos, foram: a dissertação *"O Aqueduto da Água da Prata em Évora: bases para uma proposta de recuperação do património"* de Maria Filomena Monteiro pelo enquadramento do estudo numa perspetiva arquitetónica, referindo as técnicas de construção, etapas, materiais e desenhos técnicos, não desconsiderando a componente histórica; e o livro *"A Refundação do Aqueduto Da Água da Prata, em Évora 1533-1537"* de Francisco Bilou numa perspetiva mais recente e detalhada quanto à história e vestígios arqueológicos. Os estudos de Antónia Conde são importantes para uma melhor compreensão sobre um raro manuscrito conhecido por *"Regimento do Aqueduto"* que se mostrou ser uma peça chave na empreitada desta infraestrutura.

RECONHECIMENTO DO LUGAR

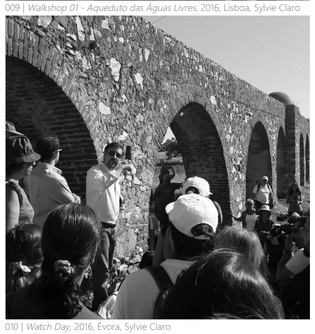
A experiência no lugar é um meio de conhecimento fundamental, a forma de sentir os diferentes ambientes existentes ao longo do percurso, sentir os odores, as texturas, os sons e o prazer de viver o espaço percorrido.

Seguiu-se o trajeto do aqueduto em diferentes épocas sazonais o que permitiu uma leitura mais aproximada da realidade existente. Estas visitas foram efetuadas a pé e de bicicleta para obter uma melhor perceção das dificuldades e permitir uma análise consciente e real das diferentes formas de o percorrer e de lhe aceder, ultrapassando os limites do percurso atual para validar outras opções para o mesmo e reconhecer o evidente como Álvaro Siza Vieira expõe no seu livro *"Imaginar a evidência"*, existe, por vezes, um determinado aspeto que era absolutamente evidente, mas do qual ainda não se tinha consciência e é preciso que nos o façam notar. *"O exercício da observação é prioritário para um arquiteto. Quanto mais observamos, tanto mais clara surgirá a essência do objeto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, instintivo."* [2]

008 | *Mãe d'Água do Aqueduto das Águas Livres*, 2016, Lisboa, Sylvie Claro



009 | *Walkshop 01 - Aqueduto das Águas Livres*, 2016, Lisboa, Sylvie Claro



010 | *Watch Day*, 2016, Évora, Sylvie Claro

EXTENSÃO À COMUNIDADE

Organizou-se um conjunto de visitas onde se questionou, de forma informal, habitantes locais, grupos de caminhantes e turistas, a fim de validar hipóteses de trabalho e o programa necessário. Álvaro Siza Vieira partilha a sua própria experiência relativamente a este método na obra citada: *"Falo com muitas pessoas, com amigos, arquitetos e sobretudo com familiares, que têm uma visão menos comprometida. Inicio assim um 'aprendizado' durante um certo período, enquanto o desenho avança a partir de hipóteses, críticas e, consequentemente, respostas às críticas."* [3]

Para conhecer e dar a conhecer outros exemplos como meio de comparação, organizou-se uma visita guiada, no dia 29 de março de 2016, ao Aqueduto das Águas Livres em Lisboa, com o objetivo de perceber como pode ser visitado e percorrido e qual a sua relação com o objeto de estudo deste trabalho. Contou-se com a disponibilidade do Dr. Francisco Bilou, arqueólogo e historiador, que guiou a visita no dia 9 de maio de 2016, ao percurso do Aqueduto da Água da Prata na zona periurbana e urbana, onde partilhou com os participantes, o seu conhecimento, experiência e curiosidades sobre esta infraestrutura.

Convidou-se, também, a arquiteta Filomena Monteiro a guiar uma visita ao Convento do Calvário no dia 20 de maio de 2016, para contribuir com o seu saber sobre o Aqueduto e sobre este Convento que constituíu um dos donatários da água que corria no Aqueduto da Água da Prata.

A divulgação de cada um destes eventos foi uma ferramenta fundamental para conhecer a realidade, a problemática abordada e incentivar a sociedade a conhecer o seu património e a poder usufruir dele.

Com esse propósito realizou-se ainda a exposição que complementa esta dissertação - Aqueduto da Água da Prata: um percurso até à cidade, patente ao público de 24 de Junho a 02 de Julho de 2017 no espaço expositivo junto à arena de Évora.

Estas iniciativas contribuíram para perceber a relação da população com o monumento em estudo e, simultaneamente, a relação das pessoas com a ideia do curso de água em Évora, como possível meio de criação de espaços lúdicos, regeneradores de espaços sem identidade, trabalhando

011 | *São Bento de Cástris, 2016*, Évora, Francisco Brito

assim, numa lógica de percurso sensorial que começa com o aqueduto e, posteriormente, contagia o centro histórico.

Neste âmbito, o trabalho pretendeu encontrar uma hipótese para a interpretação da arquitetura enquanto meio de reunião.

REFERÊNCIAS E CONCEITOS

Outros percursos como algumas levadas da Madeira e os passadiços do Paiva foram percorridos de modo a experienciar caminhadas com um contacto com a natureza semelhante no sentido de acompanhar a água conduzida.

A forma, como o arquiteto e fotografo Duarte Belo procura conhecer o território, teve uma grande relevância neste processo através do exemplo da sua experiência profissional, dedicando tempo para viver o sítio que pretende conhecer, passar algum tempo a vê-lo, a ouvi-lo, a admirá-lo e a descobri-lo. Por outro lado, o trabalho de Richard Long é referido pela colocação de uma imposição própria que determina um percurso ou que estabelece uma orientação no território e essencialmente, pelo seu caráter de presença neste, marcando-o com a sua existência e persistência.

Na procura pela presença da água no ato de projetar, foi escolhida a obra de Carlo Scarpa onde é evidente esta interligação entre espacialidades e programas distintos, como inspiração para o desenho dos espaços propostos.

REGISTO GRÁFICO

Após a análise dos arquivos existentes e o reconhecimento do território *in situ* que ditou os locais de intervenção, foi transposto em elementos gráficos a compilação das diversas cartas e desenhos para a elaboração do registo cartográfico. Efetuou-se o levantamento fotográfico e fotogramétricos com recurso a um drone - *DJI Phantom 3 Pro,* e duas câmaras reflex. Realizaram-se maquetes enquanto instrumento de análise e como ferramenta para experiências no desenvolvimento do trabalho o que possibilitou transmitir uma ideia transversal do sistema do aqueduto e a sua relação com a topografia, numa escala visual e táctil.

012 | *Forte de Santo António, 2016*, Évora, Francisco Brito

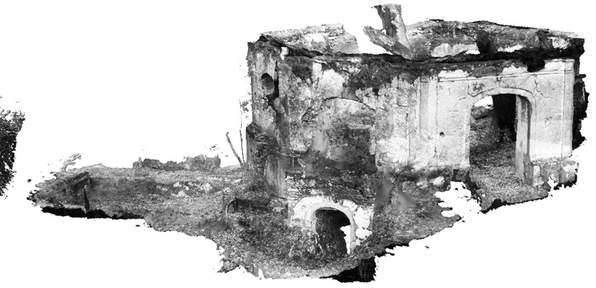
PRODUÇÃO

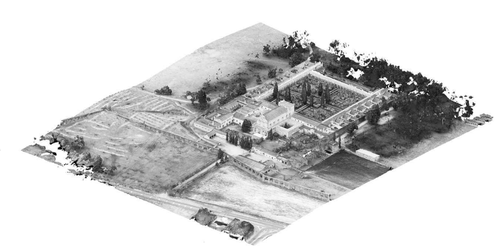
Vivemos numa era em que a tecnologia está presente na maior parte da nossa vida e evolui a uma velocidade quase incompreensível para quem não é do meio. Deste modo, pretendeu-se tirar o maior proveito possível dos meios disponíveis e acompanhar parte dessa evolução para poder, à semelhança das iniciativas das visitas guiadas, dar a conhecer lugares únicos onde podemos encontrar algumas singularidades que estão em risco de se perder como é o caso da fonte do Arcediago. Para isso, formou-se um registo fotográfico terrestre e aéreo, da área de estudo e elaboram-se fotogrametrias[4] da Fonte do Divor, Fonte da Água Férrea, Fonte do Arcediago, Poço na Malhada da Manizola, Torrinha, Caixa de Água da Cartuxa, entre outras, na perspetiva de contribuir para a salvaguarda do que foram, são e poderão vir a ser.

Juntamente com os elementos citados, apresenta-se um conjunto de fotografias que completou a exposição realizada e todo o trabalho, procurando «*imaginar a evidência*»[5] e evidenciando a imaginação. A captação de filmagens aéreas afirma um papel muito relevante por tirar partido da visão abrangente que se consegue transmitir com elas e que não é percetível em terra à escala humana. Produziu-se ainda um filme como elemento de convite para a visita ao aqueduto e outro filme como elemento essencial da exposição. Por fim, elaborou-se um vídeo que é parte integrante do estudo e deste trabalho pretendendo mostrar a dualidade do ambiente rural e urbano e possibilitar uma melhor perceção da envolvência e a presença do Aqueduto da Água da Prata no território a fim de despertar a vontade de conhecer o que não se vê.

PROJETO

O projeto desenvolvido procurou conjugar as lições apreendidas ao longo do amadurecimento de todo o trabalho. Estreitaram-se os laços entre cada etapa da metodologia traçada para chegar ao resultado final em que o papel do caminhar teve uma grande importância no desenho do percurso e dos espaços propostos, assim como na descrição de toda a experiência.





013 | *Fonte do Arcediago*, 2017-2018, Évora, fotogrametria, Sylvie Claro e Francisco Brito . 014 | *Fonte do Arcediago*, 2017-2018, Évora, fotogrametria, Sylvie Claro e Francisco Brito . 015 | *Ponte Antiga na Ribeira do Pombal*, 2018, Évora, fotogrametria, Sylvie Claro e Francisco Brito . 016 | *Poço na Malhada da Manizola*, 2018, Évora, fotogrametria, Sylvie Claro e Francisco Brito . 017 | *Torrinha no Acesso A*, 2017, Évora, fotogrametria, Sylvie Claro e Francisco Brito . 018 | *Caixa de Água da "Cartuxa" - Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli*, 2017, Évora, fotogrametria, Sylvie Claro e Francisco Brito

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está organizada em seis capítulos:

O primeiro capítulo apresenta as problemáticas que engloba o tema, as motivações, os objetivos e a metodologia de trabalho.

O segundo capítulo faz uma breve referência ao enquadramento da cidade de Évora no âmbito do tema da água e descreve uma análise geral do concelho através da representação de plantas síntese sobre a topografia, a hidrografia, a estrutura urbana e os percursos ambientais com a rede viária. De seguida, desenvolve-se a abordagem contextual do Aqueduto da Água da Prata, expondo o pretexto da sua origem, alguns fundamentos sobre um aqueduto anterior da época romana e os princípios com que era gerido.

No terceiro capítulo apresenta-se uma cronológica com os acontecimentos mais significantes relacionados com o aqueduto de modo a enquadrar o leitor numa faixa temporal contínua.

No quarto capítulo evidencia-se a importância de viver/ experienciar o lugar e adquirir através do caminhar, o seu (re)conhecimento. São referidos alguns exemplos da arte de trilhar o território e as iniciativas para a ampliação da valorização do monumento junto da comunidade através de visitas organizadas, tidas como ferramenta de trabalho, assim como a realização de uma exposição. Seguidamente é apresentada a experiência de campo no que dita o reconhecimento do território e a interpretação do percurso concretizado.

O quinto capítulo revela a proposta de projeto, começando por referenciar os conceitos tidos em consideração e expondo as premissas para o desenvolvimento do plano geral de intervenção. Posto isto, o trabalho é narrado, apresentando os espaços singulares que se anexam ao itinerário revitalizado e os espaços fulcrais propostos para complementar a experiência do percurso.

No sexto capítulo são expostas as considerações finais enquanto perspetivas em aberto sobre situações descritas ao longo do trabalho e sugestões apresentadas para uma valorização dos espaços confinantes com a infraestrutura em estudo.

Por último é apresentado um conjunto de elementos reveladores do trabalho produzido e, possivelmente relevantes como bases para futuros projetos. É o caso das maquetes territoriais e do vídeo com um papel fundamental enquanto elemento elucidativo da envolvência do Aqueduto da Água da Prata no território. Estes elementos são parte integrante da dissertação e estão expostos no CD constituinte do trabalho.

019 | *Percurso rural, 2017*, Evora, Sylvie Claro

020 | Entrada do Aqueduto, 2016, Évora, imagem de drone, Francisco Brito

II

A CIDADE E O AQUEDUTO

"Eis a nobre cidade, certo assento

Do rebelde Sertório antigamente;

Onde ora as águas nítidas de argento

Vem sustentar de longe a terra e a Gente,

Pelos arcos reais, que cento e cento

Nos ares se alevantam nobremente,

Obedeceu por meio e ousadia

De Giraldo, que medos não temia." [6]

021 | *Évora*, 1668 - 1669, aguarela de Pier María Baldi

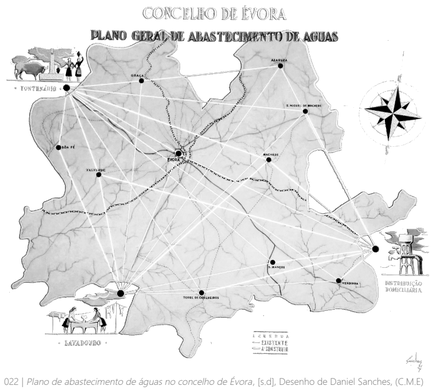
ENQUADRAMENTO HISTÓRICO [7]

"Entre todas as coisas, parece que nenhuma apresenta tantas utilidades quanto a água." [8]

A cidade de Évora, capital de distrito e sede de concelho, é facilmente reconhecida pelo seu perfil com o centro histórico abraçado por um perímetro amuralhado dando destaque à Sé e às evidências de outras presenças como o Templo Romano que se assumem na cota superior da cidade, dentro do segundo perímetro amuralhado - a cerca velha, anterior à atual muralha reestruturada - a cerca nova. Realça-se ainda o perfil monumental do Aqueduto da Água da Prata, na chegada Norte à cidade.

Esta cidade, tida como um dos principais centros do reino, foi morada da Corte por alguns períodos de tempo. D. João II, no seu reinado no séc. XIV intitulou-a como segunda cidade da Corte[9] mantendo o título e importância no reinado de D. Manuel I (séc. XV a XVI). Na época, o sistema de abastecimento de água na cidade era confinado a poços individuais ou de uso público e a cisternas que armazenavam as águas pluviais. Existiam ainda os *aguadeiros de profissão*[10], pessoas cujo o seu trabalho era transportar desde uma fonte salubre até às habitações dos seus compradores a água que era um bem essencial, imprescindível e escasso na época. No séc. XVI, a corte mudou-se para Évora onde permaneceu continuamente de 1531 a 1537[11].

A irregularidade da precipitação nesta região foi sempre uma realidade, enfrentando-se longos períodos de seca, pelo que a escassez de água potável era um facto indesejável e que necessitava de ter uma solução mais eficaz e permanente. Assim, durante a mais demorada estadia da Corte na cidade de Évora, D. João III confrontou esta situação, disposto a mudar a má imagem que a cidade sofria pela escassez deste bem valioso. Como demonstração do poder régio impulsionou o desenvolvimento da cidade ordenando a construção de um Aqueduto[12] em 1531 para abastecimento de água corrente à cidade, melhorando notoriamente as condições de salubridade e consequentemente a habitabilidade salvaguardando a população do aparecimento de surtos epidémicos.[13]



022 | *Plano de abastecimento de águas no concelho de Évora*, [s.d], Desenho de Daniel Sanches, (C.M.E)

023 | *Forte de Santo António com o Centro Histórico como plano de fundo*, 2016, Évora, imagem de drone, Sylvie Claro

ANÁLISE GERAL DO CONCELHO

A uma escala global, observa-se um território agrícola/ rural. A paisagem presente é caracterizada por montes alentejanos, herdades, searas e pastagens, pontuada por azinheiras, sobreiros e vinhas. A dualidade entre o urbano e o rural é percetível pelas atividades culturais e sociais, inerentes ao desenvolvimento de cada população[14].

As plantas gráficas que se seguem desenham quatro aspetos relevantes do concelho no âmbito desta dissertação: a topografia, a hidrografia, a rede urbana e a rede viária com o destaque dos percursos ambientais.

CONCELHO DE ÉVORA

ORTOFOTOMAPA

— AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA

N

0 1.3 5.2km

TOPOGRAFIA

Esta planta representa a topografia do concelho de Évora onde são percetíveis as direções que o aqueduto toma, seguindo cotas quase de nível[15] até se aproximar à cidade. Verifica-se uma ligeira diferença de cotas[16] entre o início do aqueduto localizado a nordeste na região da Graça do Divor (1) e o seu termo no centro histórico da cidade de Évora (2). Esta particularidade permite que a água corrente no cano siga a uma velocidade controlada de forma a evitar a corrosão das paredes do cano e consequentemente causar o menor arraste das areias naturalmente transportadas. O contrário não contribuiria para uma boa qualidade da água e danificaria a estrutura mais rapidamente obrigando a intervenções de reparação regulares para além da manutenção habitual. A caminho da cidade, o aqueduto transpõe as zonas do território vincadas com um declive acentuado mantendo a inclinação do cano adequada ao pretendido e garantindo que chega à cidade por efeito da gravidade.

C O N C E L H O D E É V O R A

T O P O G R A F I A

Aqueduto da Água da Prata

curvas de nível 5m

N

0 2.5 10km

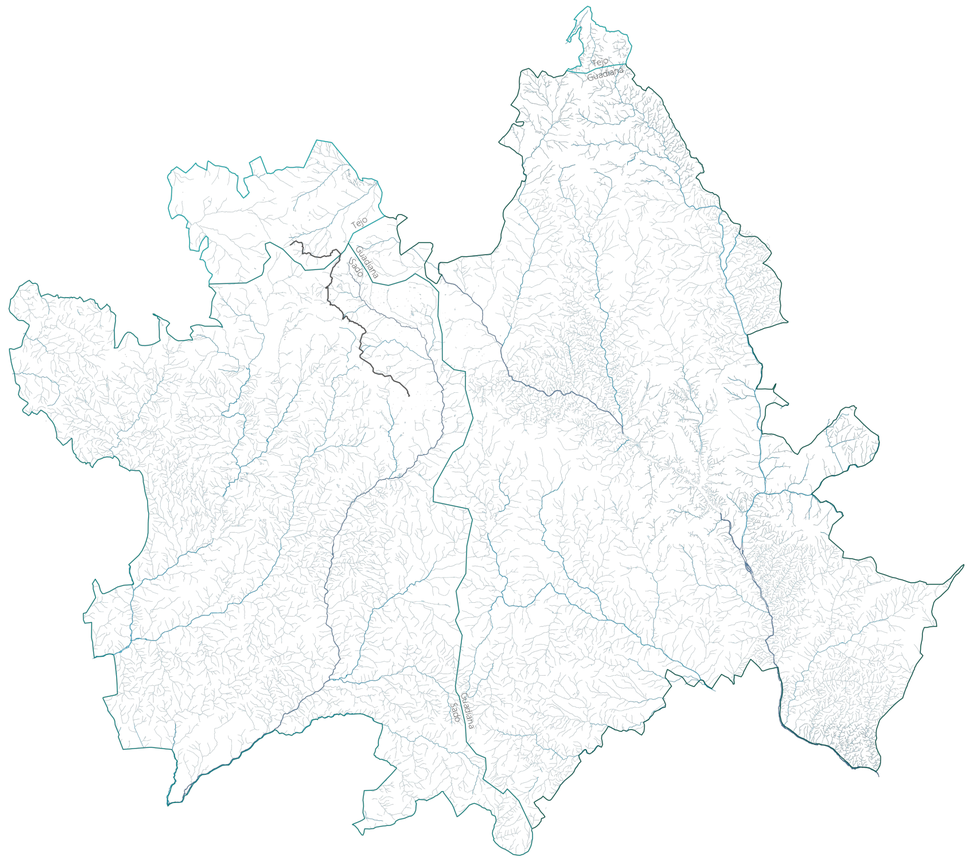
HIDROGRAFIA

"A rede hidrográfica do concelho caracteriza-se por uma densa rede de cursos de água de carácter sazonal, ponteada por diversas massas de águas públicas e privadas que asseguram a retenção, armazenamento e disponibilidade da água ao longo do ano." [17] Com esta planta representativa das linhas de água principais e secundárias, confirma-se a escassez delas no lugar de implantação da cidade (1) pelo que destaca Évora como uma das poucas cidades antigas que se desenvolveu afastada de cursos de água mais significativos[18]. Contudo, através do manuseamento da água constrói-se o desenvolvimento territorial. Para este feito, a funcionalidade do aqueduto foi vital. Destaca-se a zona apelidada de Sete Águas (2), o lugar de confluência das três bacias que abrangem o concelho - Tejo a norte, Sado a Oeste e Guadiana a Este. Para além do conhecimento popular da época quanto à boa qualidade da água desta zona, percebe-se um pouco mais do alinhamento e a origem do cano que conduz a água desde as nascentes da Herdade das Figueiras (3) localizada a norte da Graça do Divor[19] (4) se se prolongar uma linha imaginária a partir de uma das laterais do Tempo Romano, verificamos que será coincidente com o ponto mais alto desta herdade onde se localizam as primeiras nascentes que o abasteciam[20]. Aponta-se esta curiosidade pelo facto de hoje se saber que existiu um tanque de água em volta do templo[21] com função cultural algo que fortalece de novo a teoria da existência de um Aqueduto Sertoriano antes do atual aqueduto quinhentista e que se confirma a viabilidade deste tanque ser abastecido conforme analisado na planta anterior em que as cotas topográficas corroboram essa possibilidade.

CONCELHO DE ÉVORA

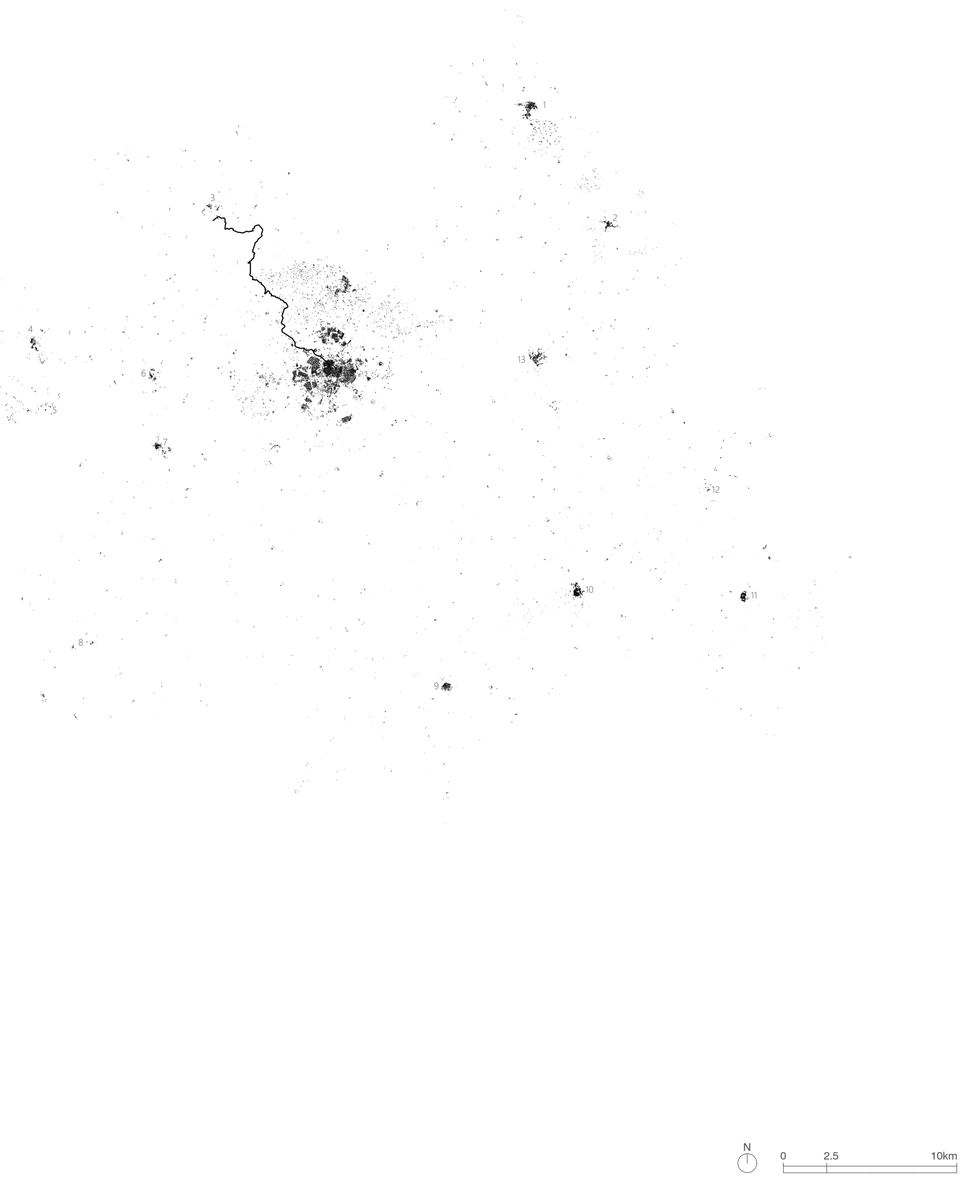
HIDROGRAFIA

- Aqueduto da Água da Prata
- rede hidrográfica principal
- rede hidrográfica secundária
- rede hidrográfica geral
- bacia hidrográfica do Tejo
- bacia hidrográfica do Sado
- bacia hidrográfica do Guadiana



ESTRUTURA URBANA

Na estrutura urbana do concelho, o núcleo da cidade de Évora, destaca-se pela densidade de construções[22]. Fora do perímetro amuralhado da cidade[23], os bairros mais próximos deste, têm uma elevada presença e desenvolvem-se na sequência dos eixos de ligação à cidade como será representado na estrutura viária da planta correspondente aos percursos ambientais. À medida que nos afastamos do centro histórico da sede de concelho, verifica-se a presença de herdades que pontuam o território e destacam-se alguns aglomerados representando localidades com alguma concentração habitacional, tais como Azaruja (1), S. Miguel de Machede (2), Graça do Divor (3), S. Sebastião da Giesteira (4), Boa Fé (5), Guadalupe (6), Valverde (7), S. Brás do Regedouro (8), Torre de Coelheiros (9), S. Manços (10), Vendinha (11), Valongo (12) e Nossa Senhora de Machede (13). O aqueduto surge na Graça do Divor que representa um deste aglomerados e atravessa as herdades cruzando-se com casas e terrenos até chegar a Évora. A sua monumentalização é balizada entre o Convento de S. Bento de Cástris, e o centro histórico da cidade. Neste intervalo atravessa o Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli[24] e o Forte de Santo António. Esta área compreende uma zona de proteção que limita o nível de construção para preservar o enquadramento monumental. Este limite faz da muralha, uma charneira entre a zona menos edificada e outra realidade no interior do perímetro amuralhado que apresenta uma elevada densidade de construção na qual o aqueduto se apoia.



CONCELHO DE ÉVORA

ESTRUTURA URBANA

Aqueduto da Água da Prata

edifícios centro histórico

estrutura urbana geral

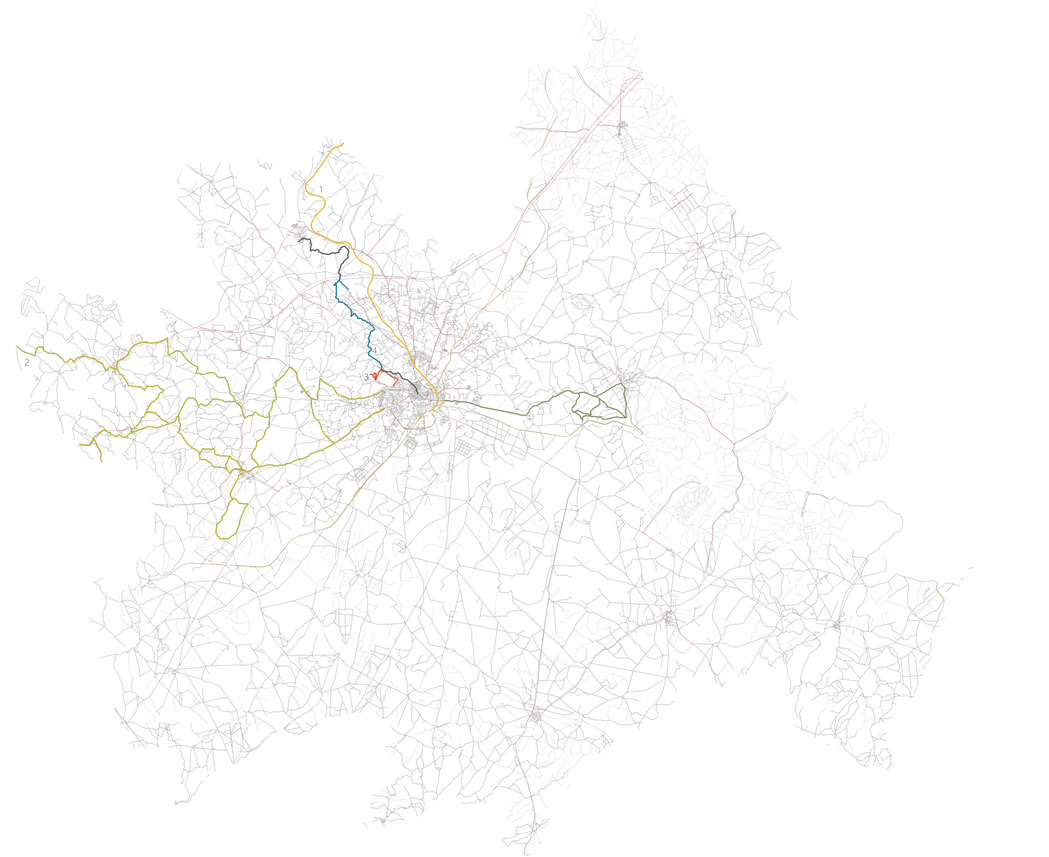
PERCURSOS AMBIENTAIS

Atualmente, o concelho possui cinco percursos ambientais: a *Ecopista* (1)[25] com, aproximadamente, 21km[26] e contorna a cidade de sudeste a noroeste; a rede de *Percursos de Monfurado* (2)[27] com aproximadamente 88km localizada a oeste de Évora no sítio de Monfurado inserido na Rede Natura 2000; os *Percursos do Alto de São Bento* (3)[28] localizados a noroeste num raio de apenas 3 km do centro da cidade, sobre a encosta do monte com o mesmo nome onde se poderá desfrutar do *belveder*[29] dispondo de uma vista panorâmica privilegiada sobre a cidade o território envolvente; o *Percurso da Água da Prata* (4), a noroeste, acompanha o Aqueduto desde as portas da cidade até à zona de Metrogos numa distância de aproximadamente 8.3km; e os *Caminhos do Degebe* (5) com aproximadamente 50km.

CONCELHO DE ÉVORA

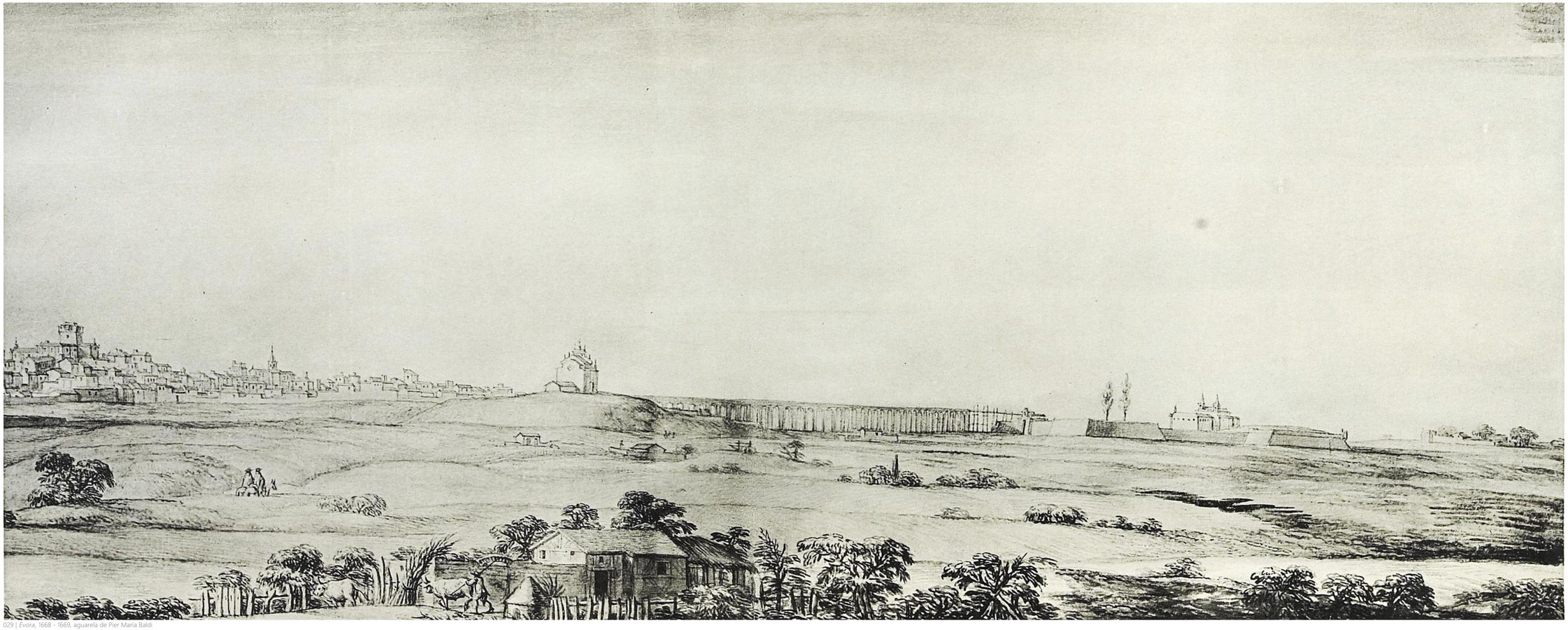
PERCURSOS AMBIENTAIS

- Aqueduto da Água da Prata
- rede viária principal
- rede viária geral
- rede de comboio
- percurso da Ecopista
- percursos de Monfurado
- percursos do Alto de S. Bento
- percurso da Água da Prata
- percursos do Degebe



N

0 2.5 10km



029 | *Evora*, 1668 - 1669, aguarela de Pier Maria Baldi

CONTEXTUALIZAÇÃO

"E, este sim, é o verdadeiro monumento, tão utilitário quanto grandioso, que os antigos documentos designam, apropriadamente, por Cano Real da Água da Prata." [30]

Como referimos anteriormente, o Aqueduto da Água da Prata[31] é uma estrutura hidráulica que permite conduzir a água desde as nascentes salubres localizadas na Graça do Divor até ao destino no centro da cidade de Évora. Foi uma estrutura que viabilizou a evolução da cidade de Évora, assim, através da manipulação da água construiu-se o desenvolvimento territorial.

O aqueduto marca a paisagem ao longo de 18km[32], serpenteando o território umas vezes erguendo-se em arcaria para transpor as diferenças de cotas no vasto território, outras vezes rompendo a paisagem entre azinheiras e sobreiros, campos de pasto e ervas aromáticas assumindo-se em forma de muro que delimita o espaço e lhe dá um carácter de uma fronteira, e ainda desvanecendo-se sob a terra ao longo de aproximadamente 8km.

A construção deste aqueduto tem na sua génese não só o fundamento funcional, mas também o fundamento ideológico enquanto manifestação de poder. Exemplo disso é revelado no momento em que se destaca pela primeira vez[33] onde cruza a estrada de Arraiolos[34], e expõe-se perante a cidade, enquanto estrutura monumental sobre a forma de uma espécie de pórtico para a entrada majestática do Rei. Os dois arcos diferentes dos restantes e voltados para a cidade marcam o simbolismo de uma entrada régia, a entrada triunfal do rei quando vinha de Almeirim, Abrantes, Santarém ou de Lisboa e avistava a cidade de Évora. A torre central[35] tem no seu topo uma espécie de cúpula que se assemelha a uma guarita e que nos revela traços de outra obra do mesmo autor - a torre de Belém[36].

O seu nome - Água da Prata - tem duas possíveis origens. A primeira vertente defende que advém da toponímia da Herdade da Prata onde se localizam as suas principais nascentes. A segunda hipótese deve-se à cor

030 | *Cano Alto*, 2016, Évora, Sylvie Claro

prateada da água e por isso não se considera a expressão ligada a um topónimo uma vez que *"a esta hesitação ou ambiguidade do termo se deve o modo de ortografar prata com um P maiúsculo."* [37]

Faz parte desta infraestrutura, um vasto património de sistemas adutores, fontes e chafarizes que dão maior encanto e utilidade à obra[38].

Esta obra beneficiou a população outrora restrita à sazonalidade dos cursos de água da região e sofrendo com os longos períodos de seca. Foi um elemento chave para o crescimento da cidade. Dado esse desenvolvimento, são aumentadas as captações de água e implementadas estações de bombagem para assegurar a eficácia do abastecimento à população como figura na ilustração de Daniel Sanches referente às captações inferiores do aqueduto apresentada adiante.

Enquanto funcionou, esta infraestrutura, teve diversas intervenções[39], entre reparações, encurtamentos, e adições de caixas de água para permitir um maior e melhor controlo sobre a qualidade da água. Estas caixas são peças essenciais pela sua função de arejamento e decantação da água, assim como para permitir as visitas para manutenção. Algumas têm ainda outra função como regular o caudal eorientar o curso de água para diferentes locais e são conhecidas como *arcas de distribuição* sendo o caso da caixa de água da Rua Nova[40] - a última caixa no núcleo histórico da cidade, que se destaca pela ornamentação com desenho clássico semelhante ao Templo Romano, apurando simbolicamente a designação de *Castellum Aquae* [41].

A estrutura do aqueduto é descrita na dissertação da arquiteta Filomena Monteiro sendo que o canal de água do aqueduto no troço rural *"é construído em material cerâmico, não vidrado, possuindo as suas peças um encaixe específico para impedir percas de água"* [42]. Grande parte da sua construção à vista é coberta com lajes irregulares de granito dispostas em troços que se repetem de forma constante ao longo da sua estrutura e que serviram para rematar superiormente o canal, de forma a simplificar a possibilidade de lhe aceder para se efetuarem, sempre que necessário, trabalhos de manutenção ou reparação. Assim, retiravam-se as lajes nesses troços e após a intervenção eram novamente colocadas para manter o canal o mais salubre possível.

031 | *Aqueduto em zona rural*, 2018, Evora, imagem de drone, Sylvie Claro

Atualmente, esta infraestrutura já não possui a finalidade para a qual foi construída, porém, pelo seu carácter histórico e valor patrimonial, contribuiu juntamente com outras edificações, para a classificação da cidade pela UNESCO[43].

Embora o sistema de abastecimento de água à cidade tenha evoluído e já não dependa do aqueduto, ainda corre nesta infraestrutura água que é armazenada nos reservatórios do Alto de São Bento junto ao Mosteiro de São Bento de Cástris[44]. Este potencial está a ser (re)analisado pela autarquia com vista a (re)abastecer a cidade contemporânea com água, não para consumo, mas para a rega das áreas verdes e para os fontanários que hoje se destacam como elementos estéticos e de caráter cultural[45].

Entretanto o aqueduto mantém a sua presença que nos faz levantar o olhar enquanto se enaltece e rompe pela cidade[46]. No interior da muralha demorou um ano a percorrer duzentos metros até chegar à Praça do Giraldo[47] devido às negociações *palmo a palmo, casa a casa*[48], com cada proprietário. Para agilizar o processo e minimizar os inconvenientes das expropriações, o rei acordou a possibilidade dos moradores serem ressarcidos autorizando-os a construir as suas casas no intradorso dos arcos, difundindo-se assim o aqueduto na malha urbana, não por abuso de apropriação daquele espaço mas pela autorização concedida pelo rei num gesto benevolente de se utilizar a própria estrutura para se construir aquelas habitações.

Fez-se correr água na Praça de Giraldo[49] em 1537 mas a obra continuou para levar a água ao Paço Real[50] junto à Igreja de São Francisco. Em frente a esta igreja, ergueu-se a *Torrinha*[51], concluída em 1539, correspondente ao *Terminus*[52] do aqueduto.

Os indivíduos mais curiosos sobre o trajeto do aqueduto antes de chegar à cidade, procuram descobri-lo através dos acessos ao percurso ambienta[53] que segue uma parte da sua estrutura.

Para um conhecimento mais detalhado relativamente às datas mais relevante do *Cano Real* serve de apoio e complemento a cronologia descrita no próximo capítulo.

032 | *Apoios do aqueduto no território*, 2016, Évora, imagem de drone, Sylvie Claro

FUNDAMENTOS DE PRÉ-EXISTÊNCIAS

Existem factos que nos levam a ter em consideração a possibilidade da existência de um aqueduto anterior ao que hoje conhecemos. Por exemplo a *Rua do Cano* já existia na toponímia da cidade, trezentos anos antes[54] do Aqueduto da Água da Prata, o que reproduz da memória antiga da cidade um outro cano, possivelmente para o mesmo efeito pois como já referimos, o aqueduto era também apelidado de cano.

O arqueólogo e historiador Francisco Bilou, despertado pela vontade de descobrir os vestígios arqueológicos de um Aqueduto da era Romana sob a fundação do Aqueduto da Água da Prata que intitula como o maior projeto de aparato público do Renascimento português, apresenta, no seu trabalho de dissertação de mestrado, diversas (re)descobertas, entre as quais, *pegões*[55] junto à cerca do Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli e do Forte de Santo António, entre outros locais como na *Torralva*[56], que comprovam os eventuais testemunhos da existência do denominado Aqueduto do Sertório ou Aqueduto Sertoriano.

Na obra já citada deste autor, são apresentados os testemunhos e escritos de André de Resende[57], Manuel Fialho[58] e Túlio Espanca[59] entre outros.

O detalhado e contínuo trabalho de campo de Francisco Bilou, revelou novas descobertas e através do seu olhar sábio e atento, conseguiu identificar diversas inscrições[60] sobre a argamassa do atual aqueduto. Estas descobertas contribuíram para decifrar cronologicamente a construção do cano e o sentido da evolução da obra.

Através deste feito, valoriza-se a importância de olhar, observando e lendo, o que os próprios monumentos deixam registados na memória do seu tempo[61].

033 | *Mosteiro de Santa Maria de Scala Coeli*, 2016, Évora, imagem de drone, Francisco Brito

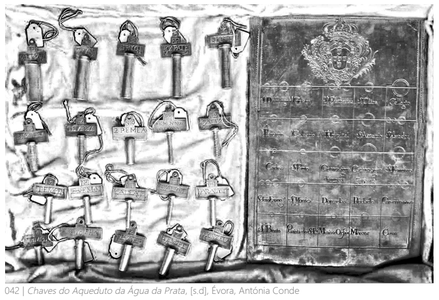
O REGIMENTO

O Regimento do Aqueduto da Água da Prata[62] é um manuscrito raro composto por um volume de pergaminhos, que servem de regulamento[63] ao *Cano Real*. Este manuscrito[64], datado de 1606, é resultado da reformulação e atualização de um regulamento anterior para a Fábrica do Aqueduto[65] como explica Filomena Monteiro: *"tal documento deveu-se ao rei D. Filipe III de Espanha que providenciou a sua compilação, o qual resultou da transcrição das leis existente, à altura, sobre o aqueduto."* [66]

Neste regime legal de proteção à estrutura do aqueduto consta quem o mandou construir; qual o caminho a tomar; as desapropriações; todas as obras e alterações; os honorários; os materiais e técnicas; as obrigações dos mestres de obra e dos seus assistentes; os donatários[67]; a angariação de dinheiro para a sua obra; as fiscalizações; as sanções aplicadas a quem não o cumprisse; e as medidas de salvaguarda do aqueduto entre as quais: as distâncias mínimas impostas para proteger o cano dos animais e da vegetação invasiva, por exemplo o caso de quinze palmos de vara[68] (aproximadamente 3.3 metros) de cada lado dos canos como distância mínima limpa, sem qualquer árvore com ou sem fruto, mato ou silvas. No caso de árvores como a Figueira que têm maior capacidade de infiltração nos canos, a distância imposta é de sessenta palmos (aproximadamente 13.2 metros) os animais por sua vez, deveriam manter-se a uma distância nunca inferior a dez palmos (aproximadamente 2.2 metros). Caso estas normas não fossem cumpridas, e o *Cano Real* fosse vandalizado ou ocorressem práticas de desvio da água, seriam aplicadas multas e punições relativamente à gravidade e ao estatuto social do incumpridor que revertiam para a manutenção do Aqueduto.

Todas estas ações, especialmente de preservação, vigilância e aplicação de penas, dependiam de um conjunto de oficiais da *Fábrica do Aqueduto*.

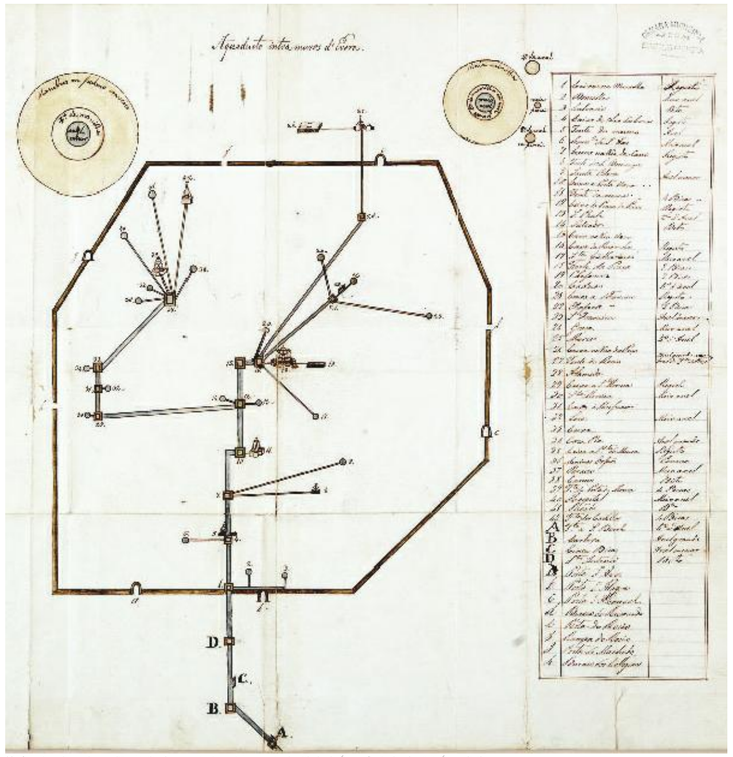
Em situações de escassez de água, o Regimento estabelecia horários de acesso e o Provedor[69] cessaria o caudal para todos os donatários e faria correr a água apenas para as fontes públicas desde a manhã até às 22h, sendo depois até ao amanhecer atribuída pelo respetivo *anel de água*[70] os mosteiros e todos os donatários.



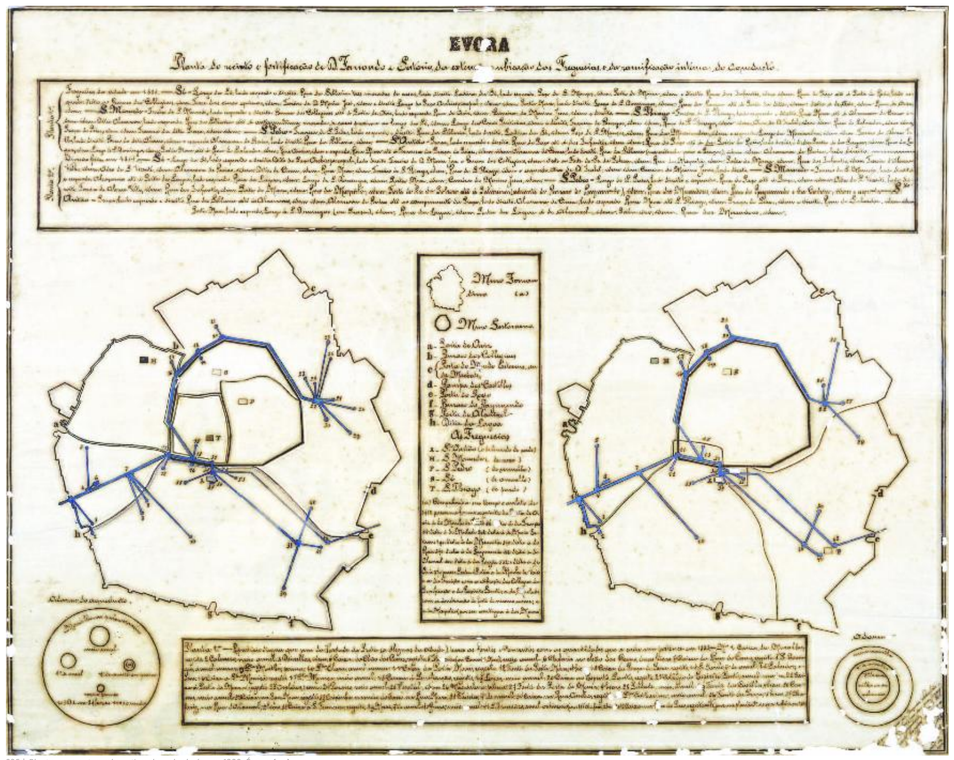
042 | *Chaves do Aqueduto da Água da Prata*, [s.d], Évora, Antónia Conde

043 | *contra capa do Regimento do Aqueduto*, (1606), (C.M.E.)

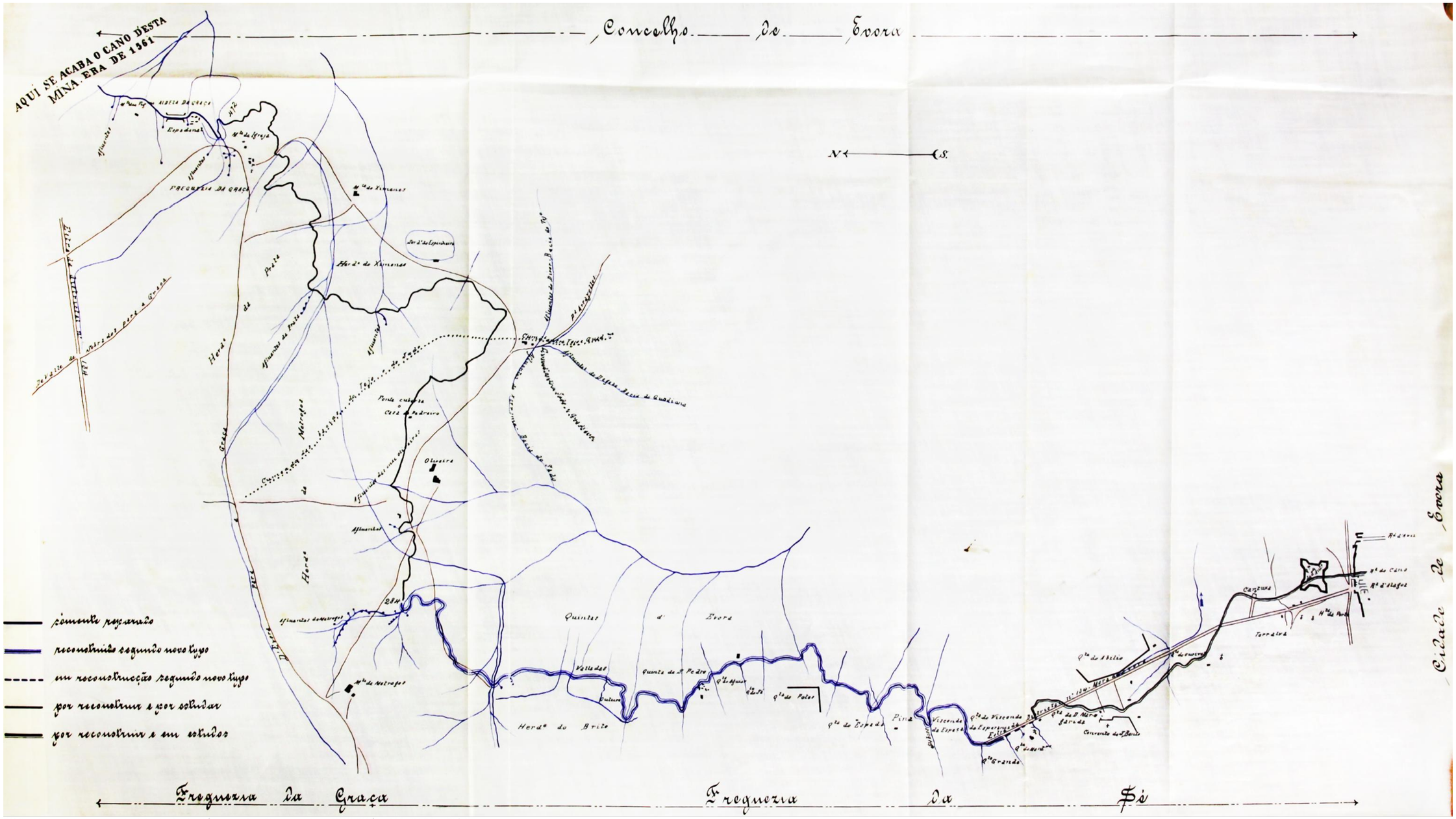
ILUSTRAÇÕES, CARTOGRAFIA ANTIGA E LEVANTAMENTO ATUAL



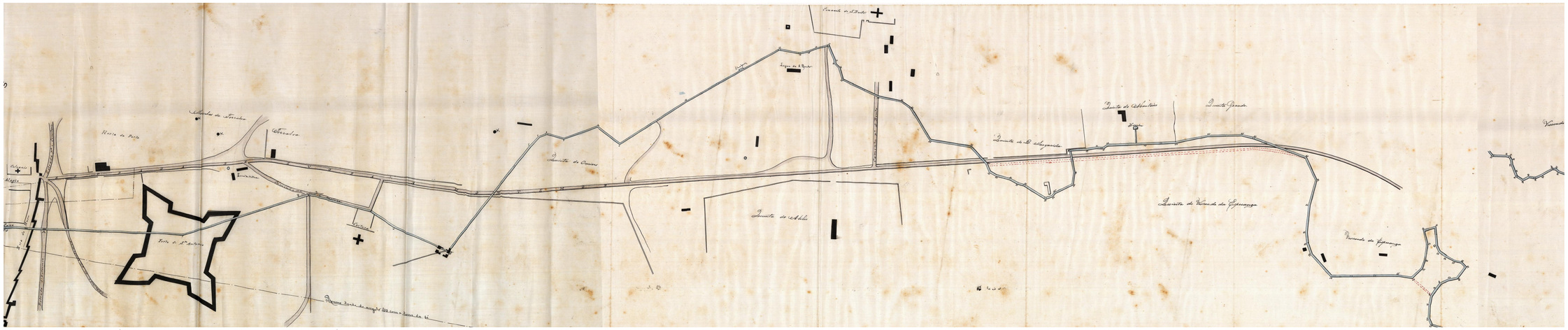
034 | *Antiga planta da canalização das águas sertorianas intra-muros da cidade de Évora, finais do séc. XIX* , Évora, [s.n]



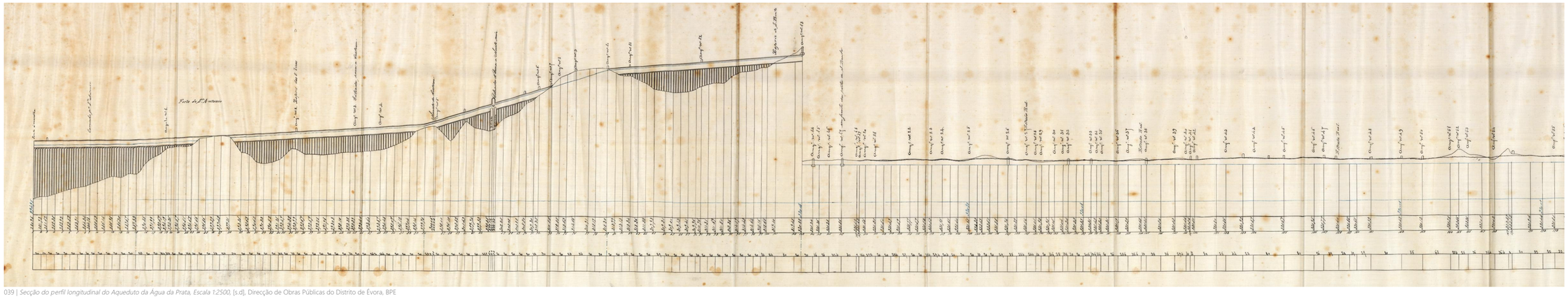
035 | *Plantas com o traçado antigo da rede de águas*, 1900, Évora, [s.n]


Concelho de Evora
AQUI SE ACABA O CANO DESTA MINA ERA DE 1561
N
S
Freguezia da Graça
Freguezia da Sé
Cidade de Evora
Herd.e do Brito
Quintas d' Evora
Herd.e de Ximenes
Herd.e de Netrages
Herd.e de Pera
Herd.e de Espinhaira
Olivais
Pinta
Canteiro
Torreira
Convento de S.ta Maria
Mera
Ponte cubierta
Caz de Pedreiro
Quinta de S.ta Pedro
Valladas
Butum
Viscende de Espinheira
Viscende de Espinheira
Grande
Freguezia
Estrada
Caminho
Rio
Ribeira
Aqueduto
Aqueduto dos Pipos a Graça
Aqueduto dos Pipos a Evora
Aqueduto dos Pipos a Evora
Aqueduto dos Pipos a Evora

037 | *Captações inferiores ao Aqueduto*, 1951, Desenho de Daniel Sanches, (C.M.E)

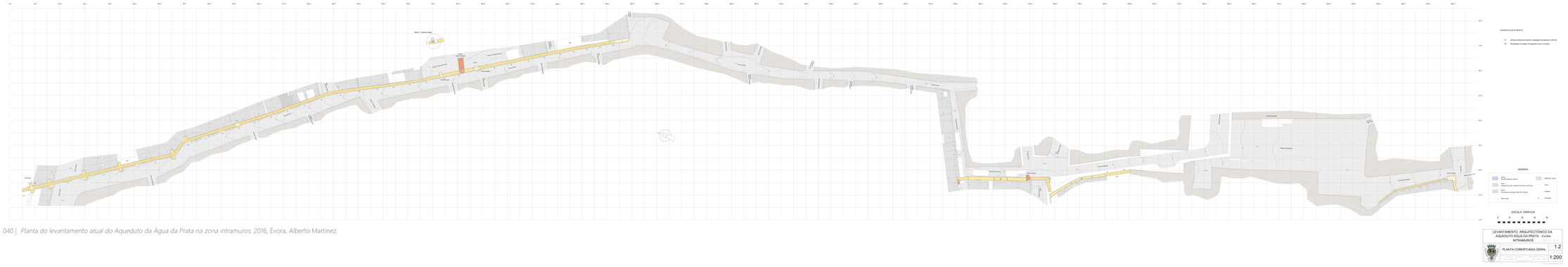


038 | *Secção da planta do Aqueduto da Água da Prata, Escala 1:2500*, [s.d], Direcção de Obras Públicas do Distrito de Évora, BPE



039 | *Secção do perfil longitudinal do Aqueduto da Água da Prata, Escala 1:2500*, [s.d], Direcção de Obras Públicas do Distrito de Évora, BPE

N


Praça Conde de Agro
Rua do Cano
Rua Frei Manuel do Cenáculo
Rua Frei Manuel do Cenáculo
Rua do Cano
Rua do Cano
Rua do Cano

044 | Demolição do Terminus do Aqueduto da Água da Prata, [s.d]. Évora. AFCME. PEP0015

III

CRONOLOGIA

AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA
ARQUITETOS E MESTRES [71]

1531 - 1537	Francisco de Arruda
1542	Miguel de Arruda
1548 - 1565	Diogo de Torralva
1566 - 1570	Manuel Pires
1570 - 1580	Afonso Alvares
1580	Baltazar Alvares
1570 - 1606	Mateus Neto
1610 - 1613	Braz Godinho
1613	Diogo Gonçalves
1697	Francisco Ferreira
1697	Carlos Doria

045 | *Obra de manutenção no aqueduto*, [s.d], Évora, AFCME, *VPC96*

046 | *Aqueduto da Água da Prata, vista no interior da entrada para o Mosteiro de Santa Maria de Scala Coeli*, [s.d], Évora, [s.n]

047 | *Aqueduto na estrada para Arraiolos*, [s.d], Évora, AFCME, *APS351*

048 | *Na estrada para Arraiolos*, década de 40, Évora, [s.n]

049 | *Rua de Pedro Simões*, [s.d], Évora, [s.n]

050 | *Vista no Forte de Santo António*, Évora, AFCME, *CME0370*

051 | *A caminho de Évora*, 1935, Évora, [s.n]

séc. I A.C	1501	1519	1531	1532
Possível construção do Aqueduto Romano, apelidado Aqueduto Sertoriano.	Confirma-se a existência dos canos feitos até perto da quinta de Jorge da Silveira em Valcovo, que juntamente com documentação comprovam a intenção de D. João II em trazer a água até à cidade. Contudo a obra a caminho da cidade estava suspensa.	D. Manuel, após ter experiênciado a escassez de água durante a sua estadia em Évora, sentiu a necessidade de proceguir o já iniciado por D. João II, condudo, saíra de Évora em 1521 e morre nesse ano, não concretizando o desejado.	D. João III retoma a decisão de concluir a condução da água até à cidade.	Permanência contínua de 20 de Novembro a 7 de Agosto de 1537 de D. João III em Évora.

052 | *Terminus do Aqueduto da Água da Prata*, [s.d], Évora, [s.n]

1533

Seguem-se ensaios para verificar a possibilidade de o conseguir e a emissão das determinações régias para devassar as propriedades particulares que o cano iria atravessar.

A obra tem início a 30 de Outubro.

1534

Construão da arcaria em S. Bento de Castris exposta pelas inscrições no reboco primário do troço entre S. Bento de Cástris e a Torralva.

1536

Chega ao arco da Rua Pedro Simões onde existe uma inscrição que o afirma.

Construção da Caixa de Água da Rua Nova.

1537

A 28 de Março a água da Prata chega à Praça de Giraldo.

1539

Construção da estrutura terminal do aqueduto em frente ao paço real e a par da igreja de S. Francisco, projeto de Miguel de Arruda e designada por *Torrinha* com traço renascentista.

1540

A água chega aos Paços Reais junto de S. Francisco.

1543

D. João III manda calcetar a Rua do Poço após as queixas dos moradores deviso à quadidade de água que circulava e que inundava algumas casas.

1546

donatários:

S. Domingos.

1547

A 16 de Julho D. João III manda tapar o cano sobre os arcos com telhas para preservar a qualidade da água.

1552

donatários:
Convento Nossa Senhora do Carmo.

053 | *Leão do antigo pórtico romano (atualmente localiza-se no Chafariz dos Leões)*, [s.d], Évora, *José Garnacho*

1554

donatários:
12 de Março ao Mosteiro Sta Catarina.
15 de Março ao Mosteiro Sta Clara.
30 de Outubro ao Convento Nª Srª da Graça e ao Colégio da Companhia de Jesus.

1555

donatários:
3 de Outubro ao Convento de Nª Srª do Paraíso.

1556

4 de Novembro chega à fonte da Portas de Moura.

donatário:

11 de Setembro ao Mosteiro de Santa Mónica e Colégio Espirito Santo.

1560

D. Henrique lembra a importância do aproveitamento da água que se desperdiça junto a S. Bento.

donatários:
30 de Março ao Mosteiro de S. João e Colégio Espirito Santo.

1565

Restauração da fonte da mina da Graça do Divor.

1569

donatários:

27 de Julho ao Convento de Vera Cruz (Calvário).

1570

21 de Agosto - D. Sebastião fez mercê a Afonso Alvares a demolição do chafariz, pórtico e arco da Rua Ancha - atual Rua joão de Deus, pertencentes à estrutura tércio-joanina do Aqueduto da Água da Prata, situados junto à igreja de Santo Antão.

1571

27 de Agosto - D. Sebastião determina a mesma quantia de água do cano Real que tinha ordenado ao Mosteiro do Calvário, ao Hospital Real do Espírito Santo.

6 de Novembro - Entrada pela Porta da Lagoa da pedra única que constinui a taça da fonte da Praça de Giraldo.

1572

Construção da atual Fonte da Praça do Giraldo.

Colocação no Chafariz dos Leões dois dos quatros exemplares de pedra que ordenavam a estrutura antecessora da fonte da Praça do Giraldo.

Camões escreve sobre o Aqueduto da cidade de évora em *"Os Lusíadas"*.

1573

D. Sebastião a pedido de D. Henrique lembra a conveniência de uma fonte publica no largo da Porta Nova e vê-se a mesma a ser construída.

054 | *Mosteiro de Santa Maria de Scala Coeli*, [s.d], Évora, AFCME, *DFT2304*

1576

Inaugurado o chafariz situado na Porta de Moura.

donatários:
10 de Maio Convento de Santo António da Piedade.

1576

Importante empreitada de consolidação do aqueduto, dirigidas pelo Visitador Afonso Álvares, pelo Provador Duarte de Moura e pelo Mestre Mateus Neto, por ordem do Cardeal D. Henrique que decorreu até 1671.

1584

23 de novembro, a câmara ordena a canalização de um lavadouro público às portas de Alconchel.

1585

donatários:
Santo António da Piedade

1591

donatários:
12 de Dezembro ao Mosteiro do Salvador.
20 de Dezembro à cadeia Municipal.

1592

Chega ao Rossio de S. Brás.

D. Filipe II ordena a construção do chafariz.

donatários:
20 de Dezembro ao Mosteiro Santa Maria Scala Coeli
onde é construída a "arca de água" do convento, construída adoçada a uma torrela do aqueduto e possui um tanque de decantação.

1594

donatários:
4 de Setembro ao Colégio dos Padres de Serra De Ossa (S. Paulo).

1601

o Governo Português instaurou um inquérito depois dos abusos e incomprimento das régias do controlo da água do cano que ocureram impulcionadas pelos consecutivos anos de escassez de água e tirando partido do desaparecimento da documentação.
Evidenciou-se então a necessidade da fiscalização do Aqueduto e da reformulação do seu Regimento.

1602

donatários:
5 de Setembro ao Convento de S. Francisco.

D. Filipe II aplica sanções à Companhia de Jesus, a Santo António da Piedade e ao Carmo que implicaram a redução da quantidade de água doada.

1604

Nova canalização até ao Rossio reformando-se o antigo poço e construindo-se o lavadouro sob a alçada do Comendador Pedro Alvares Sanches.

055 | *Tanque no Forte de Santo António da Piedade*, [s.d], Évora, AFCME, *MCS12655*

1606

O Rei D. Filipe II reformula o Regimento das Fontes, Aqueduto e Fábrica da Água da Prata da Cidade de Évora. Este manuscrito foi ampliado com os novos donatários até 1606 tendo sido verificado o seu termo de encerramento a 17 de Abril.

1619

donatários:
em Dezembro ao Convento de Nª Srº dos Remédios.

1621

donatários:

1 de Julho ao Recolhimento das Donzelas.

1644

D. João IV concede uma pena de água às Bernardas de Évora.

1651

primeira referência ao Largo dos Chão das Covas.

1663

Após o exército castelhano de D. João de Austria a 21 de Maio romper a murralha fernandina junto ao Aqueduto, D. Filipe cuidou de preservar o cano real.

1669

Obras de reparação junto ao Forte de António.

1671

O Mestre João da Cunha realiza outra beneficação ao cano.

1686

donatários:
20 de Julho ao Recolhimento de Nª Srª da Piedade.

1694

donatário:
6 de Março ao Mosteiro de S. José (Convento Novo).

056 | *Obras no Largo do Chão das Covas*, 1948 - 1950, Évora, [s.n]

1699

A fonte da Porta Nova foi ornamentada com a estátua de Sertório pela visita de D. Catarina de Bragança Rainha de Inglaterra.

1703

Reforma do fontanário no Largo do Chão das Covas.

1728

D. joão V manda limpar e conservar todos os chafarizes e fontanários de Évora.

Confirma-se a existência de 22 fontanários de mármore nos jardins e claustros dos conventos, recolhimentos, hospital e cadeia da cidade.

1793

Inicio da Construção da fonte do Rossio de São Brás.

1808

Dr. João Limpo Pimentel, Desembargador e Reitor de S. Pedro, nomeado pelo governo napoleónico, Corredor da cidade, reparou a rutura na estrutura do cano junto do lagar das freiras de S. Bento de Cástris, aquando Évora estava tomada pelas tropas francesas do General Loison.

1840

Construção de um chafariz no Largo de S. Francisco, no dorso da arcaria do Aqueduto que conduzia à torre terminal da estrutura - *Torrinha*.

Reconstrução do chafariz de Alconchel.

1863

Provável data para a construção do chafariz no Largo de São Mamede.

1867

Construção do chafariz do Largo de Machede Velho.

1872

Início das obras de reparação entre as nascentes do Divor e São ento de Cástris mediante um novo modelo de transporte da água e alterações por encurtamento de alguns troços do aqueduto que terminaram em 1895.

1873

A caixa de água , junto à igreja de S. Francisco - a torre renascentista apelidada por *Torrinha* - foi demolida juntamente com a maior parte das dependências do palácio real.

057 | *Obras de requalificação do aqueduto*, [s.d], Évora, AFCME, *MCS2230*

1879

Conclusão das obras de reparações e readaptação da estrutura hidraúlica na zona de Metrogos.

1886

A fonte da Porta Nova foi transferida para o novo jardim da Praça D. Pedro IV onde existia a igreja de S. Domingos, atualmente é a Praça Joaquim António de Aguiar.

1903

Arranjo no Chafariz da Bravas mediante mecenato de Francisco Barahona.

1910

O Aqueduto da Água da Prata e a Fonte da Praça de Giraldo são classificados como Monumento Nacional.

1919

Registo do último donatário da água da Prata.

1920

A antiga fonte da Porta Nova fixa-se no Largo de Avis.

1922

A Caixa de Água da Rua Nova foi classificada como imóvel de interesse público.

Chafariz do Rossio de S. Brás e o Chafariz da Porta de Moura são classificados como monumento nacional.

1928

Projeto do Engenheiro Viriato Castro Cabrita para a remodelação do aqueduto e para as obras do abastecimento domiciliário de água. Para o mesmo, Castro Cabrita solicitou um parecer ao Geólogo Professor Ernest Fleury sobre a possibilidade de melhorar o volume diário de água ampliando as captações de água subterrânea.

1930

Inicia-se a disptibuição domiciliária de água com a construção dos reservatórios de chegada e a respectiva central elevatória da Rua do Menino Jesus e do depósito elevevado, junto ao Templo Romano.

1932

Construção da central elevatória e dos reservatórios de chegada de água à cidade.

058 | *Torrinha na estrada de Arraiolos*, [s.d], Évora, Sérgio Bernardo

1933

Substituição do reservatório de água, da conduta elevatória, e da estação elevatória no Pomar do Espinheiro consoante o projeto de Castro Cabrita.

A 4 de Junho é inaugurado o sistema de distribuição domiciliária de água.

A 1 de Julho os Serviços Municipalizados tomam a responsabilidade da distribuição de água na cidade.

1949

Obras para reforço da captação de água subterrânea decorreram até 1950.

O largo do Chão das Covas foi adaptado para dar lugar ao mercado diário que aí funcionou de 1949 a 1970.

1965

Conclusão da barragem do Divor destinada a fornecer através do aqueduto, água para o regadio e para o abastecimento a Évora e povoações vizinhas.

1966

Restauro da fonte no Largo do Chão das Covas.

Programa municipal de restauro das fontes Henriquinas - Praça do Giraldo e Prtas de Moura.

1970

CEA - Central Elevatória de Água, passa a ser utilizada apenas em casos excecionais, após ser encerada por consequência da construção dos depósitos situados na encosta do Alto de S. Bento.

1982

Conclusão da barragem de Monte Novo.

1995

Évora passou a depender da albufeira de Monto Novo depois da proibição de utilização da água da albufeira do Divor, por consequência da presença de cianobactérias e de uma aneurotoxina. Mais tarde foi levantada a proibição para o fornecimento de água aos animais.

1999

Oliveira Drei, realiza um estudo preliminar para averiguar o comportamento relativamente a sismos do troço monumental do Aqueduto da Água da Prata.

2003

Museulização da central elevatória de Águas da Cidade de Évora - CEA.

2005

A pequena quantidade de água que o aqueduto ainda transporta proveniente das captações subterrâneas da Graça do Divor e do Pomar do Espinheiro assim como a água proveniente da albufeira de Monte Novo é recebida nos reservatórios próximos ao convento S. Bento de Cástris.

Programa Municipal de Recuperação das fontes, bicas e chafarizes de Évora.

2008

Trabalhos de conservação e reabilitação dos troços do aqueduto em zona rural.

Abertura do percurso ambiental da Água da Prata.

2015

o Aqueduto da Água da Prata entra na lista World Monument Fund - WMF.

2016

Elaboração do levantamento arquitetónico do aqueduto no troço intramuros por Alberto Martinez.

A 30 de Outubro a C.M.E assinala o Watch Day onde procura captar a atenção de mecenas para um investimento na preservação do Aqueduto e afirma-se a (re)descoberta do possível aqueduto Romano através das escavações arqueológicas realizadas junto ao Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli dirigidas pelo Arqueólogo José Rui Santos.

2017

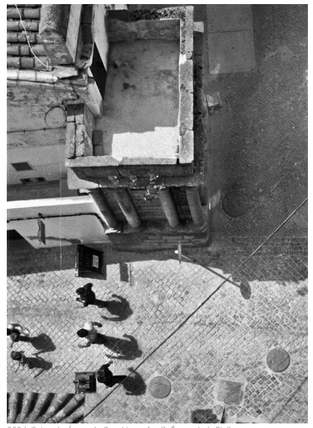
O tema da feira de S. João assinala os 480 anos da chegada da água à cidade pelo Aqueduto da Água da Prata.

2018

Conclusão do processo de levantamento arquitectónico elaborado por Alberto Martinez a pedido da Câmara Municipal de Évora do troço monumental do aqueduto - estrutura desde a caixa de água da Rua nova e S. Bento de Cástriz.

Carlos Manuel Rodrigues Pinto de Sá, presidente da C.M.E comunica o interesse em ver restabelecida a funcionalidade do aqueduto para abastecimento de água à cidade para regadio.

059 | *Aqueduto junto à Muralha da cidade de Évora*, [s.d], Évora, AFCME, *APS0193*



060 | *Caixa de Água da Rua Nova*, [s..d], Évora, Luís Fialho

061 | *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]

062 | *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]

063 | *Obras de requalificação do aqueduto*, [s.d], Évora, AFCME, *MCS2231*

064 | *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]

065 | *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]

066 | *Torrinha na Estrada de Arraiolos*, [s.d], Évora, AFCME, *Postal_152*

067 | *Aqueduto junto ao Forte de Santo António*, [s.d], Évora, AFCME, *MCS2233*

068 | Itinerário rural do Percurso da Água da Prata, 2016, Évora, Sylvie Claro

IV

CAMINHAR COMO INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO

"O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar..." [72]

REFERÊNCIAS

069 | *Caminhar*, 2016, Duarte Belo

"No campo habito a ausência de mim, afasto-me da minha condição de ser racional. Habito um tempo arcaico, como que longe de uma condição humana. É quase um momento pré-civilizacional em que me misturo, que integro uma cosmogonia plena e significante. Mas esse significado só se opera à posteriori, no regresso ao mundo da razão e da consciência." [73]

Os caminhos são parte da atuação do homem no território e cada trilho é traçado consoante a reunião das melhores condições para chegar ao destino, pelo que compreender este facto e analisa-lo no local, desenvolveu a nossa perceção de como o território é vivido e cada lugar é escolhido.

Ao longo de todas as experiências reunidas no local, confirmou-se a vontade de focar esta investigação enquanto proposta que promova descobrir o Aqueduto da Água da Prata e tirar proveito dessa ação, sendo que a prática de exercício físico também é conhecida e recomendada como algo essencial à saúde física e mental. Seja um simples passeio num passo pouco acelerado, uma corrida ou até a prática de BTT, tornam-se atividades sociais e culturais além de saudáveis.

O livro *Walkscapes, o caminhar como prática estética* de Francesco Careri, desafia-nos a entender como caminhar é uma ação capaz que produzir arquitetura e paisagem e como é fascinante a impulsão dos *"artistas capazes precisamente de ver aquilo que não há, para fazer brotar daí algo"*[74].

Uma atitude tida como referência no livro citado e no desenvolvimento desta proposta é a de Richard Long, que converteu o simples ato de caminhar em *arte autónoma*, esculpindo sobre o território passos, deixando a sua obra marcada pela ação de percorrer um determinado sítio. A sua escultura está ausente, no entanto, visível. Assim a *Land Art* funde arte e arquitetura pelo meio do caminhar[75].

070 | *Stoodley Pike*, Calderdale, Yorkshire, *Our Forbidden Land*, 1990, Fay Godwin

071 | *Mile long drawing*, 1968, Walter de Maria

072 | *Walking a line in Peru*, 1972, Richard Long

PARTILHA COM A COMUNIDADE

073 | *Cartaz das visitas organizadas - "walkshop"*, 2016, Sylvie Claro

074 | *Cartaz da visita organizada ao Convento do Calvário*, 2016, Sylvie Claro

075 | *Exposição - Aqueduto da Água da Prata: um percurso até à cidade*, 2017, Sylvie Claro

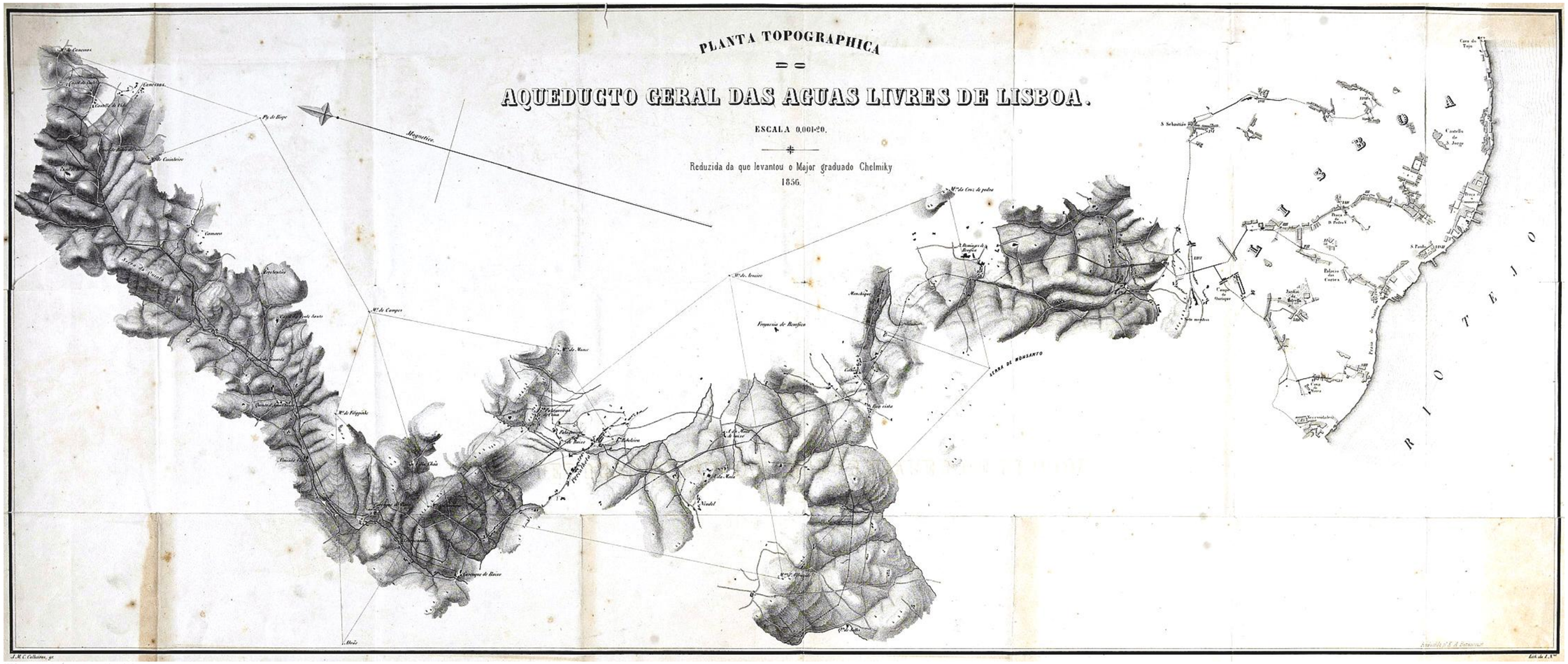
Como descrevemos na metodologia deste trabalho, as visitas organizadas revelaram-se fundamentais para a melhor compreensão do território e de algumas particularidades do objeto de estudo abordado. Para conseguir obter e transmitir o conhecimento desejado, as visitas foram acompanhadas por conhecedores do monumento em questão, quer no caso da visita ao Aqueduto das Águas Livres[76] em Lisboa dirigida por uma guia do Museu da Água - cuja planta topográfica é representada a seguir em registo histórico - quer em Évora por Francisco Bilou no caso do Aqueduto da Água da Prata e por Filomena Monteiro ao Convento do Calvário[77].

Na comemoração dos 480 anos de abastecimento de água pública na cidade de Évora, recebeu-se um convite para a organização e elaboração de uma exposição[78] sobre o Aqueduto da Água da Prata, onde a autora do presente trabalho produziu elementos para esse evento com base em alguns componentes da sua investigação.

Alcançou-se uma enorme adesão a estas atividades e foi com uma grande satisfação que se sentiu como consequência o contributo do trabalho para a sociedade por se levar às pessoas a perceção sobre a escala do aqueduto incentivando em conhecer o ambiente envolvente como seu complemento.

O *feedback* destas iniciativas foi muito positivo uma vez que o conhecimento desenvolve-se com as experiências que acumulamos na nossa vida quotidiana. A proximidade com as opiniões e experiências da população validou hipótese consideradas ao longo do trabalho, pelo que foi essencial para a consolidação de alguns aspetos ainda em aberto.

076 | *Itenerário rural do Percurso da Água da Prata: séc. XIX e séc. XVI*, 2016, Évora, Sylvie Claro


PLANTA TOPOGRAPHICA
AQUEDUCTO GERAL DAS AGUAS LIVRES DE LISBOA.
ESCALA 0,001-20.
Reduzida da que levantou o Major graduado Chelmiky
1856.
Magnetico.
SERRA DE MONSANTO
RIO
TEJO
Castello de S. Jorge
Caes do Tojo
Palacio dos Centeiras
Jardim Publico
Casas do Marquez
Praça D. Pedro V
S. Sebastião
S. Paulo
Ponte Nova
Ponte Velha
Ponte Alta
Ponte Alta
Ponte Alta

078 | *Acesso B, zona rural*, 2017, Évora, imagem de drone, Francisco Brito

PAISAGEM

"A Paisagem Global do futuro não poderá deixar de estar sujeita a princípios impostos pela essência biológica, pelo que a localização das atividades, nomeadamente da expansão urbana, tem de estar sujeita à aptidão do território e à paisagem existente" [79].

O conceito de Paisagem segue de encontro com a definição proferida por Gonçalo Ribeiro Telles e tem sido referido neste trabalho incluindo a ação do Homem e a reação da Natureza. Assim *"a paisagem é o texto que já está escrito"* [80] no sentido em que admiramos o que já se transformou e sobre as palavras de Gonçalo Ribeiro Telles, o Homem tem a capacidade de criar beleza no ato de modelar a paisagem e por isso o seu papel é muito importante.

A paisagem poderá ainda ser definida por vários conceitos[81] entre os quais compreendida pela limitação espacial, *entitativa, cognoscitida e estática*[82], contudo num conceito mais amplo, o entendimento da paisagem é completado pela interpretação do ser humano e este facto, serve *"para se conseguir avaliar as necessidades gerais num determinado meio físico e ir ao encontro das soluções que corram paralelas com o interesse humano e a natureza."* [83]

Porém a paisagem vista hoje não será igual à de amanhã. Por maior que sejam as semelhanças, haverá algo inerente ao que se apresenta perante o nosso olhar que é inalcançável, incontrolável, imprevisível. Por mais que o homem tenha hoje a capacidade de alterar por completo uma paisagem, a paisagem mais próxima do natural, a que nos referimos neste momento, é

079 | *Vista da zona da fonte do Arcediago para a Quinta da Espada, 2017*, Évora, Sylvie Claro

por natureza uma paisagem viva e por esse motivo, estará sempre em constante transformação enquanto se mantiver viva. Poder-se-ia até questionar se as paisagens mortas se alteram, e mesmo neste caso, se arriscaria a dizer que sim, porque o que vemos está balizado numa fração do tempo que decorre sem se poder parar e por mais lento que até consiga ser, mudará. Mudará não só pela ação do tempo, mas principalmente pela mudança que ocorre em nós diariamente. Cada ser tem as suas particularidades e as particularidades de cada um também variam consoante outras particularidades externas.

"Assim, quando falamos de paisagem referimo-nos a paisagens humanizadas, mais ou menos afetadas pelo Homem, daí que podemos afirmar que a paisagem é também um facto cultural, porque a cultura é aquilo que define a ação do Homem." [84]

No desenrolar deste trabalho constatou-se e compreendeu-se essa realidade pelo que se concluí que uma paisagem não é exata, não pára, é viva, é vida e vive nela algo que a transforma e que nos transforma constantemente. Através das lentes das câmaras fotográficas pretendeu-se capturar a essência do lugar, mas concluíu-se ser uma tarefa difícil e por isso reforça-se a importância de ir, de ver, de sentir, de viver aquele lugar para testemunhar as potencialidades que desafiam as pessoas a descobrir o encanto desta ruralidade. Exemplo disso é a presença de ervas aromáticas, que ativam o olfato que por sua vez é o sentido que mais facilmente nos aporta memórias e enquanto trilhamos este território, podemos nos deixar guiar pelos diversos aromas.

080 | *No itenerátio rural junto ao Aqueduto da Água da Prata*, 2017, Évora, Sylvie Claro

TERRITÓRIO

"(...) todo o território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de funções quanto na produção de significados. O território é 'funcional' a começar pelo seu papel enquanto recurso, desde a sua relação com os chamados 'recursos naturais' - 'matérias-primas' que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (...)" [85]

João Bosco Moura Tonucci define *"território são formas, mas o território usado, sinónimo de espaço humano e habitado, são objetos e ações."* [86]

Assim, tal como no conceito de paisagem, o Homem e as suas ações têm destaque na materialização do território e confinam o seu espaço em dependência do seu poder e dos fins a que se destinam. Contudo, detém-se a ideia de que *"é uma porção da crosta terrestre, limitada por fronteiras naturais ou convencionais."* [87]

Os termos complementam-se e ampliam-se com a evolução da perceção que se quer dar ao determinado assunto, por isso, afirma-se que dependem um do outro para construírem o que percorremos. O percurso, por sua vez implica um ato implícito de movimento, e a sua espacialidade relaciona-se com um certo tempo associado ao determinado trajeto.

Experienciaram-se várias sensações, relacionadas com o tempo e modo em que percorremos este território para o descobrir.

Verificaram-se ações que caracterizam a atividade humana e que determinaram o rumo que este percurso tomou ao longo do tempo.

"Sem dúvida o homem nasce com o território, e vice-versa, o território nasce com a civilização. Os homens, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem (visão mais subjetiva) e ao se apropriarem ou, em outras palavras, cercarem este espaço (visão mais objetiva), constroem e, de alguma forma, passam a ser construídos pelo território." [88]

081 | *Itenerário rural do Percurso da Água da Prata*, 2016, Évora, Sylvie Claro

GRAÇA DO DIVOR - ÉVORA
ORTOFOTOMAPA
AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA
N
0
2.9
11.6km

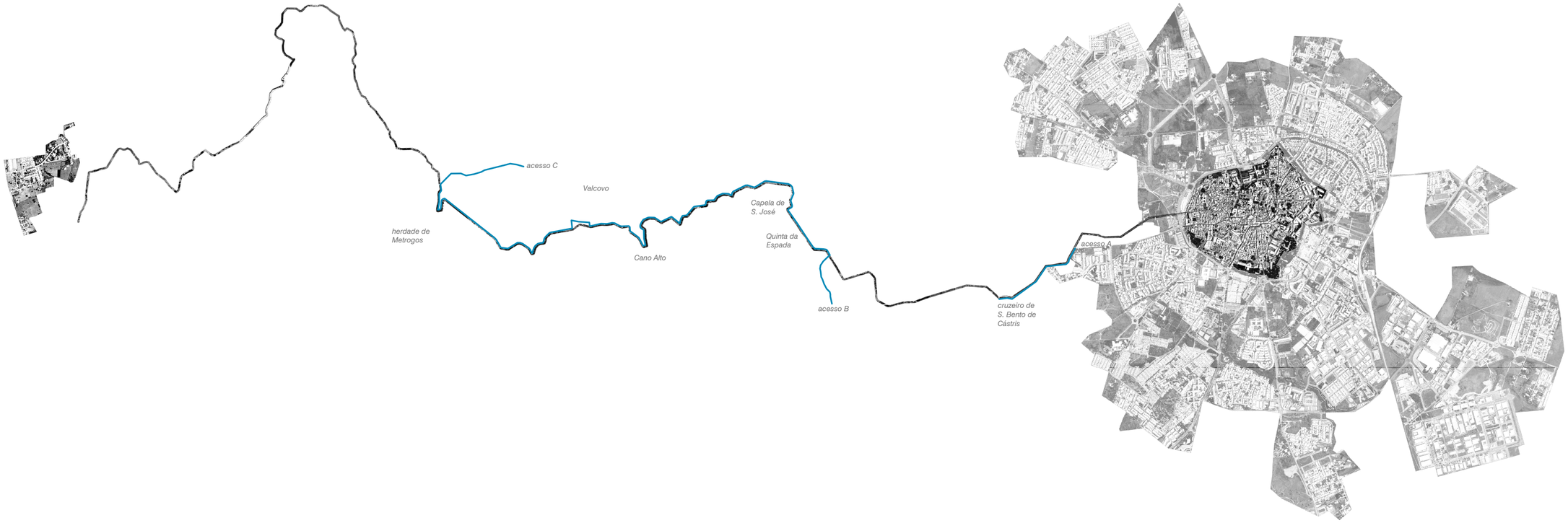
ITINERÁRIO EXISTENTE

RURAL

- 03h00
- 01h30
- 7.3 km

MONUMENTAL

- 00h40
- 00h20
- 1 km



- caminho dos arcos do divor
- rede de nascentes
- caixas de visita
- valcovo
- perfil dos canos
- cano alto
- donatários da água da prata
- traçado do aqueduto
- fonte do Arcediago
- aqueduto do séc. XIX
- perfil topográfico
- Inscrições quinhentistas
- Aqueduto e Geologia
- Arcaria do séc. XVI

N

0 2.9 11.6km

DESCRIÇÃO DO ITINERÁRIO EXISTENTE

"Com o termo "percurso" indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetónico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)." [89]

O atual percurso ambiental é definito por duas partes. A primeira no limite periurbano entre o *acesso A* e S. Bento de Cástris, e a segunda parte com uma componente rural é compreendida entre o *acesso B* e o *acesso C*.

A descrição que se segue está elaborada no sentido inverso ao curso da água, seguindo o aqueduto a partir do *acesso A* até Metrogos - *acesso C*.

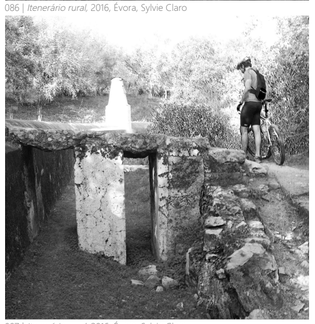
Iniciamos, junto da interseção da arcaria do século XVI com a estrada de Arraiolos, pontuada por uma torre renascentista e observamos o seu percurso que cruza a Herdade da Cartuxa. Deixamos a estrada e entramos num trilho estreito e sinuoso que se deixa conduzir pelo traçado do cano, é este contacto permanente que marca grande parte do percurso, à exceção das zonas onde a estrutura submerge e daquelas onde não temos acesso. No percurso que se segue procuramos os "pegões" que se creem ser da era romana e cuja recente descoberta arqueológica, e entre alguns escritos, aponta para o aproveitamento dessas fundações na construção do século XVI.

Seguimos pelo trilho ao lado, sob e sobre o aqueduto consoante a morfologia do terreno. Cruzamo-nos com as inscrições feitas pelos trabalhadores da obra na argamassa fresca que revestia o aqueduto, como nos mostrou Francisco Bilou, e que nem sempre são bem percetíveis.

084 | *Acesso A*, 2016, Évora, imagem de drone, Francisco Brito

085 | *Itenerário peri-urbano*, 2017, Évora, Sylvie Claro

086 | *Itenerário rural*, 2016, Évora, Sylvie Claro


087 | *Itenerário rural*, 2016, Évora, Sylvie Claro

Quando se chega à caixa de água junto aos reservatórios de S. Bento de Cástris, percebemos que existe uma charneira - a arcaria que nos acompanhou dá lugar a um muro espesso. Em direção às nascentes, compreende-se que a inclinação do cano é inferior, enquanto no sentido da cidade, a sua pendente aumenta. Este é também um dos fatores que leva a equacionar a possibilidade do aqueduto ter no período romano chegado à cota 307, a cota alta da cidade. Teria a partir desta caixa possibilidade para isso, com um desnível de onze metros no comprimento total, deste ponto até ao Templo Romano.

É de realçar que o seu traçado é adoçado aos pontos mais altos cruzando as estradas, quintas e bairros. Minimizando assim o elevado custo na construção de arcadas e encurtando o tempo de demora da obra.

Este troço termina junto ao cruzeiro de S. Bento de Cástris onde encontramos um espaço amplo e podemos seguir visualmente as caixas que denunciam o trajeto subterrâneo do aqueduto por entre as quintas existentes.

É o mais conhecido e percorrido pela sua proximidade com a cidade, a partir daqui a morfologia e o parcelamento do território interrompem o percurso e força os visitantes a continuar caminho pela estrada de Arraiolos[90], movimentada e sem via pedonal ou ciclável, circula-se perigosamente na sua berma até encontrarmos o acesso B[91].

O parque de estacionamento improvisado enuncia um ponto de interesse pouco concorrido, o rasto quase impercetível de alguns passos, indicam-nos o percurso de descoberta que segue o ondular do terreno e se encontra com duas ruínas, uma a meio do caminho e outra já vizinha do aqueduto onde o encontramos. A partir daqui temos longos quilómetros para coabitar com o aqueduto e descobrir a sua envolvente.

Alguns passos à frente, opta-se por "investigar" um pequeno desvio levando-nos à localização da Fonte do Arcediago, que passa despercebida por apenas existir indicação através de uma placa discreta e desgastada pelo tempo e a sua implantação se esconder no meio de uma vegetação que de certo modo a protege e que por outro a domina.

Avistam-se os arcos que se erguem novamente junto à Quinta da Espada, onde para seguirmos temos que transpor uma cancela - limite de outra parcela do território. Passámos de uma densa zona de montado para uma área ampla em que o prado se cruza com o turismo rural da Quinta, aproximando-nos deste lugar onde o espaço público interseta no espaço privado.

Mais à frente, encontra-se a pequena Capela da Quinta de S. José. O serpentear do aqueduto mostra-nos os sistemas hidráulicos associados à rega, contornamos um cabeço como se materializássemos uma curva de nível, e estamos agora paralelamente colocados em relação ao caminho de Sr. Jesus dos Aflitos[92].

O espaço privado volta a ser coberto pela imposição do traçado que mergulha pela Quinda de Sam Pedro, invadindo a privacidade dos habitantes que coabitam com este monumento no limite do seu lugar.

Aproxima-se um ambiente mais denso de vegetação, vincado pela linha de água da Ribeira do Pombal - o *Cano Alto*[93], e atravessamos sobre o aqueduto, aqui transformado em ponte estreita, quase como uma *passerelle* sobre a ribeira.

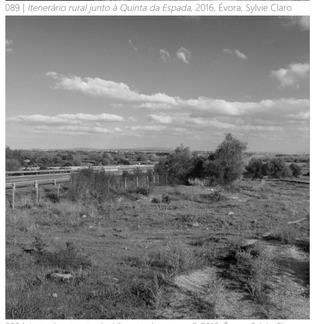
No decorrer do caminho encontram-se partes do *Perfil do Cano* antigo abandonado pelo encurtamento do traçado e chega-se a Valcôvo. Continuamos a seguir as caixas de visita que nos encaminham para uma rede de nascentes. Aqui, quase tudo se dissipa incluindo o percurso, novamente interrompido. Estamos no ponto de *acesso C* e quando procuramos indícios do aqueduto novamente sob terra, percebemos o impacto do corte que a autoestrada[94] provoca, visual e fisicamente no território.

O caminho de pé-posto indica-nos o regresso pela antiga estrada dos Arcos do Divor.

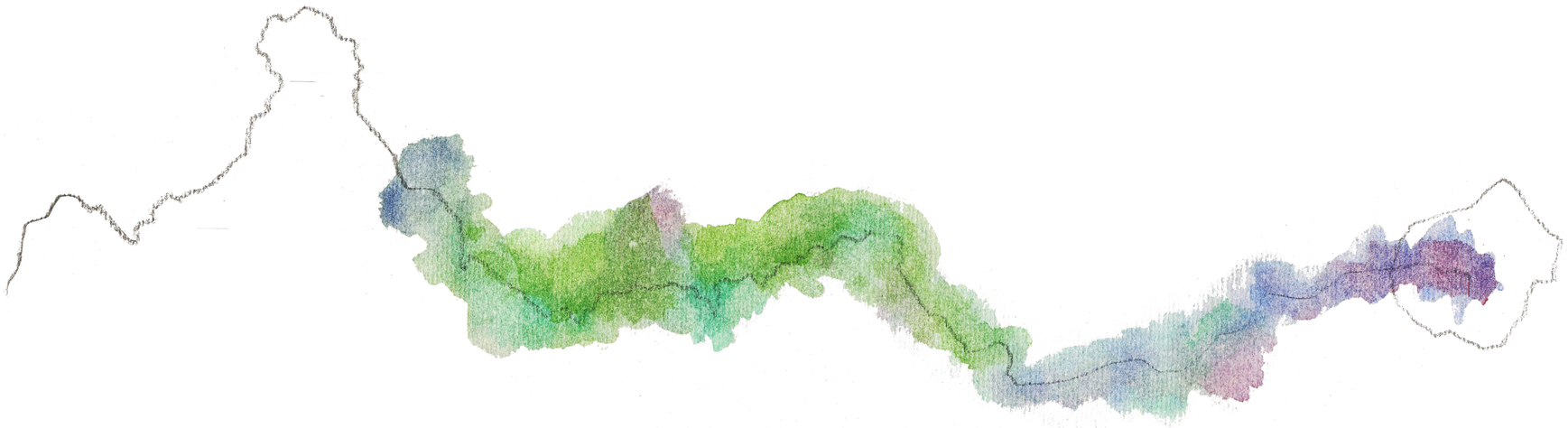
Do ponto *C* até à Graça do Divor o percurso pedestre deixa de existir, as grandes propriedades acolhem o aqueduto que em grande parte do troço está enterrado, e apenas nos restam algumas caixas de ventilação para identificar este monumento ali escondido.

088 | *Itenerário rural*, 2016, Évora, Sylvie Claro

089 | *Itenerário rural junto à Quinta da Espada*, 2016, Évora, Sylvie Claro


090 | *Junto à autoestrada A6 perto do acesso C*, 2016, Évora, Sylvie Claro

INTERPRETAÇÃO DO ITINERÁRIO EXISTENTE



Este desenho representa a interpretação pessoal do percurso atual e realizou-se pela necessidade de "(re)sentir" de forma visual a dualidade entre a zona mais urbanizada da cidade e a zona mais rural. O resultado expõe as experiências sonoras sentidas ao longo do percurso estando também associados os cheiros[95] dos ambientes existentes.

zona com vegetação de maior altura onde junto se pode ouvir o curso de água

zona com vegetação densa e notável preceção do chilrear de diversas aves

zona com ambiente próximo ao rural mas com algum ruído de automóveis

ruído de automóveis

ruído de automóveis e pessoas

FAUNA E FLORA

"A necessária distinção entre campo e cidade, entre rural e urbano, não deve eliminar a constante interligação entre um e outro, constituem ambos o alicerce das civilizações e das culturas." [96]

É fundamental a valorização de todo o ecossistema integrado na natureza porque *"o suporte desta paisagem é o território"* [97] e a poucos passos de uma cidade urbanizada e concorrida com a velocidade do desenvolvimento moderno que impulsiona a sua poluição, existem lugares que têm a potencialidade de se tornarem motores para uma quebra na rotina e proporcionar novos hábitos de vida em áreas mais saudáveis, onde se pode usufruir de recantos refrescantes e serenos e onde o ser humano cria ligações com a natureza que o rodeia explorando mais da fauna e flora da cidade de Évora.

Neste âmbito, convida-se a conhecer *"O Património Natural Do Aqueduto da Água da Prata"*. [98]

092 | *Fauna e Flora no itenerário do percurso ambiental da Água da Prata*, 2017, Évora, Sylvie Claro

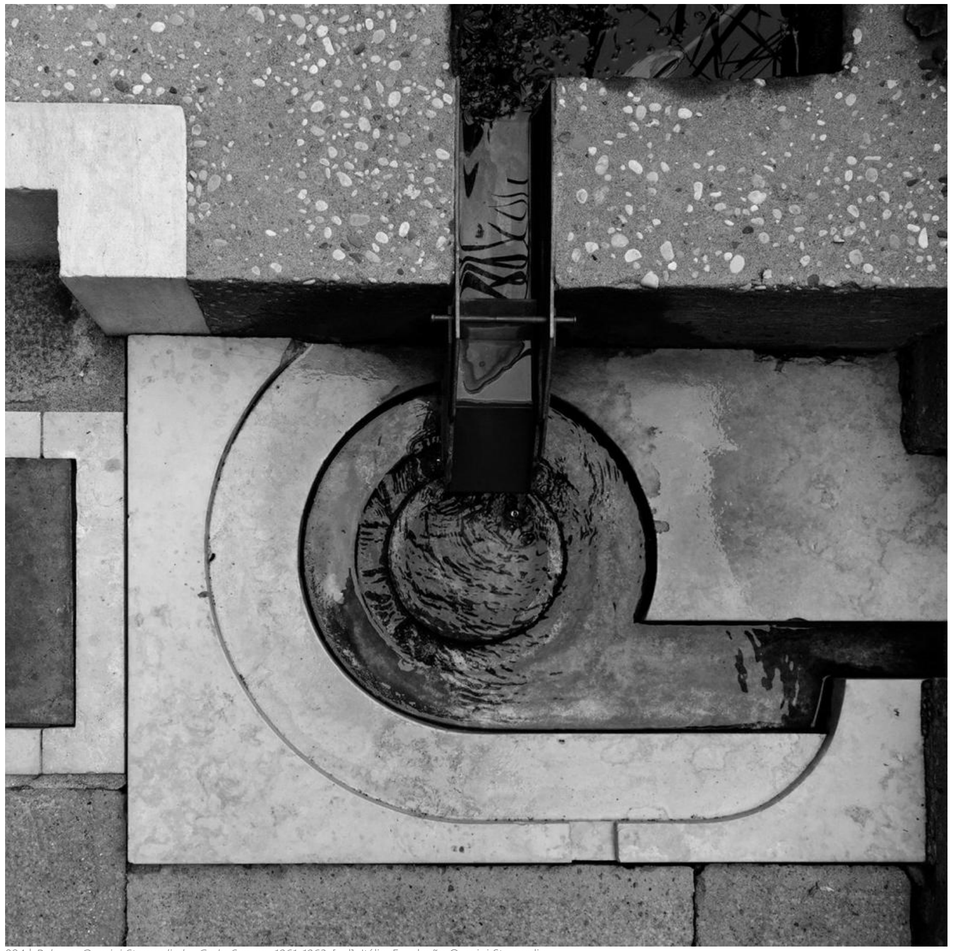
093 | Interior da caixa de água junto a S. Bento de Cástris, 2018, Évora, Sylvie Claro

V

DESENHO DE ESPAÇO E PERCURSO

"Nenhuma sociedade consegue, a prazo, permanecer igual a si própria, sob a pena de morrer. A sua inscrição no tempo implica a necessária evolução do seu quadro de vida, quer se trate de demolições ou sobretudo de transformações." [99]

CONCEITOS



094 | *Palazzo Querini Stampalia by Carlo Scarpa: 1961-1963,* [s.d], Itália, Fundação Querini Stampalia

"A única forma de preservar o património é viver com ele e usá-lo, mesmo os sítios que tenham alguma violação, porque só a vida quotidiana o transforma numa coisa natural e lhe confere o estatuto de património. O uso é aquilo que o mantem." [100]

Através desta recomendação a ter em consideração para a salvaguarda de um património; entende-se um princípio básico - o uso é parte integrante da preservação e assumindo este princípio, reforça a motivação para desenvolver uma proposta que promova o descobrir do Aqueduto da Agua da Prata e poder tirar proveito dessa ação.

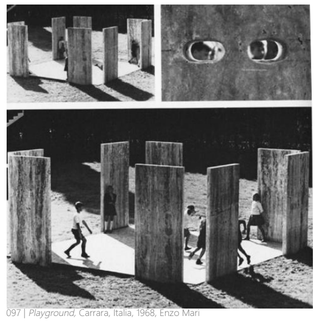
Neste sentido, tornou-se mais evidente o desenvolvimento deste projeto no âmbito de potenciar espaços de lazer que convidem a explorar e não esquecer a estrutura mais discreta do Aqueduto da Água da Prata.

A influência que a água tem enquanto elemento potencializador de espaços únicos é bem reconhecida na obra de Carlo Scarpa[101]. A forma como Scarpa compõe os projetos conjugando esta matéria com materiais díspares, foi mote de ensaios no projeto desenvolvido no capítulo IV.

No fundo, a arquitetura é como uma generalidade de emoções e sensações espaciais. No entanto, o seu valor está para além dessa experiência física, combina a nossa noção e capacidade de visualizar o espaço, estar nele e interagir com ele, revelando a capacidade de nos exprimirmos consoante as vivências e experiências que temos ao longo do tempo e do espaço.

095 | *Levada das 25 Fontes,* 2006, Madeira, Joe

096 | Requalificação do Centro Histórico de Salemi, 1990, A. Siza e R. Collova

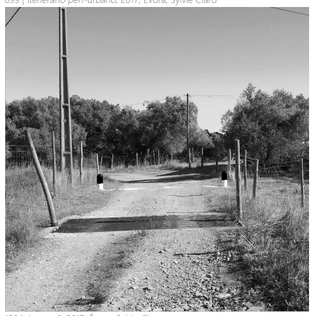


097 | *Playground,* Carrara, Italia, 1968, Enzo Mari

098 | *Acesso ao percurso rural*, 2016, Évora, Sylvie Claro

PREMISSAS

099 | *Itenerário peri-urbano*, 2017, Évora, Sylvie Claro



100 | *Acesso B*, 2017, Évora, Sylvie Claro

0101 | *Itenerário rural*, 2017, Évora, Sylvie Claro

"Não há arquitetura sem pretexto, e o mais importante da arquitetura é resolver um problema." [102]

O presente trabalho realizou encontros com a natureza, a arquitetura, e os sentidos que juntos tocam o vivo, o inerte e o imaginável porque em cada procura, existe um encontro.

Existe uma contínua procura do que se desconhece neste território, quer seja em direção às nascentes ou na direção que nos leva à procura da silhueta da cidade de Évora.

O ato de percorrer este trajeto, por si só, está em constante alteração, por cada indivíduo que o segue; por cada dia, diferente de qualquer outro pelas circunstâncias naturais e pelo seu próprio carácter. Assim, não se pode definir um modelo perfeito para que este percurso se torne possível, mas sim, uma proposta que melhor se adequará às mudanças, às necessidades e à efemeridade do existente, uma proposta que procure não restringir as sensações ou limitar a vivência neste intervalo entre paisagem, percurso e bem-estar.

Alguns aspetos dificultam o percurso existente, tais como alguns acessos serem limitativos, a existência de desníveis abruptos do piso sem opções seguras de passagem, a maior parte dos passadiços encontrarem-se degradados ou partidos, a sinalização ser pouco visível ou inexistente assim como não existir qualquer tipo de equipamento de apoio como bebedouros ou bancos para descanso.

Algumas parcelas do percurso original foram alteradas devido à apropriação de espaços pelos proprietários de terrenos confinados ao trajeto do Aqueduto.

Em alguns casos, dentro de propriedade privada, não é claro o trajeto do percurso ambiental do aqueduto e este fator torna-se desfavorável podendo ser até desencorajador de voltar a percorrê-lo ou desistir de seguir em frente devido ao desconforto e constrangimento causado nessas interseções tanto para o caminhante quanto para o proprietário. Esta realidade é tida em conta para que o percurso seja um espaço de conforto para visitantes e moradores.

Outro aspeto com relevância concerne a distância imposta pelo *Regimento do Aqueduto* que não é respeitada a fim de salvaguardá-lo de animais e vegetação invasiva que possam danificar este monumento. Em certas zonas o limite é tão reduzido que inviabiliza a passagem de pessoas a pares, empurrando-nos contra a sua estrutura. Em alguns lugares não se tem outra opção senão percorrer o trajeto sobre o próprio aqueduto.

Com isto, ambiciona-se conjugar várias funções para servir a comunidade requalificando o trajeto em prol da (re)valorização ambiental e dotar a cidade de outras áreas verdes mais acessíveis e onde possam coexistir novas atividades como por exemplo a possibilidade de percorrer parte do trajeto a cavalo, estreitando assim o vínculo com a natureza e a cultura. Com este ideal pretende-se responder aos problemas sobretudo relacionados com uma série de difíceis transposições não preparadas que hoje descartam a viabilidade deste trajeto ser experienciado por pessoas com mobilidade reduzida. Não se considerou sensato excluí-las quando poderíamos tentar projetar algo diferenciador que possibilitasse o seu encontro com a terapia que é passear ao ar livre, e ainda acrescentar maior valor ao percurso tendo este mais um meio de o percorrer porque *"repetir nunca é repetir."* [103]

Pretende-se que o caminhante descubra o território e faça parte do projeto usando o conhecimento das suas limitações e desejos, assim como o desconhecimento deles, necessário para nutrir uma perspetiva da descoberta.

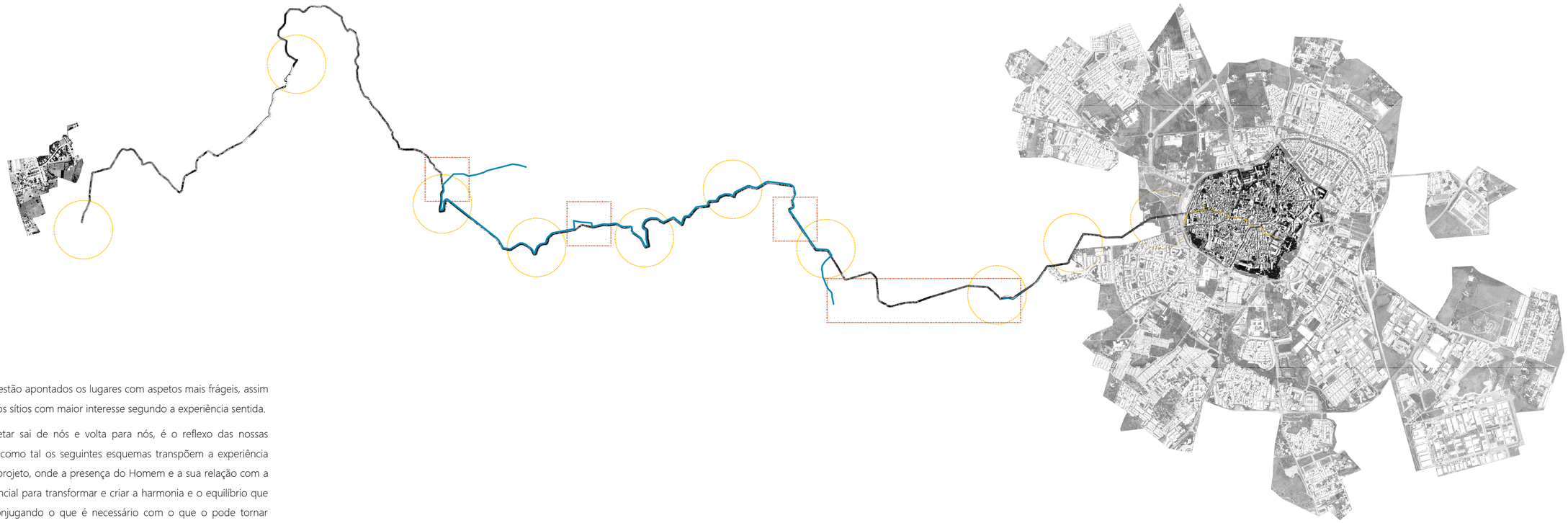
Posto isto, propôs-se igualmente retificar a sua viabilidade e estabelecer novos limites, tornando possível que o início e o fim se toquem, no sentido de conquistar novos "inícios" e "finais" pelo que não exista apenas o sentido de percurso único mas vários meios de percorrer um espaço ganhando assim diversos sentidos, consoante as possibilidades e a disposição de cada indivíduo.

Como veremos no desenvolvimento dos espaços que propusemos, teve-se por base evidenciar o aqueduto como a linha de força do projeto tendo um papel ativo na transformação do lugar - de cada lugar - "*Fazer algo novo, resgatando do passado o essencial* ." [104]

102 | *Itenerário na propriedade da Quinta de Sam Pedro*, 2017, Évora, Sylvie Claro

103 | *Itenerário na propriedade da Quinta de Sam Pedro*, 2017, Évora, Sylvie Claro

104 | *Itenerário rural*, 2017, Évora, Sylvie Claro



Neste desenho estão apontados os lugares com aspetos mais frágeis, assim como, alguns dos sítios com maior interesse segundo a experiência sentida.

A arte de projetar sai de nós e volta para nós, é o reflexo das nossas necessidades e como tal os seguintes esquemas transpõem a experiência pessoal para o projeto, onde a presença do Homem e a sua relação com a natureza é essencial para transformar e criar a harmonia e o equilíbrio que se pretende, conjugando o que é necessário com o que o pode tornar diferenciador, com o propósito de ser vivido de diversas formas, introduzindo assim a arquitetura na medida em que o corpo se relaciona com ela e a experimenta multi-sensorialmente.

AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA

O R T O F O T O M A P A

POTENCIALIDADES

PROBLEMÁTICAS

N

0 2.9 11.6km

Aqueduto

Percurso existente

Percurso proposto

AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA

ESQUEMA DE BALIZAMENTOS
P R O P O S T O

PLANO GERAL DE INTERVENÇÃO

ORGEM
MÃE D'ÁGUA
FONTE DO ENFIMEIRO
MIRISO
MIRANTE
MARPIO
PONTE ANTIGA NA RIBEIRA DO POMBAL
FONTE DA AGUA TEBRA
CAPELA DE S. JOSÉ
FONTE DO MOLHADO
POÇO NA MALHADA DA MANZOLA
CRUZEIRO DE S. BENTO DE CASTRO
CAIXA DE ÁGUA DA CARTUXA
FORTE NO CUME DE SANTO ANTÓNIO
TERMINUS
AQUEDUTO À SUPERFÍCIE
RAMAL DO AQUEDUTO À SUPERFÍCIE
AQUEDUTO SUBTERRÂNEO
RAMAL DO AQUEDUTO SUBTERRÂNEO
PERCURSO PROPOSTO
EDIFÍCIOS A CONDICIONADO
RESIDUAL
TOPOFILIA
SINGULARIDADES
ELEMENTOS INCÓGNITOS
EQUIPAMENTOS

PLANO GERAL DE INTERVENÇÃO
C A R T O G R A F I A

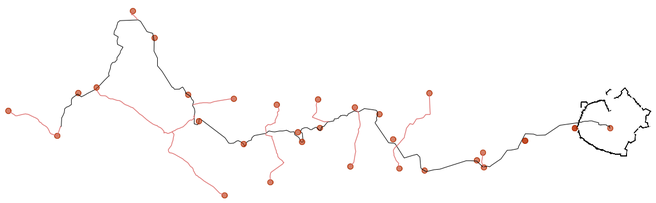
Quantas mais coisas conseguirem incorporar e quanto maior for a sua riqueza e simplicidade mais brilhantes se tornam.

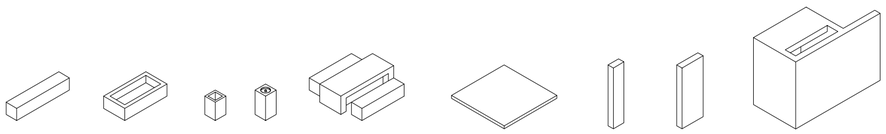
O seguinte ortofotomapa formaliza a sobreposição da cartografia do território onde se assinalam os locais de intervenção.

As intervenções são definidas por quatro tipos: 1) itinerários – redesenho de um percurso alternativo e novos de acessos; 2) pequenos equipamentos – estrategicamente posicionados de modo a tornar a caminhada mais acessível; 3) espaços singulares – o encontro das singularidades ao longo da parcela do território percorrida e 4) espaços nucleares – edificações propostas que servem de enriquecimento à experiência no lugar e percurso.

111 | *Caixas de água junto a S. Bento de Cástris*, 2018, Évora, Sylvie Claro

PEQUENOS EQUIPAMENTOS





banco

bebedouro para animais

deposito para lixo

bebedouro

mesa e bancos para refeições

plataforma

indicador

informador

instalações sanitárias

"Toda a atividade humana tem como fim a satisfação das suas necessidades quer espirituais quer materiais." [106]

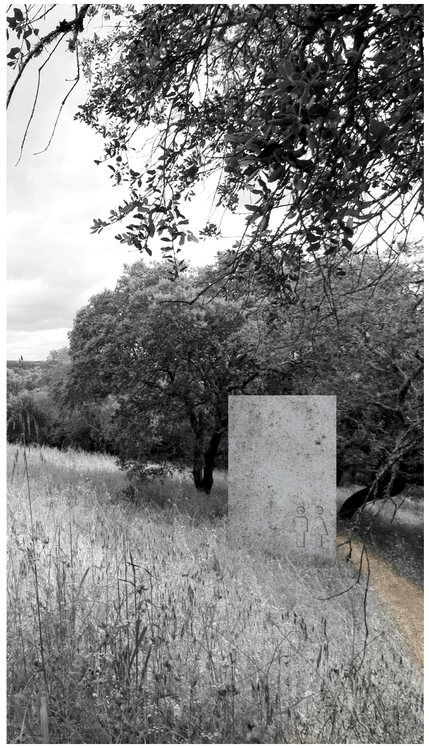
O município de Évora investiu na abertura do percurso ambiental, contudo o mesmo carece de alguns aspetos como foi referido anteriormente.

Com essas premissas, surgem as peças desenhadas e posicionadas estrategicamente no território como pequenos apoios durante o ato de caminhar. Estes procuram respeitar a importância da paisagem desempenhando um papel de incorporação da experiência servindo algumas necessidades sentidas ao longo do percurso, e incluindo o propósito de orientar e aguçar o desejo de ver além do percurso.

Apontaram-se os focos cruciais de passagens e procurou-se resolver essas transições com micro intervenções que se cozem por meio de um percurso sensorial lado a lado com o monumento, onde se alcançam texturas, cores, cheiros e a história.

O projeto pretende que o aqueduto seja o maior protagonista desta viagem desempenhando um papel fundamental nas sensações que cada espaço pode criar. Associadamente à exploração da fauna e flora, deseja-se despertar o interesse para se ter vontade de voltar e (re)descobrir mais, melhor e até de modo diferente. O espaço criado é *informador e formador* de como queremos que seja utilizado. Por exemplo um equipamento pode influenciar uma atividade e responder a uma necessidade simultaneamente. Enquanto se observa sobre uma plataforma a paisagem que nos é apresentada com um certo enquadramento, ela localiza-nos. Perante um bebedouro que serve o seu propósito, o mesmo pontua no percurso um lugar de repouso e comunhão entre o percurso pedestre e o percurso equestre.

Esta abordagem destaca o aqueduto e a moldação do território como pré-existências indiscutíveis e cria um papel diferenciador intervindo de forma pontual ao longo do percurso, sendo que a arquitetura introduzida é refletida numa escala cirúrgica que responde às necessidades do visitante e o conduz a sítios singulares. O aqueduto foi uma necessidade, o território é uma realidade e este projeto não pretende criar rivalidades, mas sim complementos.



PERCURSO E EQUIPAMENTOS

F O T O M O N T A G E N S

PERCURSO E EQUIPAMENTOS

FOTOMONTAGENS

PERCURSO E EQUIPAMENTOS

F O T O M O N T A G E N S

ESPAÇOS SINGULARES

Hoje em dia, vemos a arquitetura como uma generalidade de emoções e sensações espaciais. No entanto, o seu valor está para além da experiência física. Combina a nossa noção e capacidade de visualizar o espaço, estar nele e interagir com ele. Revela a capacidade de nos exprimirmos consoante as vivências e experiências que temos ao longo do tempo e do espaço. Deste modo, antes de desenhar nesta paisagem, e através das visitas de campo, reconheceram-se alguns elementos notáveis que dão maior relevância ao projeto final.

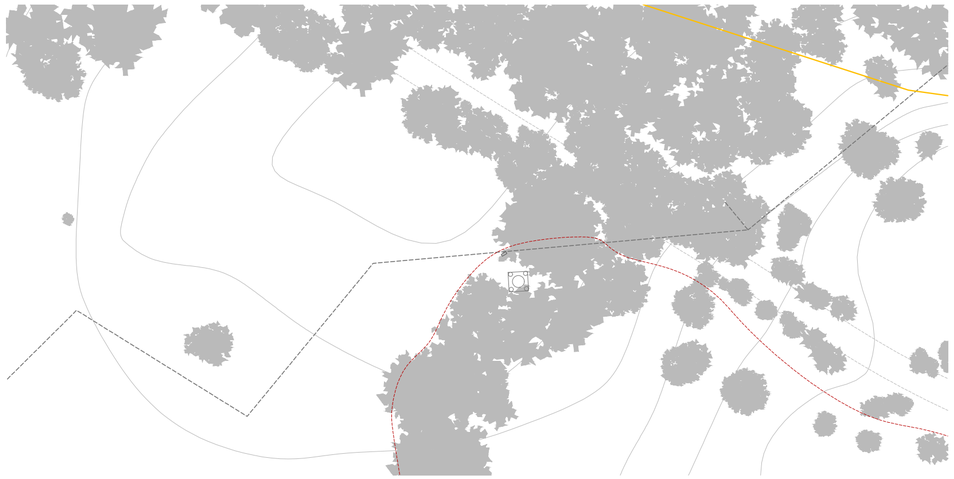
Para enriquecer o percurso proposto, os caminhantes são convidados a descobrir estas estruturas, algumas dissociadas da estrutura do Aqueduto da Água da Prata, mas que pela sua proximidade e caráter peculiar, foram introduzidas no mapeamento para serem (re)conhecidas e re(valorizadas), evitando que continuem em total abandono. Outros momentos singulares fazem parte do complexo estrutural do aqueduto, contudo, não sendo atualmente integrados no itinerário do aqueduto, considerou-se que tal condicionante poderia ser alterada, definindo um trajeto de ligação ao percurso principal. Porém, devido a aspetos inalteráveis, algumas ligações propostas nestes casos devem ser restritas a visitas previamente marcadas e devidamente guiadas para se poder conhecer os espaços de modo a não causar entropias com o normal funcionamento das instituições onde se inserem, como é o caso da Caixa de Água da Cartuxa e a Caixa de Água e Fonte do Pomar do Forte de Santo António.

Assim, apresentamos uma deambulação pelo território entre espaços e pessoas - habitantes de passagem.

120 | *Bifurcação na zona de Metrogos*, 2016, Évora, Sylvie Claro

FONTE DO POMAR DO ESPINHEIRO

121 | *Fonte do Pomar do Espinheiro*, 2016, Évora, Sylvie Claro



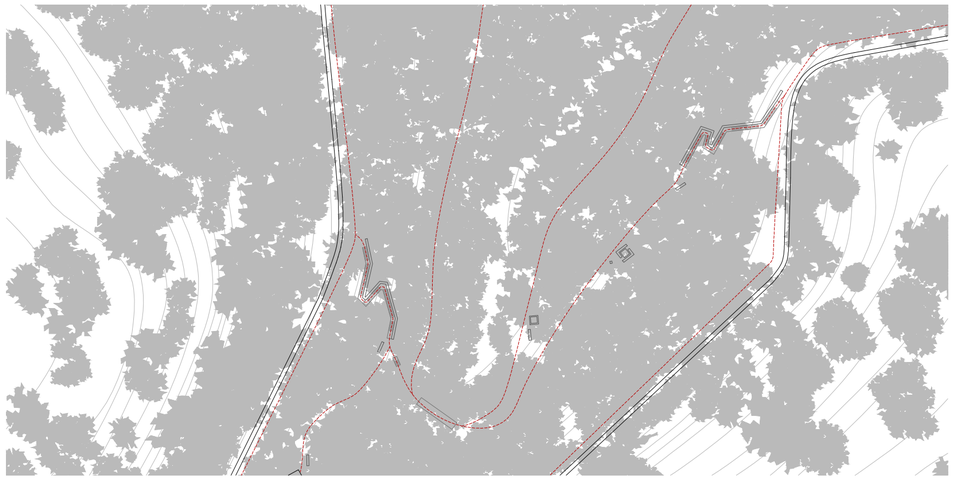
A toponímia desta fonte tem origem na sua localização não sendo de estranhar por ser uma prática recorrente. Situa-se num pomar que pertencera à comunidade Jerónima de Santa Maria do Espinheiro, adquirido em 1484. Esta fonte de estilo manuelino é datada do século XVI e apresenta *"um corpo quadrangular com quatro arcos de volta perfeita e cobertura em cúpula ovoide rematada por quatro torrinhas de secção cónica, típicas do gosto 'mudéjar'"* [107]. O percurso proposto desenvolve um ramal em direção a esta estrutura e perto da mesma pontua o lugar com um banco que contém as inscrições da localização e designação do espaço a contemplar.

N

0 10 40m

PONTE ANTIGA NA RIBEIRA DO POMBAL

123 | *Ponte Antiga na Ribeira do Pombal*, 2017, Évora, Sylvie Claro



Na descrição do percurso existente referiu-se a delicadeza da travessia sobre a Ribeira do Pombal. Este vale vincado, outrora atravessado a uma cota inferior, distingue-se facilmente pela acentuada depressão formada pela morfologia do território. A existência deste outro atravessamento, uma pequena ponte que hoje se esconde sob silvas e quase ninguém sabe da sua existência, deve-se à construção do aqueduto [108].

Serviu na época para garantir o transporte dos materiais necessários para a obra. O percurso equestre que propomos, desenha-se próximo desta cota onde a modelação do terreno é mais ténue e permite a sua adaptação à semelhança do pressuposto para o traçado do aqueduto.

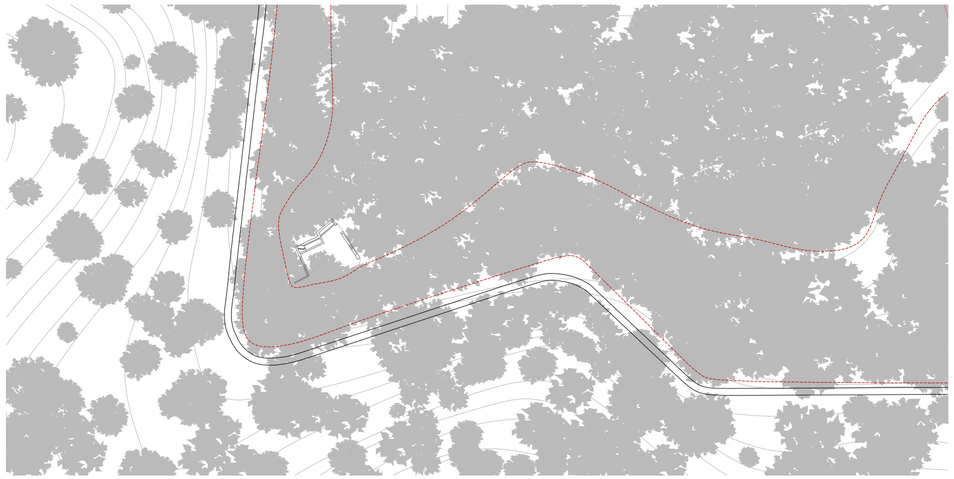
Com a integração desta peça chave que fora a ponte, oferece ao caminhante a possibilidade de se aproximar da ribeira e tirar partido deste lugar, reavivando a memória em que por ali se passaria com cargas e homens para a continuidade do aqueduto. Nas épocas em que ocorra alguma precipitação, poder-se-á repousar sobre plataformas desenhadas junto do curso de água. Nas épocas de maior calor serão cais vazios desprovidos da água que os circunda, mas repletos da frescura provinda das árvores envolventes que abrigam do sol. Nestas épocas de seca não encontrará a realidade esperada de uma ribeira com um curso de água, mas antes, um canal deserto que se poderá atravessar seguindo o encaminhamento das plataformas ou pela ponte que aqui marca a singularidade do espaço.

N

0 10 40m

FONTE DA ÁGUA FÉRREA

125 | *Fonte da Água Férrea*, 2017, Évora, Sylvie Claro

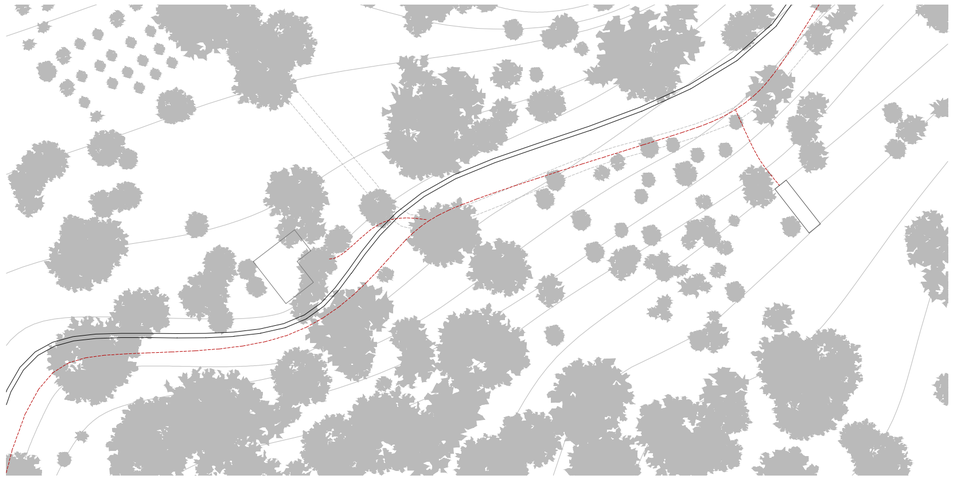


A Fonte de Água Férrea aporta uma água com propriedades ricas em ferro. As paredes interiores da sua estrutura revelam o tom de ferrugem batizando a água que de lá corre. Este lugar não é conhecido pela maior parte dos caminhantes do percurso ambiental, embora a proximidade do mesmo. É uma das singularidades que não está relacionada com o aqueduto, mas que se explorou e revelou ter um grande potencial, enquanto lugar fresco e intimista sob as sombras das árvores que o rodeia. O projeto tem como intenção a reabilitação das estruturas associadas que constroem o encanto do lugar como os dois espelhos de água e um banco que relembra os recantos conhecidos como *namoradeiras* ou *lugares de fresco*.

N

0 10 40m

127 | *Capela da Quinta de São José*, 2017, Évora, Sylvie Claro



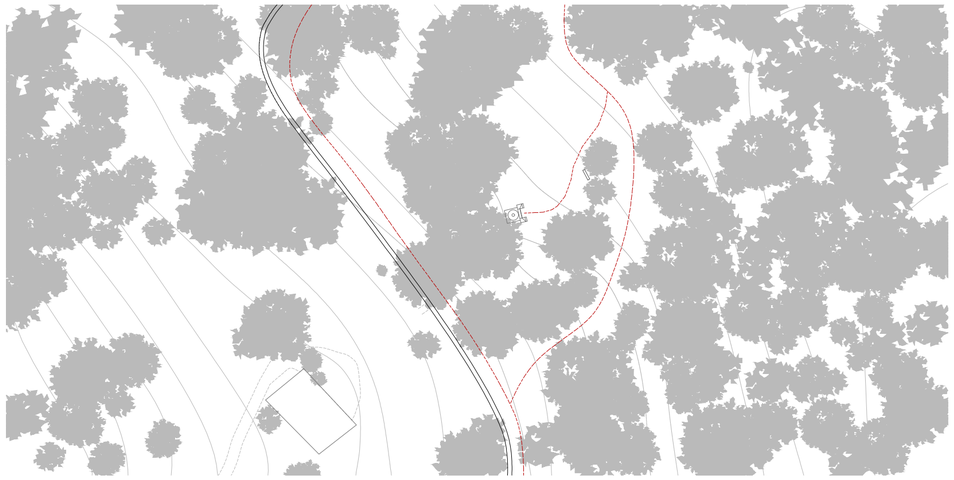
Esta capela situa-se na Quinta de São José, junto ao serpentear do aqueduto. A sua porta está voltada para a cidade e a uns passos apenas desta capela, desenhou-se uma plataforma junto de uma clareira que se sobrepõe a uma leve depressão do terreno e nos possibilita ver mais longe. Este lugar permite-nos projetar o olhar para o perfil majestoso do centro histórico da cidade. Nesse perfil destaca-se a Sé de Évora e enquanto notamos a plataforma do Jardim Diana em frente ao Templo Romano, podemos nos sentir simultaneamente observados por aquele mirador no coração da cidade.

N

0 10 40m

FONTE DO ARCEDIAGO

129 | *Fonte do Arcediago*, 2016, Évora, Sylvie Claro



131 | *Alçado da Fonte*, Évora, Francisco Bilou

André de Resende adquiriu uma casa de campo na proximidade do aqueduto e perto do mesmo mandou construir uma *"Fonte das Musas"* [109]. Revemos reconhecido o nome de *Fonte do Arcediago* novamente à toponímia relacionada com o nome da quinta de André de Resende. Outrora, um muro cercava-a juntamente com um pequeno pomar. Hoje encontramo-la encoberta e entregue ao abandono como narrámos na descrição do percurso atual.

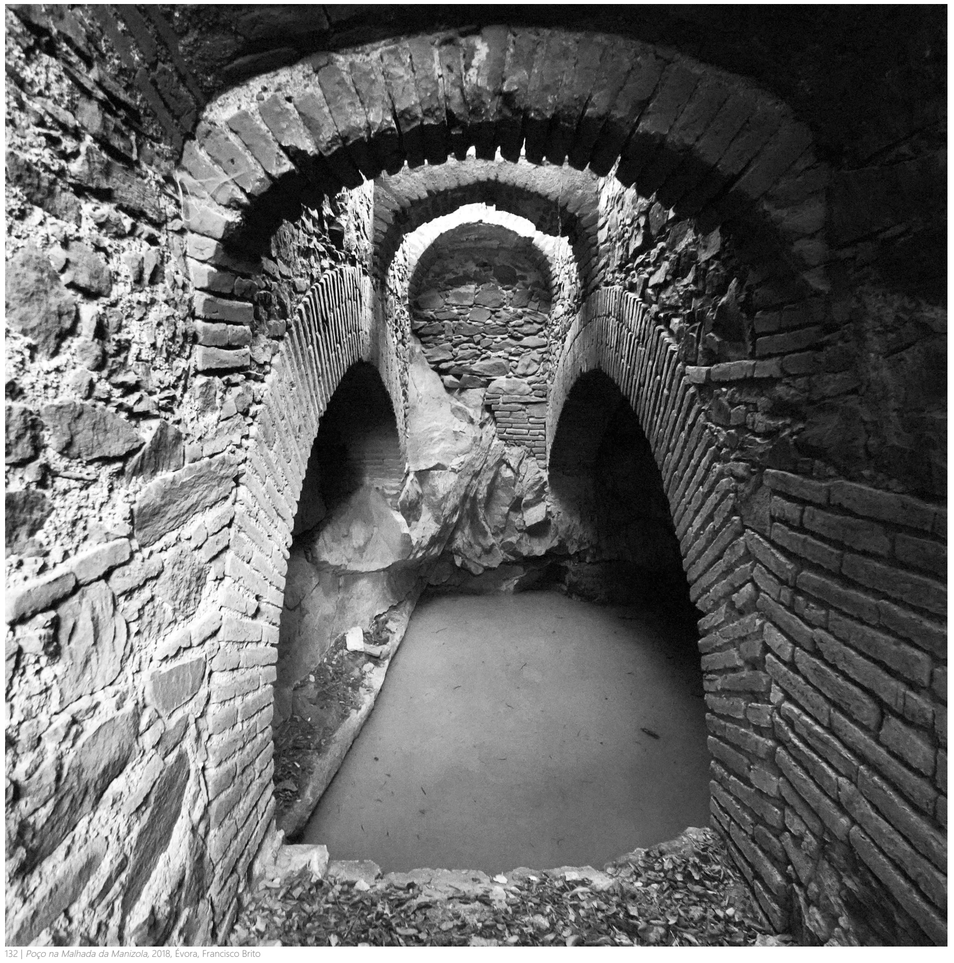
O projeto desenha um pequeno muro que nos direciona para a sua estrutura de planta quadrada rematada por uma cúpula. No seu interior encontra-se o poço onde está a nascente. Em frente à entrada sugere-se uma pausa para um momento de reflexão sobre um banco voltado para as inscrições em latim[110] que teimam em se afirmar embora o tempo lhes tenha já retirado alguma clareza.

A falta de conservação desta fonte ditará o seu esquecimento físico e coloca infelizmente em perigo os curiosos que procuram conhecê-la melhor.

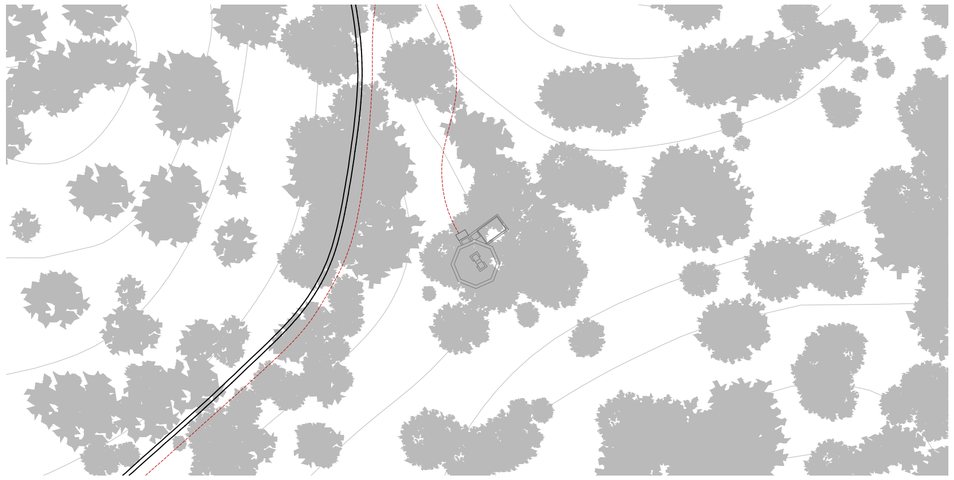
N

0 10 40m

POÇO NA MALHADA DA MANIZOLA



132 | *Poço na Malhada da Manizola*, 2018, Évora, Francisco Brito



Esta estrutura, embora não estar diretamente relacionada com o aqueduto, tem um carácter extraordinário e foi dos lugares mais interessantes de encontrar. A sua enorme presença é uma contradição à realidade no que se trata de ser de fácil descoberta[111]. Situa-se a escassos metros do aqueduto, porém, dentro de uma propriedade cercada passa totalmente despercebida pela densidade de arvoredo que a envolve e dissimula. Este poço *"é de uma beleza arquitectónica patrimonial assinalável"*[112].

Esta estrutura, atualmente em ruínas, fora, aparentemente, coberta[113].

Apresenta uma planta octogonal[114] e no centro organiza-se o poço de onde se retiraria a água através de um engenho - a nora, da qual já não restam vestígios.

As aberturas em arco abatido permitem comunicar com a envolvente enquanto se deambula em torno do poço como se estivéssemos num claustro. Em volta desta edificação encontramos dois tanques que serviriam para armazenar a água e distribuí-la para hortas, pomares ou outros cultivos. Adoça-se a uma suave pendente do terreno e no ponto mais alto, desenvolve-se a entrada para o poço.

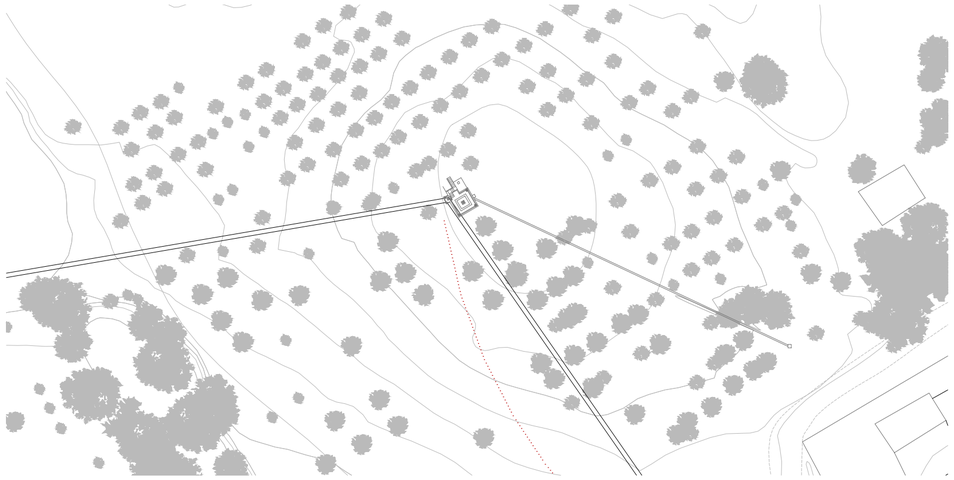
Com tanto encanto que por si só nos oferece, o desenho de projeto procurou ser conciso. Desenha-se uma plataforma que marca a entrada para o poço e sobre a qual seria desejável estar inscrito alguma referência à sua estrutura que até ao momento desconhecemos. Ao mesmo tempo que esta plataforma nos informa e marca esta entrada, protege-a do deslizamento de terra que atualmente encobre as escadas que servem de acesso ao interior. Desenha-se o último apontamento: a introdução de dois bancos, colocados sobre os arcos, como se de namoradeiras se tratassem reproduzindo o fascínio que esta estrutura traduziu na experiência que se teve neste lugar.

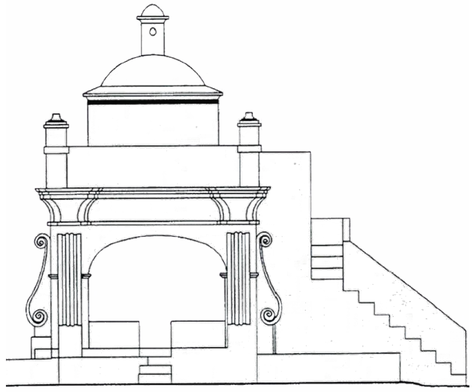
N

0 10 40m

CAIXA D'ÁGUA DA CARTUXA

134 | *Caixa de Água da "Cartuxa"*, 2016, Évora, Sylvie Claro





136 | *Alçado principal da caixa de água do Convento da Cartuxa*, Évora, Maria Filomena Monteiro

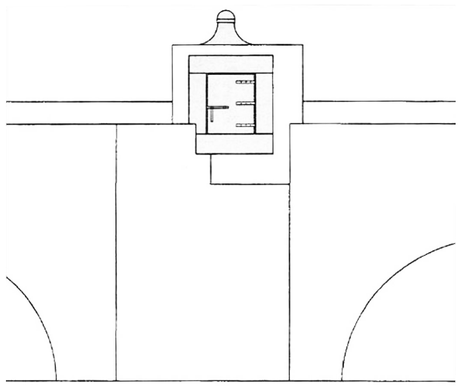
Esta caixa de água tem a particularidade de conter um mirante sobre a sua estrutura. A sua arquitetura distingue-se das restantes caixas de água, não só por esse facto, mas também pelos ornamentos que ostenta concedendo-lhe uma estética singular. À semelhança da caixa de água da Rua Nova, tem a função de efetuar a última decantação da água, antes da sua derivação para o mosteiro[115]. Tem ainda a particularidade de se encontrar junto à zona das prospeções referidas na fundamentação sobre pré-existências ao atual aqueduto. Incluindo este momento no percurso proposto, oferece ao caminhante a possibilidade de contactar com a realidade exposta pelos trabalhos de arqueologia[116].

Após a descrição destas singularidades observadas, são ilustráveis os pontos em que todos estes elementos se tocam, fazendo ou não parte da estrutura do aqueduto, assemelham-se nalgum carácter, atributo ou revelação espacial, tidas em consideração no desenho dos espaços nucleares propostos.

N

0 10 40m

137 | *Caixa de Água e Fone no Forte de Santo António, 2016*, Évora, Sylvie Claro



139 | *Alçado da caixa de água da Quinta de Santo António*, Évora, Maria Filomena Monteiro

É notável observar o Aqueduto da Água da Prata rompendo o perímetro fortificado do Convento e Quinta de Santo António da Piedade, habitualmente conhecido como Forte de Santo António[117]. No interior situa-se uma fonte *"decorada com seixos e conchas em motivos geométricos"*[118].

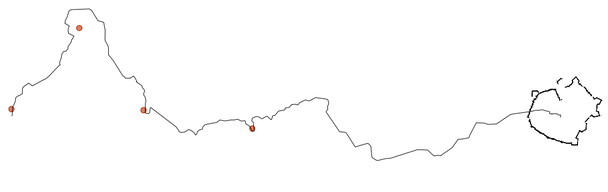
Sobre a parte do aqueduto que atravessa estes terrenos, encontra-se uma caixa de água com proporções semelhantes a um cubo, o acesso a esta caixa, realizado por uma escadas estreitas, encontra-se parcialmente destruído.

A introdução destes dois elementos no itinerário de visita ao aqueduto, é focada não só em dar a conhecê-los, mas também em proporcionar uma vista para a cidade, sob o mirador que é este lugar, mais próximo da estrutura urbana e da cota da muralha.

N

0 10 40m

ESPAÇOS NUCLEARES



"Os elementos utilizados pela arquitetura para o controlo de um percurso sequencial, devem conseguir gerar entre eles um diálogo, que tem como efeito provocar distintas sensações." [119]

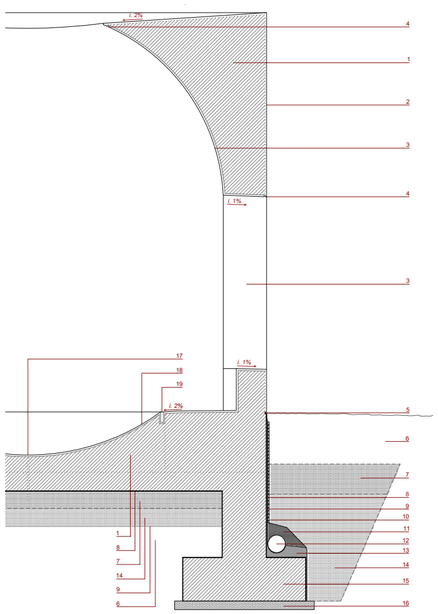
Os espaços que se seguem pretendem completar a paisagem. Apresentam um desenho simples que procurou conjugar as referências e conceitos apresentados e através do mínimo conseguir proporcionar um estado, uma presença, uma função que possa marcar a paisagem e o indivíduo quando o recebe, que possa servir a curiosidade e admiração pelo sítio e que possa desempenhar outros papeis como o uso para lazer.

O desenvolvimento dos módulos nasceu enquanto complemento que fundamentou o propósito inicial, como uma narrativa do caminhante: atravessar, contemplar, abrigar, repousar, meditar, banhar. Ou seja, dotar o percurso de equipamentos utilitários, pontuá-lo com miradouros, um retiro, uma zona de fresco, uma zona quente, e uns banhos.

O projeto dos espaços nucleares implica pelo menos uma experiência, uma adição dos sentidos e captação de estímulos pretendendo reconstruir a memória do lugar e desenvolver espaços de contemplação. O carácter polivalente dos espaços possibilita que se transformem consoante o utilizador e essa vertente é explorada, seguindo o ideal de que "*uma obra é o vazio que a habita e este deverá ser preenchido por nós*"[120].

Cada um é completado pelo próximo ou pelo anterior sem dispensarem a sua utilidade individualmente, oficializando a independência de cada um consoante a necessidade e o proveito do utilizador.

141 | *Vista do interior da Fonte do Pomar do Espinheiro, 2017*, Évora, Sylvie Claro



1 - betão armado
2 - superfície em betão desativado, descofragem visível, aplicação de impermeabilizante
3 - microbetão afagado com acabamento polido
4 - pingadeira em baixo relevo
5 - alheta de separação
6 - pavimento térreo compactado
7 - brita para regulazíração e filtragem
8 - impermeabilização com tela asfáltica
9 - manta geotêxtil de polipropileno
10 - enkadrain
11 - camada drenante - gravilha 16 - 32mm
12 - tubo de drenagem, 16mmØ, perfurado
13 - cama em areia para assentamento de dreno
14 - cascalho
15 - fundações em betão armado
16 - betão de limpeza
17 - canal para abastecimento de água
18 - verniz selante
19 - calha para escoamento da água

Por vezes, o fator de revelação ou surpresa é algo que aguça a vontade de voltar aos lugares e tal como acontece ao longo do percurso. O facto do aqueduto se tornar invisível aos nossos olhos, e após algum tempo a caminhar pensando que o seguimos, emergir novamente torna-se numa experiência conquistadora por reencontra-lo já noutro lugar. Por esta sensação de brotar e desaparecer e voltar a brotar, ser sempre diferente ao longo do percurso, do tempo e do modo como o percorremos, percebe-se também que é necessário existir um certo afastamento visual para provocar experiências inatas. Por esse motivo, os locais escolhidos requerem uma pré-disposição à descoberta do incerto por novos trilhos até os encontrar germinados ao longe sobre o território.

Será assim, mais simples compreender os lugares propostos ancorados ao percurso. Foram escolhidos consoante as experiências provocadas em cada um e a vontade própria sentida, assim como, a espectativa do potencial ali encontrado. Cada um afasta-se do aqueduto, mas mantem uma ligação quer umbilical, quer visual, quer espacial. Umbilical no sentido do espaço proposto ser alimentado por capilares provenientes da artéria principal. Visual no sentido da sua perceção no território pelo campo visual que possamos alcançar. Espacial no sentido do reconhecimento da sua forma e por sua vez ligação à perceção física dos seus elementos.

A matéria que constrói estes espaços é o betão - reinvenção da "*pedra atual*" no tom de betão natural com o inerte da região. Com a intenção de diferenciar o aspeto e textura final entre a superfície interior e a superfície exterior, materializam-se as mesmas com acabamentos distintos. No interior encontramos uma superfície lisa e polida - suave como a textura da água. No exterior encontramos uma superfície com uma leve rugosidade, sentindo a parte fina dos inertes à superfície, aproximando-nos assim, da perfeita imperfeição da terra.

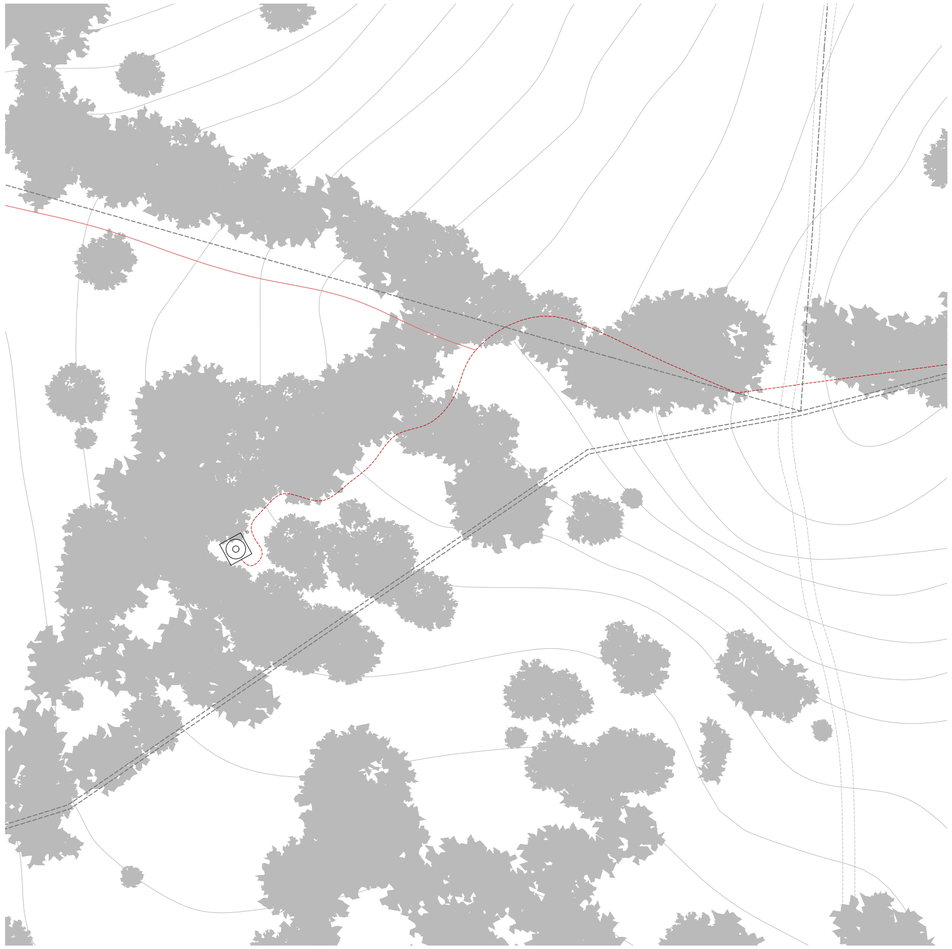
"Funcionam como parte integrante do seu espaço e parecem dizer: 'Eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte.'" [121]

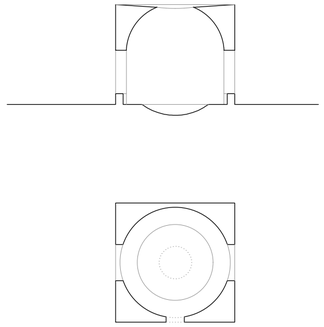
143 | *Herdade da Prata*, 2018, Évora, fotomontagem, Sylvie Claro

0 0.5 2m

MÃE D'ÁGUA

144 | *Herdade da Prata*, 2018, Évora, imagem de drone, Francisco Brito





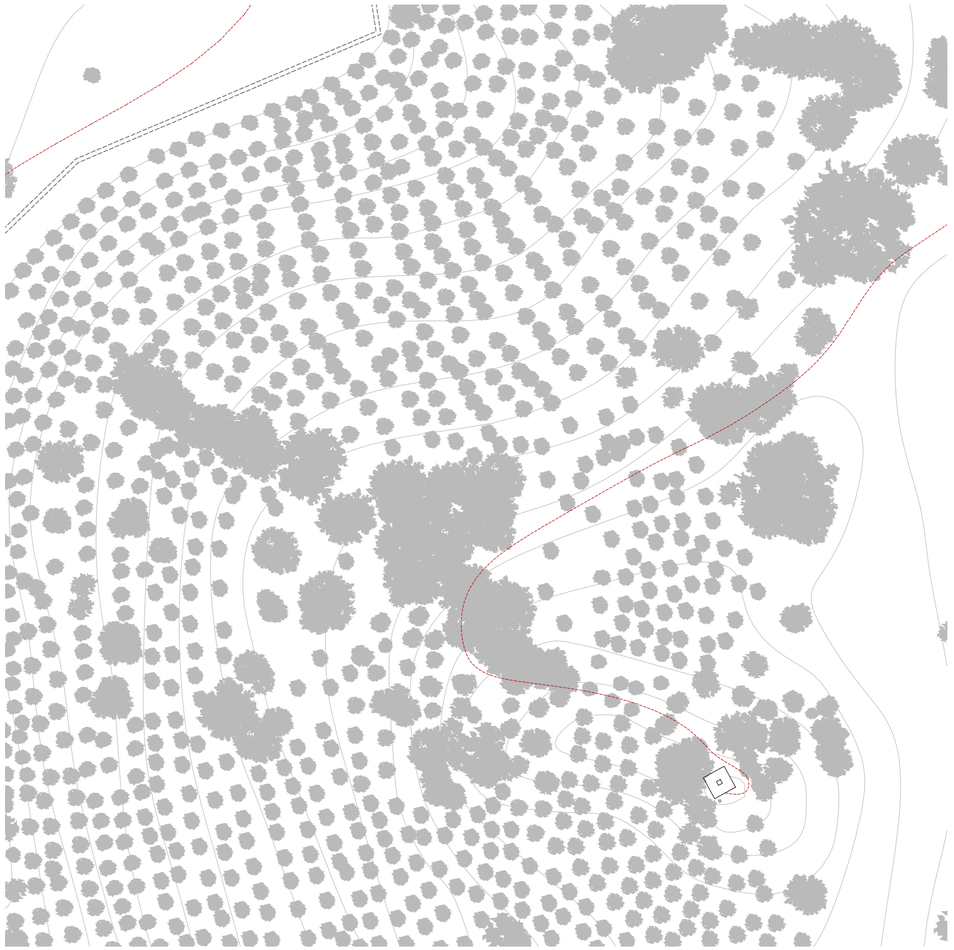
O Homem é um ser de encontros, constitui-se, desenvolve-se e aperfeiçoa-se realizando "encontros" com as realidades circunstanciais e compreende a arquitetura pelos seus sentidos. Este espaço nuclear surge na necessidade de pontuar o encontro com a Água da Prata e aclamar um lugar que antes de ser já o era - Mãe do que ali nasce. Aqui, pode ouvir o canto da água enquanto desfruta da paisagem serena e se toma conta da poética do espaço desta casa da água que transfere, através do seu desenho, o simbolismo do que fora outrora uma caixa de água do séc. XVI.

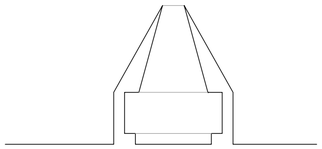
N 0 10 40m

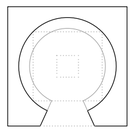
N 0 2 8m

ABRIGO

149 | *Lugar do Abrigo*, 2017, Évora, Sylvie Claro







Os trilhos deixados pelos caminhantes evidenciam a direção para algo que se localiza estrategicamente no ponto mais alto entre a Graça do Divor e a cidade de Évora. Lugar esse já referido como as *sete águas* e coincidente com o cruzamento das bacias hidrográficas. Segue-se ao encontro do *Abrigo*, espaço desenhado à semelhança de uma chaminé, procura invocar o calor de uma casa. A planta circular transmite o aconchego e permite que várias pessoas se possam ver enquanto se reúnem à volta do ponto de calor. Esta prática é intuitiva e tal como nas tribos antigas é um ato de proteção sobre os seus enquanto todos se aquecem e convivem.

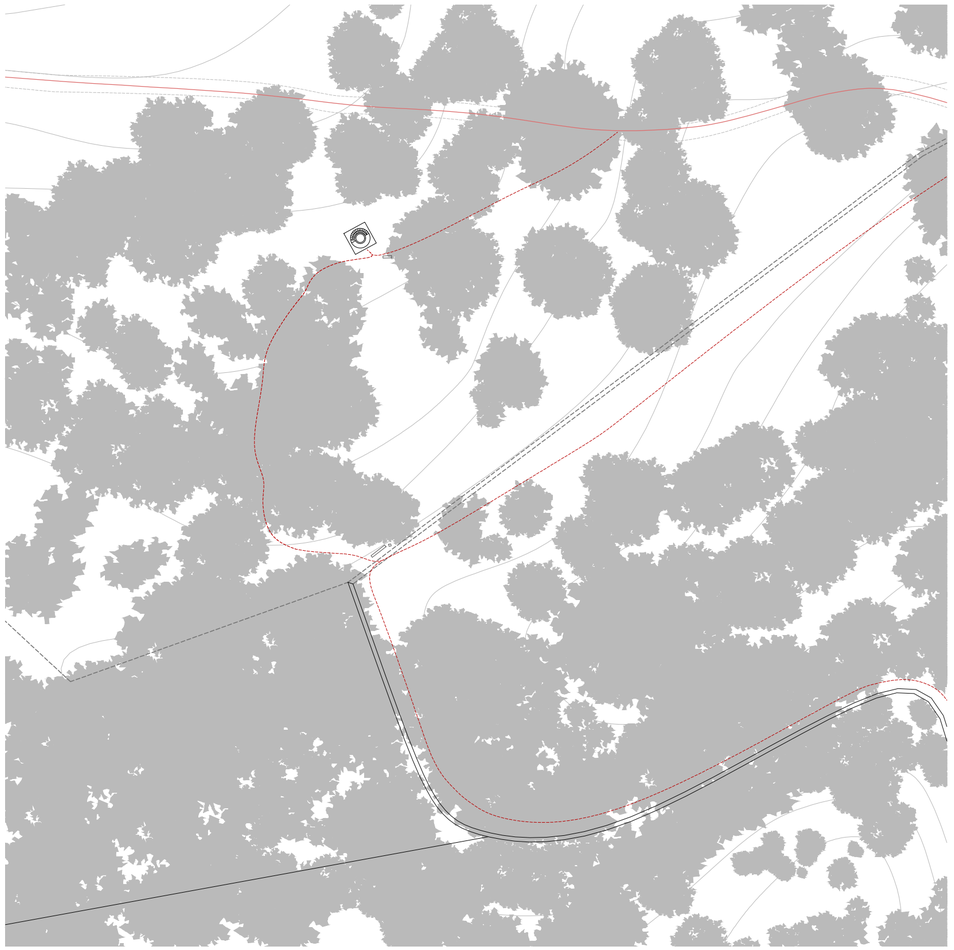
N 0 10 40m

N 0 2 8m

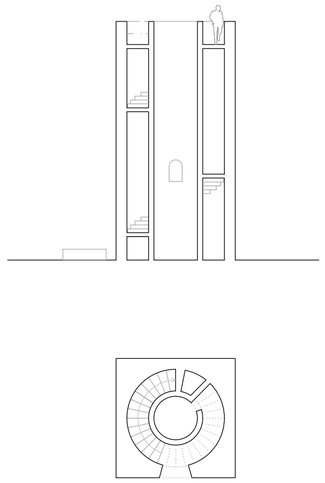
N
0
1
4m

MIRANTE

154 | *Antigo caminho dos Arcos do Divor*, 2017, Évora, Sylvie Claro



N 0 10 40m



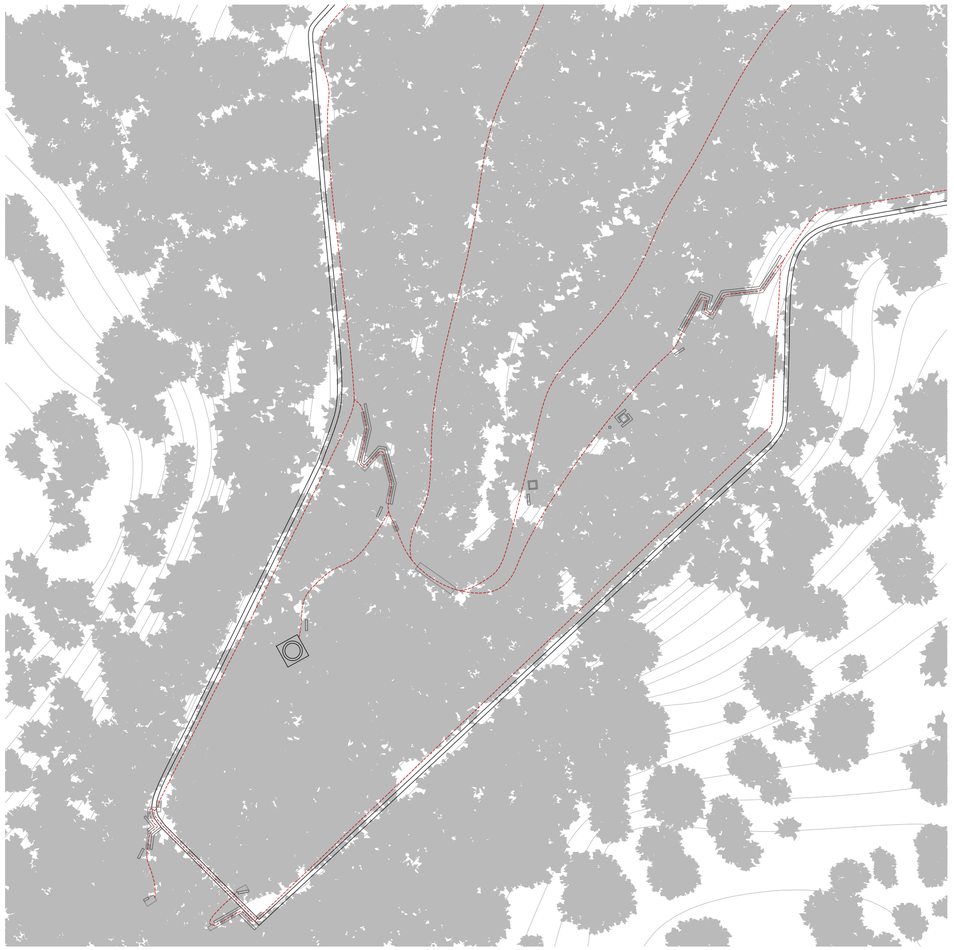
Neste momento encontramo-nos perante uma charneira que divide a presença do aqueduto à superfície e a dissimulação da sua estrutura no restante troço até à Graça do Divor. A atitude projetual neste lugar foi criar um elemento que se diferenciasse dos restantes e assumisse um papel de mirante suficientemente alto para se observar sobre as azinheiras e sobreiros, mas timidamente contido para se dissolver no ambiente. Esta peça destaca o seu carácter comunicante entre a origem e o destino do monumento que deu motivo a este estudo.

N 0 2 8m

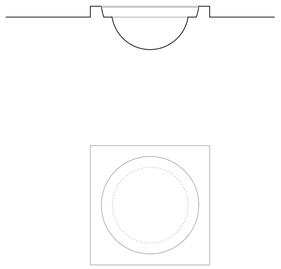
170 MI BRANTE ORTOFOTOMAPA

BANHO

159 | *Ribeira do Pombal, 2018, Évora, Sylvie Claro*



N 0 10 40m

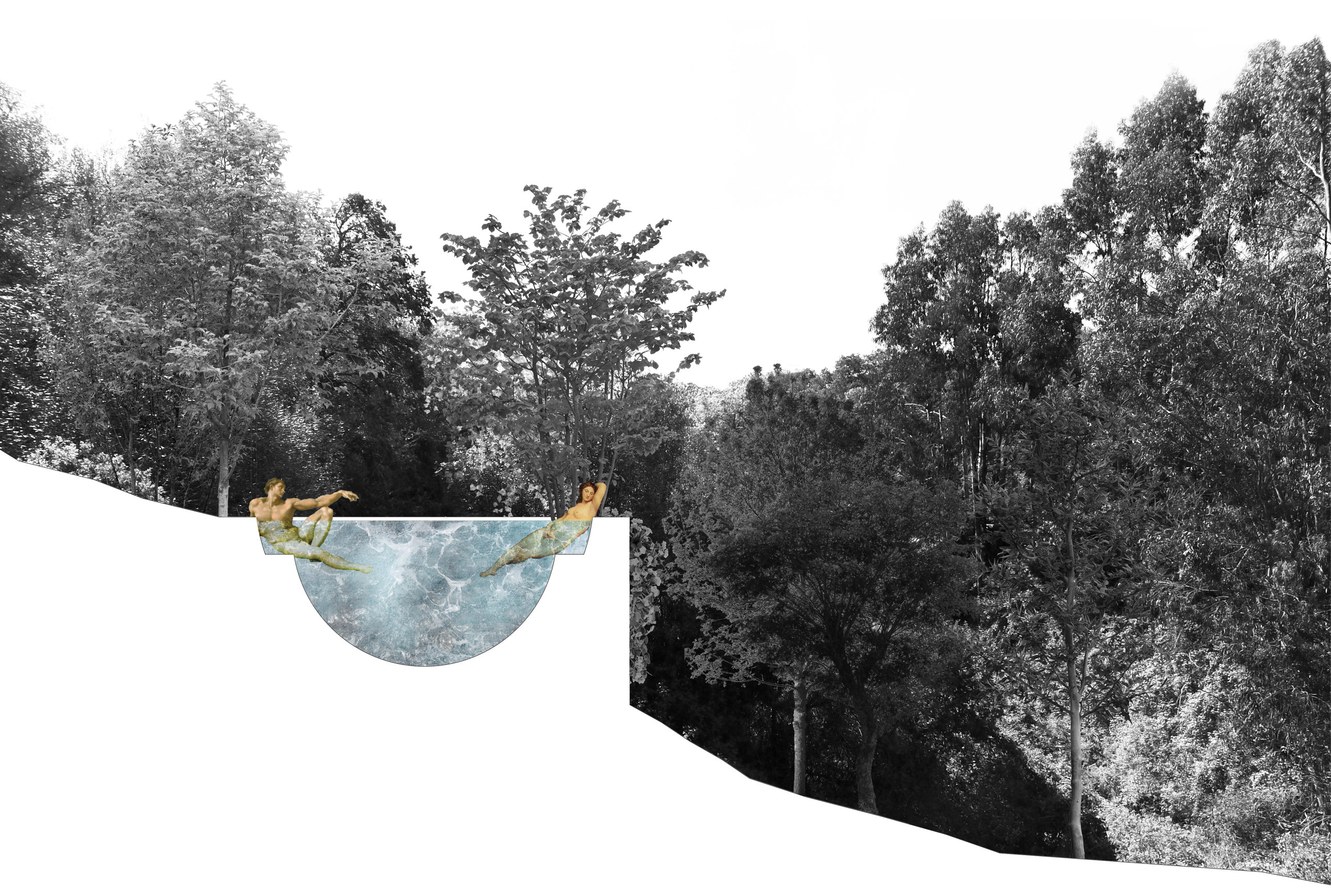


Não se pretendia que a água fosse apenas o fio condutor do percurso, sobre a sua forma simbólica, visível ou audível, mas também o fosse de forma lúdica através de espaços de introspeção e espaços de lazer, criados para a comunidade, transformando a arquitetura numa extensão do que somos ou procuramos alcançar e experienciar. Por esse motivo, desenhou-se este espaço despojado de complexidade, assumindo apenas uma plataforma com uma zona convexa abastecida pelo aqueduto que permite se banhar num lugar quase perdido emaranhado pela mancha vegetal que por si só é a forma e força do espaço.

N 0 2 8m

C A N O A L T O

O R T O F O T O M A P A



164 | Percurso rural junto ao tanque de água de 1755. 2017. Évora. Sylvie Claro

VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo nasceu com uma acção, essa acção formaliza o acto de caminhar e foi esse acto que ao longo dos anos, transformou a paisagem, e "a partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território." [122]

PERSPETIVAS EM ABERTO

O projeto realizado permitiu demonstrar a capacidade que a arquitetura tem em criar ambientes que podem dinamizar e alavancar a mais-valia de um lugar e de uma infraestrutura como o Aqueduto da Água da Prata.

O ser humano e o espaço estão em constante ligação e por isso a arquitetura tem a capacidade de dar significado a aspetos vitais que as palavras não podem transmitir com clareza.

Este trabalho permitiu conhecer melhor e avaliar o valor patrimonial, arquitetónico e paisagístico do Aqueduto da Água da Prata, compreendendo como esta infraestrutura chega à cidade cruzando um território rural com características únicas.

Tendo como objetivo a valorização do património rural, natural e cultural, o projeto desenvolvido propôs quatro escalas de atuação:

redesenhou o itinerário ambiental existente, adicionando novos acessos e criando um percurso complementar alternativo para a prática de equitação e de ciclismo; 2) implementou pequenos equipamentos de apoio ao visitante; 3) integrou espaços singulares no percurso de modo a salvaguarda-los; e 4) enriqueceu a experiência do percurso com a proposta de construção de pequenos de espaços designados de "nucleares" para valorizar o Aqueduto da Água da Prata e a sua envolvente.

A abordagem assumida é "cirúrgica", para realçar as especificidades da paisagem, dando em maior ênfase aos locais menos conhecidos ou esquecidos. Tornou-se igualmente essencial dotar o percurso com equipamentos que satisfizessem as necessidades mais elementares do visitante, como os bancos, bebedouros ou sinalética.

No âmbito da salvaguarda do aqueduto, deu-se, também, especial atenção à recolha de informação fotográfica assumindo um valor documental desta infraestrutura que permitirá perdurar a sua imagem no tempo.

Uma última questão em aberto, que excede o contexto deste trabalho, é a uma proposta para a implementação deste projeto que poderia ser realizada por fases. Este faseamento permitiria monitorizar a mais-valia do projeto e verificar as consequências no abandono (ou não) do espaço rural, como por exemplo na sensibilidade para a preservação da rede de caminhos rurais existentes.

Com a elaboração deste trabalho deseja-se, também, contribuir para o reconhecimento do monumento como um todo e do território que este atravessa, sensibilizando, deste modo, a autarquia e o publico em geral para o valor e importância do aqueduto para além do troço monumental e que, no futuro se possam criar mais iniciativas como caminhadas temáticas que podem surgir paralelamente com outras atividades e que ajudem à implementação deste projeto.

Realça-se que foi devido às pessoas que a obra nasceu e o aqueduto se ergueu, deve por isso ser preservado enquanto memória do seu passado e princípio para o seu futuro.

165 | *Itenerário rural do Percurso da Agua da Prata*, 2017, Evora, Sylvie Claro

NOTAS

1 VIEIRA, Álvaro Siza - *Imaginar a evidência,* p.139.

2 *Idem, Ibidem,* p.135.

3 *Idem, Ibidem,* p.141.

4 Fotogrametria traduz-se na compilação de fotografias aéreas e terrestres através de computação e que permite construir um modelo tridimensional do qual se pode obter medições reais. Para uma maior aproximação ao tema da fotogrametria e suas aplicações veja-se: FILIPE, Mário João do Carmo (2013) - *A fotogrametria aérea como ferramenta na restituição de paisagens submersas por albufeiras.* Lisboa: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Engenharia Geográfica apresentada na Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, texto policopiado.

5 Usando como expressão o título do livro de Álvaro Siza Vieira - *Imaginar a Evidência,* no sentido em que se procurou imaginar o que seria evidente e evidenciar o que se imaginou através do trabalho produzido.

6 CAMÕES, Luís Vaz, (séc. XVI) - *Os Lusíadas*, Canto III, Estrofe 63.

7 A informação descrita neste subcapítulo tem por base referências dos autores de estudos sobre o Aqueduto da Água da Prata, referidos na metodologia e citados nas fontes, dos quais se destaca, Francisco Bilou, arqueólogo e historiador.

8 Vitrúvio, VIII, 3, 28.

9 Para uma informação mais detalhada sobre as estadias da Corte veja-se: BILOU, Francisco - *Évora uma Vez... Histórias da Segunda Cidade do Reino: 1480-1580.*

10 *"Das fontes para as casas a água era transportada geralmente em cântaros de barro à cabeça - usavam uma sogra que é um pano enrolado onde assentava o cântaro na cabeça - ou ao quadril por mulheres que chegavam a carregar assim dois cântaros de cada vez, enquanto que os homens para carregarem água usavam carrinhos-de-mão, ou carregavam ao ombro e depois haviam os aguadeiros de profissão com a ajuda de animais, munidos de cangalhas que assentavam no dorso dos animais e cântaros, bilhas, barris ou potes".* FREIXA, Daniel Luís Rocha - *Por Caminhos da Água: costumes, saberes e hidráulica no Alentejo rural*, p. 31.

11 *"D. João III decide regressar definitivamente a Évora, em Novembro de 1532, depois de uma estadia forçada de alguns meses na vila de Alvito. No entanto, mais do que os inconvenientes da escassez de água corrente e potável e da imagem pouco digna que esse facto transmitia de uma cidade de corte - onde se apresentavam com regularidade os grandes do reino e os embaixadores estrangeiros - o maior receio público era o do aparecimento de surtos epidémicos, tidos então como pestilências próprias dos maus ares originados pelo calor e pelas águas inquinadas. Este, sim, um argumento de peso que deverá ter feito do projeto do Aqueduto um investimento público inadiável, sobretudo numa altura em que o rei dava mostras de prolongar a sua estadia, naquela que ele próprio afirmava ser uma «das mais principais cidades dos reinos de Portugal e do Algarve, e de mais povoação de gente nobre e de povo, tirando Lisboa» (LAVAJO, 1998: 52). A longa permanência da corte em Évora teve como consequência, além de uma evidente prosperidade urbana, a consolidação de um círculo cultural de ilustres personalidades".* BILOU, Francisco - *A (Re) Fundação do Aqueduto da Água da Prata em Évora 1533-1537*, p. 51.

12 Teria sido idealizado um aqueduto por D. João II ainda no séc. XIV e que D. Manuel I manifestou vontade em prosseguir, porém, apenas entre 1531 e 1537 foi construído o Cano Real que transporta as águas da Prata até à cidade, por ordem de D. João III com projeto do arquiteto Francisco de Arruda. BILOU, Francisco, *op. cit.*, pp. 45-49.

13 Entre o final do séc. XV e início do séc. XVI, num intervalo de vinte e oito anos, Évora sofreu três grandes epidemias, em 1495, 1509 e 1523. ESPANCA, Túlio - *A Cidade de Évora, Património Artístico Municipal: O Aqueduto da Água da Prata*, pp. 84-113.

14 Para uma descrição mais detalhada sobre o ornamento deste território consulte-se: MASCARANHAS, José Manuel e BARATA, Filipe Themudo - *O Território de Ebora, e a Organização e Ornamento da Paisagem Envolvente. In Paisagens arqueológicas a oeste de Évora.* Évora: Câmara Municipal de *Évora,* pp. 61-70.

15 Entre as nascentes na Herdade das Figueiras e a caixa de água no momento em que inicia a arcaria monumental, em S. Bento de Cástriz, o desnível é apenas de 4,64 m (QUINTELA, et al., 2005, p. 13), o que indica uma pendente próxima de 0,20 m por km.

Este valor é *"muito próximo daquele que Vitrúvio recomenda: «uma inclinação não menor que um sicílico (1/4 de polegada = 0,635cm) por cada cem pés (29,6 m)» (VITRUVIO, VIII, VI, 1), ou seja, uma pendente de cerca de 0,21 m por cada 1.000 m. Esta tão flagrante equidade com as medidas vitruvianas, afastando-se por defeito das práticas correntes quinhentistas que recomendavam a «cada mill passos es menester abajar un pie la nivelaçion» (Los veínte y un Libros...,VI, fl. 96)"* BILOU, Francisco, *op. cit.*, p. 70.

Esta pendente altera consideravelmente a partir da Caixa de Água junto ao inicio da arcaria monumental no sentido da água, em S. Bento de Cástriz. Deste ponto até à Caixa de Água da Rua Nova, verifica-se um desnível aproximado de 2,62 m, pelo que corresponde a uma pendente próxima dos 8 m por km. Se se mantivesse o desnível anterior, era possível chegar água pelo mesmo meio, ao ponto mais elevado da cidade.

16 A cota média da zona da Graça do Divor é 320 metros. O Templo Romano corresponde à cota mais alta da cidade - 307 metros. E o Aqueduto após quase 16 km de percurso chega a São Bento de Cástris à cota 318 e chega à Praça do Giraldo onde assume a cota aproximada de 293 m.

Este facto influencia a teoria da possibilidade deste aqueduto quinhentista estar assente sobre vestígios de um anterior proveniente da mesma zona e que pudesse abastecer o espelho de água em torno do Templo Romano e as termas existentes sob o atual edifico da Camara Municipal na Praça do Sertório. Mais do que uma teoria são apresentadas algumas descobertas de fundações com traços de construção romana, que serão abordadas mais à frente, no capítulo dos fundamentos de pré-existência. Para melhor especificação sobre as questões topográficas envolvidas nesta possibilidade veja-se: BILOU, Francisco - *A (Re) Fundação do Aqueduto da Água da Prata em Évora 1533-1537*, p.27-29.

17 Município de Évora, Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios, (2014/2018), *Diagnóstico, Caderno I.*

18 MONTEIRO, Maria Filomena e JORGE, Virgolino Ferreira - *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora*, p. 99.

19 Segundo os princípios de Vitrúvio deve-se procurar nascentes «sobretudo nos montes e lugares voltados para o Norte, porque neles se encontrarão as águas *mais agradáveis, sãs e abundantes» Vitrúvio, VIII, 1, 6*

20 *"(...) três factores fazem convergir a alternativa mais plausível para a região do Divor: a confluência das bacias hidrográficas do Tejo, Sado e Guadiana em altitudes superiores às da própria cidade; a disponibilidade hídrica de nascentes abundantes e de boa qualidade; a constância do nível altimétrico, à cota 320 m (...) "* BILOU, Francisco, *op. cit.,* p.21.

21 Para uma descrição detalhada dos vestígios arqueológicos descobertos após as escavações realizadas em redor do Templo Romano veja-se: HAUSCHILD, Theodor - *Investigações efetuadas no templo de Évora em 1986*, pp. 93-98.

22 Para obter a informação mais detalhada sobre a evolução histórica da cidade veja-se: BEIRANTE, Maria Ângela (1988) - *Évora na Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995. Tese de doutoramento em História apresentada à Universidade Nova de Lisboa. ; VAL-FLORES, Gustavo (2004) - *A Evolução Urbana da Cidade do Centro Histórico de Évora.* Évora: Câmara Municipal de Évora e SIMPLÍCIO, Maria (2003) - *Évora: Origem e Evolução de uma cidade Medieval*. Évora

23 O núcleo localizado na zona mais elevada da cidade é abraçado pela Cerca Velha que data do séc. VI d.c. Por consequência do crescimento da comunidade foi criada uma segunda linha de defesa - a Cerca Nova - fundada dez séculos após a anterior e constitui o perímetro amuralhado que delimita o atual centro historio. Esta muralha foi alvo de várias intervenções sendo que o carácter que hoje possuí deve-se a intervenção do séc. XX segundo o projeto de restauro dos Monumentos Nacionais que decorreu em várias fases. Para obter maior detalhe sobre as intervenções nas muralhas de Évora consulte: FERNANDES, Maria (1998) - *Os "Restauros" e a Memória da Cidade de Évora (1836-1986).* Évora. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico, apresentada à Universidade de Évora.

24 O Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli é popularmente conhecido por Cartuxa de Évora.

25 A atual ecopista é a adaptação do antigo ramal ferroviário de Mora a uma via pedestre e ciclável, inaugurada em 2005. Para obter mais informações sobre este percurso e ciclovias consultar: http://www.ciclovia.pt

26 Pode-se percorrer a ecopista até à localidade Sempre Noiva ou aventurar-se nos restantes percurso inscrito na antiga ferrovia, atravessando os concelhos de Arraiolos e Mora, totalizando uma distância de aproximadamente 60km.

27 A extensão desta rede tem sofrido ao longo dos anos encurtamentos como foi o caso do troço compreendido entre Évora e Valverde, por imposição do dono dos terrenos onde o percurso existia. O mesmo foi destruído para ampliar a área de cultivo da herdade.

28 Esta zona é composta por um afloramento granítico de onde foi extraída a matéria-prima para a construção dos monumentos da cidade entre os quais o Cano Real - O Aqueduto da Água da Prata. FERREIRA, Mário Rodrigues [et. al.] - *Relatório da Implantação Arqueológica e Geológica do Aqueduto da Água de Prata entre Évora e Graça do Divor: Projecto de Recuperação Arqueológica do Traçado do Aqueduto,* pp. 32-34.

29 Junto ao miradouro destacam-se os moinhos, transformados pela Câmara Municipal de Évora em Núcleo Museológico com atividades lúdico-pedagógicas para alunos do nível pré-escolar.

30 BILOU, Francisco, *op. cit.,* p. 9.

31 O Aqueduto da Água da Prata foi classificado como Monumento Nacional em 1910 e é o segundo monumento mais longo de Portugal. Além de designado por *Aqueduto Quinhentista* pela época em que foi construído é também adiante designado por *Cano Real* dado a ter sido uma encomenda *Real* e demonstração do poder régio.

32 A medida exata do traçado do aqueduto difere em várias publicações. Não sendo específico se o valor descrito engloba as ramificações ou se apenas se refere à conduta principal, Neste trabalho optou-se pela medida mais aproximada à obtida através da composição da cartografia e referente ao traçado principal até às primeiras fontes da Herdade das Figueiras. Por exemplo, no manuscrito que iremos referir adiante refere aproximadamente 18310 metros; o resultado obtido por António Cabral e e Manuel Caetano descrito na *Inspeção do Aqueduto Sertoriano de Évora* em 1879 é de 19 138m,120mm; em PEREIRA, Gabriel (1934) - *Estudos Diversos: Arqueologia, História, Arte, Etnografia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p.162 o autor escreve *"quási 19 quilómetros";* na referência ESPANCA, Túlio (1966) - *Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora.* Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, pode ler-se *"(...) na zona compreendida entre Metrogos e as caixas de água do sopé de S. Bento, que cobria a extensão de 17 002m,952mm"* e ainda no mesmo documento escreve: *"Principia o aqueduto nas nascentes ou minas da Graça do Divor, a 18 310 metros de distância dos muros quatrocentistas da cidade (...)"* ; na publicação MASCARANHAS, José Manuel [et. al.] (2005) - *O Aqueduto da Água da Prata e o Abastecimento de Água a Évora. 7º. SILUSBA.* Lisboa: Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos, os autores referem o valor de *19 017,472m* obtido por reconhecimento de campo; e com base na fonte CABRAL, António ; MANUEL, Caetano (1880) - *Inspecção do Aqueduto Sertoriano de Évora: 1879*. Direcção geral das obras públicas e minas. Diário do Governo, n.º 139, 22 de Junho de 1880, pp.1595-1597 referem que *"se todos os encurtamentos propostos tivessem sido executados, o comprimento total do aqueduto reduzir-se-ia a 14 629,752 m ".*

33 No sentido do curso da água, é o primeiro momento onde a obra destaca um momento diferenciador.

34 A estrada Regional 114-4, popularmente chamada por estrada de Arraiolos era na época a estrada para Santarém. Em Santarém estava o paço de Almeirim que era o paço que concorria com o paço de Évora e tirando o de Lisboa era o paço preferido dos reis devido à caça e à proximidade da capital.

35 Francisco Bilou designa este pilar como *o último suspiro manuelino* em Portugal encomendado pelo rei. Embora a obra do Aqueduto da Água da Prata se enquadrar no início da época Renascentista (em Portugal surge entre o séc. XV e o fim do séc. XVI), o arquiteto manteve o traço manuelino (estilo que se desenvolve no reinado de D. Manuel I entre 1491 a 1521), A justificação mais clara consensual para Francisco de Arruda deixar no meio da obra renascentista uma última memória manuelina é que *"até que os que mandam fazer e os que fazem se ajustem à nova linguagem, aquela arte vai perdurando no tempo e em paralelo com o renascimento" (BILOU, Francisco)* e no futuro os estilos separam-se pelos gostos de cada um em seguir um ou outro estilo.

36 Desenhada por Francisco de Arruda e construída entre 1514 e 1520.

37 Consoante o desenvolvimento da cidade, foram aumentadas as captações de água e implementadas estações de bombagem para assegurar a eficácia do abastecimento à população.

38 MONTEIRO, Maria Filomena ; JORGE, Virgolino Ferreira - *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora,* p. 99.

39 É detetável ao longo do percurso em que o aqueduto do século XVI se expõe, que o mesmo seguia as curvas de nível naturais do terreno, pois na época, era mais difícil e demorada a empreitada que rompesse ao morfologia do território. Por sua vez, a empreitada de restruturação do aqueduto no século XIX não valoriza as curvas de nível e com maior capacidade de moldar o terreno, altera-o rompendo-o e adaptando a inclinação do mesmo consoante a necessária progressão da água no cano, por gravidade. É a partir da Herdade da Manizola, junto a São Bento de Cástris, que o aqueduto do século XIX abandona o traçado do século XVI tendo este sido abandonado. Para mais informação sobre as intervenções no aqueduto, veja-se: MASCARANHAS, José Manuel [et. al.], *op. cit.,* pp. 30-31.

40 Em 1922 a caixa de água da Rua Nova foi classificada como Imóvel de Interesse Público.

41 Embora o termo seja alusivo aos depósitos que recebem a água proveniente de um aqueduto e onde se realiza a última decantação, neste caso a elevação à dignidade simbólica de *Castellum Aquae*, é sugestão de André de Resende devido à semelhança com o Templo Romano encaixado nos tanques de água envolventes e que o arquiteto Francisco de Arruda terá tido em conta essa referência corroborando com a possibilidade da existência de uma estrutura de transporte de água anterior. Para mais informação correspondente a termos relacionados com um aqueduto veja-se o glossário que foi consultado: http://www.traianvs.net/italica/glosario.htm.

42 MONTEIRO, Maria Filomena - *O Aqueduto da Água da Prata em Évora: Bases para uma proposta de recuperação e valorização.*

43 O centro histórico de Évora é Património Mundial da UNESCO desde 1986.

44 Uma parte da água continua o curso pelo aqueduto, até à zona das hortas urbanas da cidade, junto ao Forte de Santo António, onde é armazenada num depósito, para apoio às mesmas.

45 Carlos Manuel Rodrigues Pinto de Sá, atual presidente da Câmara Municipal de Évora, tem vindo a fazer alguns comunicados relativamente a esta pretensão, juntamente com a demonstração de um maior investimento por parte da autarquia, nomeadamente o levantamento arquitetónico ao troço monumental do aqueduto, elaborado pelo Engenheiro Alberto Martinez, especializado em levantamentos arquitetónicos e fotogramétricos.

46 Momento em que atinge a altura de 12.1 metros do solo.

47 A Praça de Giraldo terá sido oficialmente denominada como *Praça da Água da Prata* em 1539 segundo consta numa carta régia dirigida à câmara Municipal de Lisboa a 5 de Fevereiro de 1539. Veja-se: BARATA, António Francisco (1909*). Évora Antiga: notícias colhidas com afanosa diligência em favor dos asylos de infância desvalida e Ramalho Barahona.* Évora: Minerva Commercial, p. 148.

48 Conhecimento partilhado por Francisco Bilou durante o Walkshop 01 que se realizou no dia 29 de Março de 2016.

49 António Francisco Barata, em *Évora Antiga,* faz referência ao excerto de uma carta onde se designa a Praça do Giraldo em 1539 por Praça da Água da Prata. É ainda descrito no manuscrito que falaremos de seguida, que água correu pela primeira vez dia 28 de Março de 1537. Sobre a fonte da Praça de Giraldo veja-se: ESPANCA, Túlio - *O Aqueduto da Água da Prata. In Boletim A Cidade de Évora.* Évora: Comissão Municipal de Turismo, n.º 7-8, ano II, Junho-Setembro, pp. 103-105.

50 Para um conhecimento mais aprofundado sobre o Paço Real de Évora veja-se: BILOU, Francisco (2014) - *A Igreja de São Francisco e o Paço Real de Évora: A Obra e os Protagonistas 500 anos depois.* Lisboa: Edições Colibri e VAL-FLORES, Gustavo (2009) - *O Paço Real de Évora: Apogeu e Declínio de um Espaço Régio.* Évora [s.n]. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico apresentada na Universidade de Évora.

51 Obra de Miguel de Arruda, irmão de Francisco de Arruda. Veja-se mais sobre a vida de Miguel de Arruda em Évora em: BILOU, Francisco (2015) - *Miguel de Arruda, entre Évora e Estremoz: Novos documentos (1532-1562).* In Boletim do Arquivo Distrital de Évora, N.º 3, pp. 53-57.

52 BARATA, António Francisco - *Évora Antiga: notícias colhidas com afanosa diligência em favor dos asylos de infância desvalida e Ramalho Barahona*, pp.184-186.

António Francisco Barata também escreveu que em 1865, esta estrutura terminal do aqueduto era popularmente denominada por *Mãe D'Água.*

53 Iniciativa e um investimento por parte da autarquia. Reveja-se a planta dos percursos ambientais no conselho de Évora.

54 *"Se a concordância geográfica de alguns topónimos com o actual traçado do aqueduto quinhentista pode ser legitimamente questionada por falta de documentação, a localização da antiga Rua do Cano nunca levantou dúvidas aos historiadores, sobretudo a Afonso de Carvalho, investigador local a quem mais devemos o conhecimento histórico da toponímia de Évora. Este autor contabilizou catorze citações desta rua anteriores a 1533, a mais antiga datada de 1290. Se muitas delas são vagas e imprecisas, outras há que clarificam o essencial da sua localização urbana: umas casas situadas «na Rua daujs que partem per a dita Rua e per Rua do Cano» (1377); «(...) uma travessa onde se chama a Rua do Cano Junto com ho Cham das couas» (1512) (CARVALHO, 2004: 78)"* BILOU, Francisco - *A (Re) Fundação do Aqueduto da Água da Prata em Évora 1533-1537,* pp. 29-30.

55 Pegões são fundações semi-diretas existentes em edifícios antigos e que consistem em poços escavados até atingir as camadas resistentes do solo e são realizadas em alvenaria de pedra.

56 Zona entre S. Bento de Cástris e o Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli.

57 André de Resende (1500-1573), natural de Évora, humanista pioneiro na arqueologia em Portugal. Veja-se mais em: BARATA, António Francisco (1900) - *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Ethnologico Português. Imprensa Nacional, pp. 87-89.

58 Manuel Fialho (1646-1718), padre jesuíta natural de Évora, autor da obra com quatro volumes intitulada *"Évora Ilustrada"* que foi posteriormente editada e publicada pelo Padre Jesuíta Francisco da Fonseca com o título *"Évora gloriosa; epílogo dos quatro tomos da «Évora ilustrada".*

59 Túlio Espanca (1913-1993), natural de Vila Viçosa, historiador local que contribuiu para a classificação de Évora como Património Mundial da UNESCO.

60 Revela-se por exemplo *"Uma ténue moldura pintada a ocre no intradorso de um arco a montante da estrada de Arraiolos; uma cruz pintada a negro entre a cerca da Cartuxa e o Forte de Santo António, no exato lugar onde existiu a 'fonte das cinco bicas' "* veja-se: BILOU, Francisco ; BRANCO, Manuel (2009) - *A Obra do Aqueduto da Água da Prata, em Évora: dois testemunhos inéditos*. In Boletim A cidade de Évora. Évora: Comissão Municipal de Turismo, II série, nº8, pp.231-260.

61 *«Mais uma vez, esses testemunhos estavam sob os nossos olhos, mas não os conseguíamos ver, depois que Francisco Bilou no-los indicou, todos os reconhecemos.»* OLIVEIRA, Jorge de (2010), em prefácio do livro de Francisco Bilou - *A (Re) Fundação do Aqueduto da Água da Prata em Évora 1533-1537.* Lisboa: Colibri Artes Gráficas, p. 6.

62 O documento oficial tem o nome: *«Regimento das Fontes Aqueducto, e fabrica da Agoa da Prata da Cidade d' Euora, reformado, e acrecentado per El-Rey Dom Philippe segundo nosso Senhor. NO ANNO DE .M.D.C.VI.»*

63 *"Como o caudal diário fornecido pelo aqueduto começou a ser insuficiente, em finais do século XVI, impôs-se a necessidade de disciplinar o seu uso e gestão metódica. Para o efeito, redigiu-se um Regimento do Aqueduto da Água da Prata."* MONTEIRO, Maria Filomena ; JORGE, Virgolino Ferreira - *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora*, p. 96.

64 O Manuscrito encontra-se na propriedade da autarquia e foi exposto na exposição "O Aqueduto da Água da Prata e o Património Hidráulico de Évora" patente ao público de 17 de abril de 2018 a Janeiro de 2019.

65 Referente à empreitada do Aqueduto da Água da Prata.

66 MONTEIRO, Maria Filomena - *O Aqueduto da Água da Prata em Évora: Bases para uma proposta de recuperação e valorização.*

67 *"Aquele que recebeu alguma doação"* - definição de *donatário* in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013). Para mais informação sobre os donatários do Aqueduto da Água da Prata veja-se: ESPANCA, Túlio (1944) - *O Aqueduto da Água da Prata.* In Boletim *A Cidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo, nº7-8, ano II, Junho-Setembro, pp. 100-101.

68 Uma vara subdivide-se em cinco palmos e corresponde a 1,1metros. Para mais informações sobre as medidas veja: BARREIROS, Fortunato José (1838) - *Memória sobre os pesos e medidas de Portugal, Espanha, Inglaterra e França.* Lisboa: [n.d].

69 O provedor - responsável máximo, o seu escrivão, o tesoureiro, o mestre-de-obras e o solicitador das penas, que era também o aparelhador da obra, com ordenados claramente estabelecidos e a ação do Provedor era vigiada pelos corredores e pelos meirinhos, verificando sempre se da sua negligência não dependia uma eventual escassez de água. Segundo o Regimento, o provedor, deveria visitar pessoalmente todo o percurso do cano, fontes e adições nos primeiros quinze dias a cada três meses, e deveria levar com ele o mestre do cano e o seu escrivão, apontando tudo o que necessitava ser reparado - se não o fizessem, perderiam o seu salário.

70 Um *anel de água* é o diâmetro exato concedido a instituições, conventos ou fontes assim como uma *pena de água* que se refere a uma pena de ganso seccionada cujo seu diâmetro representa o fio de água concedido que corre dia e noite. Estas medidas específicas determinavam a quantidade de água e eram acauteladas pelo diâmetro da respetiva "chave".

71 ESPANCA, Túlio, *op. cit.,* pp. 96-98.

72 José Saramago em *Palavras Para uma Cidade.*

73 Duarte Belo em *Campo.*

74 CARERI, Francesco - *Walkscapes: o caminhar como prática estética,* p. 18.

75 *Idem, Ibidem*, p. 29.

76 Para uma aproximação à contextualização e melhor entendimento deste aqueduto veja-se: RODRIGUES, Joana (2012) - *Caminhos de vida: Aqueduto das Águas Livres: património hidráulico português.* Lisboa: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa

76 O convento do Calvário faz parte da história do aqueduto, tendo sido um dos seus donatários. Veja-se a cronologia descrita pelo autor.

77 Esta exposição contribui para um conjunto de informação alusiva ao tema da Feira de S. João em Évora de 2017. O convite foi feito pela professora Sofia Salema e aceite sem hesitação, com vista à partilha e aquisição de conhecimento sobre o tema explorado.

79 TELLES, Gonçalo Ribeiro (1994) - *Paisagem Global: Um Conceito para o futuro.* In *Iniciativa*, nº especial.

80 Uma das lições do professor Pedro Pacheco enquanto a autora foi sua aluna no período letivo 2014/2015.

81 Sobre alguns conceitos de Paisagem, veja-se: MAGALHÃES, Manuela Raposo (2001) - *A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade.* Lisboa: Editorial Estampa, pp. 50-55.

82 TELLES, Gonçalo Ribeiro - *Gonçalo Ribeiro Tel les: Textos Escolhidos,* p. 19.

83 *Idem, Ibidem, Passim.*

84 PESSOA, Fernando Santos - *Intervir na Paisagem*, p. 91.

85 HAESBAERT, Rogério - *Terroitório e Multiterritorialidade: um debate*, p. 23.

86 João Bosco Moura Tonucci - *Espaço e Território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica*, p. 44.

87 Definição de *Território* segundo a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. 17, Verbo, Lisboa, 1975.

88 HAESBAERT, Rogério ; LIMONAD, Ester - *O Território em Tempo de Globalização.* In *Revista etc, espaço, tempo e crítica,* N.º 2, Vol. I.

89 CARERI, Francesco, *op. cit.,* p. 31.

90 Estrada Regional - R114-4.

91 Localiza-se após, aproximadamente, 1,6km desde o cruzamento do caminho municipal de acesso ao Mosteiro de São Bento de Cástris - CM 1086; com a estrada de Arraiolos.

92 Caminho Municipal - CM 1081.

93 "*O Cano Alto localiza-se no maior acidente geológico que o Aqueduto da Água da Prata encontra antes de S. Bento de Cástris. Neste lugar, a ribeira de Pombal rasga um vale alcantilado que só a densidade do arvoredo faz parecer mais suave. O nome vulgar pelo qual é conhecido provém, justamente, da passagem aérea do Aqueduto sobre a ribeira, a uma altura máxima de 8,70 m*." BILOU, Francisco, *op. cit.,* p. 76.

A montante deste local *"foram identificadas nesta zona três estruturas arqueológicas inéditas: um açude contrafortado; uma fonte/capela miniatural com vestígios pictórios (sete serafins) no seu interior; e uma azenha".* Achados por Mário Carvalho e a João Santos no âmbito do levantamento da Carta Arqueológica do Concelho de Évora. Com base nesta informação, tentou-se diversas vezes (re)encontrar estes vestígios nas visitas de campo contudo não se conseguiram verificar devido à densa vegetação e inexistência da localização exata.

94 Autoestrada - A6.

95 A artista Kate McLean tem vindo a desenvolver um projeto similar, que despertou este particular interesse. Para maior detalhe do projeto, veja-se: QUERCIA, D. ; SCHIFANELLA, R. ; AIELLO, L. ; MCLEAN, K. (2015) - *Smelly Maps: The Digital Life of Urban Smellscapes, In Proc. of the 9th International AAAI Conference on Web and Social Media (ICWSM)*.

96 TELLES, Gonçalo Ribeiro, *op. cit.,* p. 86.

97 *Idem, Ibidem*, p. 115.

98 Informação obtida no trabalho de PEREIRA, Marízia - *O património natural do aqueduto da Água da Prata: um valor a preservar* .

99 Françoise Choay

100 Transcrição pela autora de palavras proferidas pelo arquiteto Eduardo Souto Moura durante uma conferência em Lisboa.

101 Para conhecimento de parte da sua obra veja-se: MENDES, Nelson Gomes (2009) - *ACQUA: Água, Essência na Arquitetura de Carlo Scarpa.* Coimbra: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada na Universidade de Coimbra.

102 Eduardo Souto Moura

103 VIEIRA, Álvaro Siza - *Imaginar a Evidência, p. 15.*

104 Gonçalo M. Tavares

105 Uma das lições do professor João Maria Trindade enquanto a autora foi sua aluna no período letivo 2011/2012.

106 TELLES, Gonçalo Ribeiro, *op. cit.,* p. 22.

107 C.M.E.

108 *"Com essa única finalidade foi construída, a cerca de 120 m a Nascente do Cano Alto, uma robusta ponte de alvenaria, conhecida por «ponte romana». Actualmente muito dissimulada na vegetação ripícola e já sem qualquer caminho associado, em particular na margem esquerda da ribeira, esta ponte apresenta um só arco abatido, sobre o qual se desenvolve um tabuleiro com 1,90 m de largura por 12,5 m de comprimento, composto por duas rampas empedradas, protegidas a toda extensão por guardas espessas de topo arredondado, na base das quais se abrem goteiras. Confirmando o uso recorrente de «siglas artesanais», também nesta obra existem grafitos nos rebocos, produzidos certamente pelos pedreiros e alvanéus no remate da empreitada. As únicas que conseguimos identificar, circunscrevem-se ao intradorso do arco, destacando-se do conjunto uma sigla, talvez autógrafa, de difícil interpretação."* BILOU, Francisco, *op.cit.,* p.77. C*om base em* ESPANCA, Túlio (1966), in *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora, Vol. VII,* Lisboa, ANBA, p. 327.

109 *"Desconhecem-se as circunstâncias em que André de Resende adquiriu uma casa de campo junto ao Aqueduto. Talvez não seja abusivo admitir que o contacto directo com a obra o tivesse concitado à escolha de um recanto bucólico, dos muitos que, seguramente, bordejavam o percurso do Cano."* BILOU, Francisco, *op. cit., passim.*

110 *"Dos vários autores que estudaram e publicaram estas inscrições latinas, seguimos a transcrição mais recente de Joan Carbonell Manils143, da Universitat Autònoma de Barcelona, vertendo do castelhano a seu significado em português:*

FLECTE GENV. EN SIGNVM PER QVOD VIS VI
CTA TIRANNI ANTIQVI ATQVE EREBI
CONCIDIT IMPERIVM;
HOC TV SIVE PIVS FRONTEM SIVE PECTORA SIGNES
NEC LEMORVM INSIDIAS EXPECTAR AQVE VANA TIME

Ajoelha-te. Estás diante do símbolo pela qual foi vencida a força do tirano antigo e se desmoronou o império de Érebo. Com ele benze devotamente a tua fronte e peito e não temas as insídias dos Lemures nem dos falsos espectros.

EXERE, NAI, CAPVT TENEBROSA E RVPE LAETVMQUE
VISE TIBI SACRVM POMIFERVMQVE NEMVS,
PER QVOD VBI LAETO DISCVRRIS LIBERA FLVXV
ARBORIBVS VENIAT COPIA LAETA TVIS.

Levanta, Náiade, a cabeça por cima da rocha tenebrosa e visita este agradável bosque de abundantes frutos que te foi consagrado; quando liberta, flúi por ele alegremente, produzam as tuas árvores abundância de frutos." Idem, Ibidem, p. 79.

111 Note-se que não foi mencionado na descrição do itinerário existente uma vez que o mesmo narra a experiência retomando o percurso a partir do acesso B em diante, e esta fonte localiza-se no troço que antecede, compreendido entre este acesso e o cruzamento do aqueduto com a estrada de Arraiolos.

112 FERREIRA, Mário Rodrigues [et. al.]*, op. cit.,* p. 48.

113 Imagina-se, à semelhança das outras edificações já referidas, a hipótese de ter sido coberto por uma cúpula de grandes dimensões como se de um *Panteão* se tratasse.

114 A primeira impressão que seduziu o olhar do autor foi a "aproximação" com a sala octogonal da *Domus Aurea* em Roma, obra de Nero em 64 d.C.

115 Veja-se mais sobre a hidráulica da Cartuxa em: MASCARANHAS, José Manuel ; JORGE, Virgolino Ferreira (1999) - *Os sistemas hidráulicos do mosteiro cartusiano de Évora. In Revista Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos.* Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º10, pp. 15-19.

116 O Arqueólogo José Rui dos Santos liderou estes trabalhos realizados em 2016 ao serviço da Câmara Municipal de Évora.

117 Foi projetado pelo engenheiro militar Nicolau da Langres e construído entre 1650 e 1663. Sobre esta e outras fortificações da cidade, veja-se: SOUSA, Ana Teresa (2015) - *O Conjunto Abaluartado de Évora*. Faro: Silabas & Desafios e LIMA, Miguel (1996) - *Muralhas e Fortificações de Évora*. Lisboa: Argumentum.

118 TERENO, Maria do Céu - *Arquitetura das caixas de água do Aqueduto da Águas de Prata: Évora.*

119 Desconhecido.

120 Paulo Pires do Vale numa aula aberta a convide dos professores Rui Mendes e Pedro Pacheco, no ao letivo de 2014/2015

121 ZUMTHOR, Peter - *Pensar Arquitectura*, p.17. Estas palavras de Peter Zumthor contunuam afirmando o mesmo sentimento que se sentiu enquanto se desenvolvia este projeto: *"Conseguir projectar edifícios que, no decorrer do tempo, se acabem por unir desta forma natural com a figura e história do lugar desperta a minha paixão".*

122 CARERI, Francesco, *op. cit.,* p. 28.

123 *Idem, Ibidem*, p. 51.

ÍNDICE DE IMAGENS

NOTA: as fotografias de outros autores, foram usadas como base, uma vez que cada imagem introduzida nestre trabalho, foi editada pela autora.

001 | p. 0/1 - *Itenerário rural do Percurso da Água da Prata,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

002 | p. 2/3 - *Itenerário rural,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

003 | p. 5 - *Caixas de água e nascentes na zona de Metrogos,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

004 | p. 7 - *Tanque de água de 1795,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

005 | p. 8 - *Cruzeiro junto a São Bento de Cástris,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

006 | p. 8 - *Itenerário peri-urbano,* 2016, Évora
Fonte: captura, tratamento das imagens e produção do modelo da autoria de Sylvie Claro e Francisco Brito

007 | p. 8 - *Mãe d'Água do Aqueduto das Águas Livres,* 2016, Lisboa
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

008 | p. 9 - *Walkshop 01 -Aqueduto das Águas Livres,* 2016, Lisboa
Fonte: fotografia da autora

009 | p. 9 - *Entrada do Aqueduto,* 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

010 | p. 9 - *Watch Day,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

011 | p. 11 - *São Bneto de Cástris,* 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

012 | p. 13 - *Forte de Santo António,* 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

013 | p. 15 - *Fonte do Arcediago,* 2017-2018, Évora, fotogrametria
Fonte: captura, tratamento das imagens e produção do modelo da autoria de Sylvie Claro e Francisco Brito

014 | p. 15 - *Fonte do Arcediago,* 2017-2018, Évora, fotogrametria
Fonte: captura, tratamento das imagens e produção do modelo da autoria de Sylvie Claro e Francisco Brito

015 | p. 15 - *Ponte Antiga na Ribeira do Pombal,* 2018, Évora, fotogrametria
Fonte: captura, tratamento das imagens e produção do modelo da autoria de Sylvie Claro e Francisco Brito

016 | p. 15 - *Poço na Malhada da Manizola,* 2018, Évora, fotogrametria
Fonte: captura, tratamento das imagens e produção do modelo da autoria de Sylvie Claro e Francisco Brito

017 | p. 15 - *Torrinha no Acesso A,* 2017, Évora, fotogrametria
Fonte: captura, tratamento das imagens e produção do modelo da autoria de Sylvie Claro e Francisco Brito

018 | p. 15 - *Caixa de Água da "Cartuxa" - Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli,* 2017, Évora, fotogrametria
Fonte: captura, tratamento das imagens e produção do modelo da autoria de Sylvie Claro e Francisco Brito

019 | p. 17 - *Percurso rural, 2017*, Évora
Fonte: fotografia da autora

020 | p. 18/19 - *Entrada do Aqueduto,* 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

021 | p. 20/21 - *Perfil da Cidade de Évora,* 1668 - 1669, Évora, Desenho a aguarela
Fonte: autoria de Pier María Baldi

022 | p. 22 - *Plano de abastecimento de águas no concelho de Évora*, [s.d], desenho
Fonte: Câmara Municipal de Évora - autor: Daniel Sanches

023 | p. 23 - *Forte de Santo António com o Centro Histórico como plano de fundo,* 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autora

024 | p. 24/25 - *Ortofotomapa do concelho de Évora*
Fonte: produção da autora

025 | p. 26 - *Planta topográfica do concelho de Évora*
Fonte: produção da autora

026 | p. 29 - *Planta hidrográfica do concelho de Évora*
Fonte: produção da autora

027 | p. 31 - *Planta da estrutra urbana do concelho de Évora*
Fonte: produção da autora

028 | p. 33 - *Planta da rede viária e percursos ambientais do concelho de Évora*
Fonte: produção da autora

029 | p. 34/35 - *Perfil da Cidade de Évora,* 1668 - 1669, Évora, Desenho a aguarela
Fonte: autoria de Pier María Baldi

030 | p. 37 - *Cano Alto,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

031 | p.39 - *Aqueduto em zona rural,* 2018, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autora

032 | p. 41 - *Apoios do aqueduto no território,* 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autora

033 | p. 43 - *Mosteiro de Santa Maria de Scala Coeli*, 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

034 | p. 44 - *Antiga planta da canalização das águas sertorianas intra-muros da cidade de Évora, finais do séc. XIX*, *Évora,* [s.n]
Fonte: Revista Monumentos n.º26, p.95 - autor: desconhecido

035 | p. 45 - *Plantas com o traçado antigo da rede de águas,* 1900, Évora, [s.n]
Fonte: Revista Monumentos n.º26, p.94 - autor: desconhecido

036 | p. 46/47 - *Planta chorographica da zona atravessada pelo Aqueduto Sertoriano d´ Évora, e o estado das Obras em execução, esc. 1:20 000*, 1896, Évora, A.D.E. - AHMEVR, Lv. 851, fl. 66
Fonte: Arquivo Distrital de Évora - autor: Arthur Abílio Alves

037 | p. 48/49 - *Captações inferiores ao Aqueduto*, 1951, Évora, Desenho
Fonte: Câmara Municipal de Évora - autor: Daniel Sanches

038 | p. 50/51 - *Secção da planta do Aqueduto da Água da Prata, Escala 1:2500*, [s.d], Direcção de Obras Públicas do Distrito de Évora, BPE
Fonte: Biblioteca Pública de Évora - autor: desconhecido

039 | p. 50/51 - *Secção do perfil longitudinal do Aqueduto da Água da Prata, Escala 1:2500,* [s.d], Direcção de Obras Públicas do Distrito de Évora, BPE
Fonte: Biblioteca Pública de Évora - autor: desconhecido

040 | p. 52/53 - Planta do levantamento elaborado em 2016 a pedido da Câmara Municipal, aquando a entrada deste monumento na lista *World Fund Monument*
Fonte: autoria de Alberto Martinez

041 | p. 52/53 - Parte dos alçados do levantamento elaborado em 2016 a pedido da Câmara Municipal, aquando a entrada deste monumento na lista *World Fund Monument*
Fonte: autoria de Alberto Martinez

042 | p. 54 - *Chaves do Aqueduto da Água da Prata*, [s.d], Évora
Fonte: autoria de Antónia Conde

043 | p. 55 - *Contra capa do Regimento do Aqueduto,* (1606)
Fonte: Câmara Municipal de Évora

044 | p. 56/57 - *Demolição do Terminus do Aqueduto da Água da Prata*, [s.d], Évora, AFCME, *PEP0015*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Pereira e Prostres

045 | p. 58 - *Obra de manutenção no aqueduto*, [s.d], Évora, AFCME, *VPC96*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Varela Pécurto

046 | p. 58 - *Aqueduto da Água da Prata, vista no interior da entrada para o Mosteiro de Santa Maria de Scala Coeli*, [s.d], Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

047 | p. 58 - *Aqueduto na estrada para Arraiolos*, [s.d], Évora, AFCME, *APS351*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Paulo Silva

048 | p. 58 - *Na estrada para Arraiolos*, década de 40, Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

049 | p. 58 - *Rua de Pedro Simões*, [s.d], Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

050 | p. 58 - *Vista no Forte de Santo António,* Évora, AFCME, *CME0370*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

051 | p. 58 - *A caminho de Évora*, 1935, Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

052 | p. 60 - *Terminus do Aqueduto da Água da Prata*, [s.d], Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

053 | p. 62 - *Leão do antigo pórtico romano (atualmente localiza-se no Chafariz dos Leões),* [s.d], Évora
Fonte: autoria de José Garnacho

054 | p. 64 - *Mosteiro de Santa Maria de Scala Coeli*, [s.d], Évora, AFCME, *DFT2304*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: David Freitas

055 | p. 66 - *Tanque no Forte de Santo António da Piedade,* [s.d], Évora, AFCME, *MCS12655*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Marcolino

056 | p. 68 - *Obras no Largo do Chão das Covas*, 1948 - 1950, Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

057 | p. 70 - *Obras de requalificação do aqueduto*, [s.d], Évora, AFCME, *MCS2230*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Marcolino Silva

058 | p. 72 - *Torrinha na estrada de Arraiolos,* [s.d], Évora
Fonte: Sérgio Bernardo - autor: desconhecido

059 | p. 75 - *Aqueduto junto à Muralha da cidade de Évora*, [s.d], Évora, AFCME, *APS0193*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Paulo Silva

060 | p. 75 - *Caixa de Água da Rua Nova*, [s..d], Évora
Fonte: autoria de Luís Fialho

061 | p. 75 - *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

062 | p. 75 - *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

063 | p. 75 - *Obras de requalificação do aqueduto*, [s.d], Évora, AFCME, *MCS2231*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Marcolino Silva

064 | p. 75 - *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

065 | p. 75 - *Obras no Largo do Chão das Covas*, (dec. 40), Évora, [s.n]
Fonte: Eborografias

066 | p. 75 - *Torrinha na Estrada de Arraiolos*, [s.d], Évora, AFCME, *Postal_152*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: desconhecido

067 | p. 75 - *Aqueduto junto ao Forte de Santo António*, [s.d], Évora, AFCME, *MCS2233*
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora - autor: Marcolino Silva

068 | p. 76/77 - *Itenerário rural do Percurso da Água da Prata,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

069 | p. 78 - *Caminhar,* 2016
Fonte: autoria de Duarte Belo

070 | p. 79 - *Stoodley Pike*, Calderdale, Yorkshire, *Our Forbidden Land*, 1990
Fonte: autoria de Fay Godwin

071 | p. 79 - *Mile long drawing,* 1968
Fonte: autoria de Walter de Maria

072 | p. 79 - *Walking a line in Peru,* 1972
Fonte: autoria de Richard Long

073 | p. 80 - *Cartaz das visitas organizadas - "walkshop",* 2016
Fonte: produção da autora

074 | p. 80 - *Cartaz da visita organizada ao Convento do Calvário,* 2016
Fonte: produção da autora

075 | p. 80 - *Fotografia da exposição realizada pela autora, 2017*
Fonte: fotografia da autora

076 | p. 81 - *Itenerário rural do Percurso da Água da Prata: séc. XIX e séc. XVI,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

077 | p. 82/83 -*Aqueduto das Águas Livres,* , Lisboa, BNP
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

078 | p. 84/85 - *Acesso B, zona rural,* 2017, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

079 | p. 87 -*Vista da zona da fonte do Arcediago para a Quinta da Espada,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

080 | p. 89 - *No itenerátio rural junto ao Aqueduto da Água da Prata,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

081 | p. 91 - *Itenerário rural do Percurso da Água da Prata,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

082 | p. 92/93 - *Ortofotomapa da Graça do Divor a Évora*
Fonte: produção da autora

083 | p. 94/96 - *Ortofotomapa destacando o Aqueduto da Água da Prata e os limites da localidades - Graça do Divor e Évora*
Fonte: produção da autora

084 | p. 97 - *Acesso A,* 2016, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

085 | p. 98 - *Itenerário periurbano,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

086 | p. 98 - *Itenerário rural,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

087 | p. 98 - *Itenerário rural,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

088 | p. 99 - *Itenerário rural,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

089 | p. 99 - *Itenerário rural junto à Quinta da Espada,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

090 | p. 99 - *Junto à autoestrada A6 perto do acesso C,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

091 | p. 100/101 - *Desenho aguarelado da interpretação pessoal do Percurso Ambiental da Água da Prata*
Fonte: produção da autora

092 | p. 103 - *Fauna e Flora no itenerário do percurso ambiental da Água da Prata,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

093 | p. 104/105 - *Interior da caixa de água junto a S. Bento de Cástris,* 2018, Évora
Fonte: fotografia da autora

094 | p. 106 - *Palazzo Querini Stampalia by Carlo Scarpa: 1961-1963,* [s.d], Itália
Fonte: Fundação Querini Stampalia

095 | p. 107 - *Levada das 25 Fontes,* 2006, Madeira
Fonte: autoria de Joe

096 | p. 107 - *Requalificação do Centro Histórico de Salemi*, 1990
Fonte: autoria de Álvaro Siza e Roberto Collovà

097 | p. 107 - *Playground,* Carrara, Italia, 1968
Fonte: autoria de Enzo Mari

098 | p. 108/109 - *Acesso ao percurso rural,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

099 | p. 110 - *Itenerário periurbano,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

100 | p. 110 - *Acesso B,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

101 | p. 110 - *Itenerário rural,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

102 | p. 111 - *Itenerário na propriedade da Quinta de Sam Pedro,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

103 | p. 111 - *Itenerário na propriedade da Quinta de Sam Pedro,* 2017
Fonte: fotografia da autora

104 | p. 111 - *Itenerário rural,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

105 | p. 112/113 - *Identificação das potencialidades e das problemáticas ao longo do percurso do Aqueduto da Água da Prata*
Fonte: produção da autora

106 | p. 114 - *Esquema da intenção quanto ao balizamento das áreas de percurso*
Fonte: produção da autora

107 | p. 115 - *Esquema do traçado do aqueduto atual*
Fonte: produção da autora

108 | p. 115 - *Esquema do percurso existente*
Fonte: produção da autora

109 | p. 115 - *Esquema do percurso proposto*
Fonte: produção da autora

110 | p. 116/117 - *Ortofotomapa com sobreposição da planta e plano geral*
Fonte: produção da autora

111 | p. 118/119 - *Caixas de água junto a S. Bento de Cástris,* 2018, Évora
Fonte: fotografia da autora

112 | p. 120 - *Esquema de localização dos equipamentos propostos*
Fonte: produção da autora

113 | p. 120 - *Equipamentos propostos*
Fonte: produção da autora

114 | p. 123 - *Fotomontagem de um banco no caminho para a Mãe d'Água*
Fonte: produção da autora

115 | p. 123 - *Fotomontagem das instalações sanitárias*
Fonte: produção da autora

116 | p. 125 - *Fotomontagem dos equipamentos no caminho para o Banho*
Fonte: produção da autora

117 | p. 125 - *Fotomontagem da plataforma de miradouro*
Fonte: produção da autora

118 | p. 127 - *Fotomontagem do bebedouro junto do percurso equestre*
Fonte: produção da autora

119 | p. 128 - *Esquema de localização dos Espaços Singulares*
Fonte: produção da autora

120 | p. 129 - *Bifurcação na zona de Metrogos,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

121 | p. 130 - *Fonte do Pomar do Espinheiro,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

122 | p. 131 - *Planta de localização da Fonte do Pomar do Espinheiro, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

123 | p. 132 - *Ponte Antiga na Ribeira do Pombal,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

124 | p. 133 - *Planta de localização da Ponte Antiga na Ribeira do Pombal, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

125 | p. 134 - *Fonte da Água Férrea,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

126 | p. 135 - *Planta de localização da Fonte da Água Férrea, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

127 | p. 136 - *Capela da Quinta de São José,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

128 | p. 137 - *Planta de localização da Capela da Quinta de São José, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

129 | p. 138 - *Fonte do Arcediago,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

130 | p. 139 - *Planta de localização da Fonte do Arcediago, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

131 | p. 139 - *Alçado da Fonte,* Évora
Fonte: autoria de Francisco Bilou em: *A (Re) Fundação do Aqueduto da Água da Prata em Évora: 1533-1537*

132 | p. 140 - *Poço na Malhada da Manizola,* 2018, Évora
Fonte: fotografia da autora

133 | p. 141 - *Planta de localização do Poço na Malhada da Manizola, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

134 | p. 142 - *Caixa de Água da "Cartuxa",* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

135 | p. 143 - *Planta de localização da Caixa de Caixa de Água da "Cartuxa", esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

136 | p. 143 -*Alçado principal da caixa de água do Convento da Cartuxa,* Évora
Fonte: autoria de Maria Filomena Monteiro em: *O Aqueduto da Água da Prata em Évora: Bases para uma proposta de recuperação e valorização*

137 | p. 144 - *Caixa de Água e Fonte no Forte de Santo António,* 2016, Évora
Fonte: fotografia da autora

138 | p. 145 - *Planta de localização da Caixa de Água e Fonte no Forte de Santo António, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

139 | p. 145 - *Alçado da caixa de água da Quinta de Santo António,* Évora
Fonte: autoria de Maria Filomena Monteiro em: *O Aqueduto da Água da Prata em Évora: Bases para uma proposta de recuperação e valorização*

140 | p. 146 - *Esquema de localização dos Espaços Singulares*
Fonte: produção da autora

141 | p. 147 - *Vista do interior da Fonte do Pomar do Espinheiro,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

142 | p. 148 - *Corte construtivo tipo, esc.1:50*
Fonte: produção da autora

143 | p. 149 - *Herdade da Prata,* 2018, Évora, fotomontagem
Fonte: produção da autora

144 | p. 151 - *Herdade da Prata,* 2018, Évora, imagem de drone
Fonte: fotografia da autoria de Francisco Brito

145 | p. 152 - *Planta de localização da Mãe d'Água, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

146 | p. 153 - *Secção vertical e horizontal da Mãe d'Água, esc.1:200*
Fonte: produção da autora

147 | p. 154/155 - *Ortofotomapa com implantantação da Mãe d'Água, esc.1:100*
Fonte: produção da autora

148 | p. 156/157 - *Fotomontagem da Mãe d'Água*
Fonte: produção da autora

149 | p. 159 - *Lugar do Abrigo,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

150 | p. 160 - *Planta de localização do Abrigo, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

151 | p. 161 - *Secção vertical e horizontal do Abrigo, esc.1:200*
Fonte: produção da autora

152 | p. 162/163 - *Ortofotomapa com implantantação do Abrigo, esc.1:100*
Fonte: produção da autora

153 | p. 164/165 - *Fotomontagem do Abrigo*
Fonte: produção da autora

154 | p. 167 - *Antigo caminho dos Arcos do Divor,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

155 | p. 168 - *Planta de localização do Mirante, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

156 | p. 169 - *Secção vertical e horizontal do Mirante, esc.1:200*
Fonte: produção da autora

157 | p. 170/171 - *Ortofotomapa com implantantação do Mirante, esc.1:100*
Fonte: produção da autora

158 | p. 172/173 - *Fotomontagem do Mirante*
Fonte: produção da autora

159 | p. 175 - *Ribeira do Pombal,* 2018, Évora
Fonte: fotografia da autora

160 | p. 176 - *Planta de localização do Banho, esc.1:1000*
Fonte: produção da autora

161 | p. 177 - *Secção vertical e horizontal do Banho, esc.1:200*
Fonte: produção da autora

162 | p. 178/179 - *Ortofotomapa com implantantação do Banho, esc.1:100*
Fonte: produção da autora

163 | p. 180/181 - *Fotomontagem do Banho*
Fonte: produção da autora

164 | p. 182/183 - *Percurso rural junto ao tanque de água de 1795,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

165 | p. 185 - *Itenerário rural do Percurso da Água da Prata,* 2017, Évora
Fonte: fotografia da autora

BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES

BIBLIOGRAFIA

ABEL, António Borges (2008) - *Os Limites da Cidade*. Évora: [s.n]. Tese de doutoramento em Arquitetura apresentada na Universidade de Évora.

Achado arqueológico in Jornal *Democracia do Sul*, n.º 4080, 4 Junho de 1931, p. 4.

ALMEIDA, Claudino de (1934) - *Ruas de Évora: Subsídios para a explicação dos seus nomes*. Évora: Gráfica Eborense.

BACHELARD, Gaston (1997) - *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes. [Consult. fev. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/6707053/Gaston_Bachelard_A_%C3%81gua_e_os_Sonhos_Ensaio_sobre_a_imagina%C3%A7%C3%A3o_da_mat%C3%A9ria

BACHELARD, Gaston (2008) - *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes. [Consult. dez. 2017]. Disponível em: https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf

BARBOSA, I. de Vilhena (1867) - *Aqueduto de Évora.* In *Archivo Pittoresco,* Semanário Illustrado, 10º anno, pp.33-35; pp. 46-48.

BARATA, António Francisco (1871) - *Roteiro da cidade de Évora e breve notícia dos seus principais monumentos*. Évora. [Consult. nov. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/bdaobra/bdadigital/Obra.aspx?ID=363

BARATA, António Francisco (1895) - *O Alentejo histórico*. Évora [s.n]. [Consult. out. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=293

BARATA, António Francisco (1896) - *Évora e seus arredores*. Évora. [Consult. out. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?ID=332

BARATA, António Francisco (1909) - *Évora Antiga: notícias colhidas com afanosa diligência em favor dos asylos de infância desvalida e Ramalho Barahona*. Évora: Minerva Commercial, pp.184-186. [Consult. nov. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=65

BARATA, António Francisco (1900) - *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Ethnologico Português. Imprensa Nacional, pp 87-89.

BARREIROS, Fortunato José (1838) - *Memória sobre os pesos e medidas de Portugal, Espanha, Inglaterra e França*. Lisboa: [s.n]. [Consult. dez. 2016]. Disponível em: https://archive.org/details/b28740671/page/n99

BARROCA, Mário Jorge (1992) - *Medidas-padrão Medievais Portuguesas*. In Revista da Faculdade de Letras. Porto. [Consult. dez. 2016]. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8444/2/2182.pdf

BEIRANTE, Maria Ângela (1995) - *Évora na Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BEIRANTE, Maria Ângela (1996-97) - *O vínculo cidade-campo na Évora Quinhentista*. In Boletim A Cidade de Évora, II série, N.º 2, pp. 87-95.

BILOU, Francisco ; BRANCO, Manuel (2009) - *A Obra do Aqueduto da Água da Prata, em Évora: dois testemunhos inéditos*. *In Boletim A cidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo, II série, nº8, pp.231-260.

BILOU, Francisco (2010) - *A (Re) Fundação do Aqueduto da Água da Prata em Évora: 1533-1537*. Lisboa: Edições Colibri.

BILOU, Francisco (2014) - *A Igreja de São Francisco e o Paço Real de Évora: A Obra e e os Protagonistas 500 anos depois*. Lisboa: Edições Colibri.

BILOU, Francisco (2015) - *Miguel de Arruda, entre Évora e Estremoz: Novos documentos (1532-1562).* In Boletim do Arquivo distrital de Évora, N.º 3, pp. 53-57.

BILOU, Francisco (2016) - *Património Artístico no Alentejo Central: Obras, Mestres e Mecenas, 1516-1604.* Lisboa: Edições Colibri.

BILOU, Francisco (s.d) - *O Aqueduto da Água da Prata, em Évora: para uma síntese histórico-arqueológica da obra e dos seus protagonistas (c.1490-1571).* Évora. [Consult. mar. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/35656512/O_Aqueduto_da_%C3%81gua_da_Prata_em_%C3%89vora._Para_uma_s%C3%ADntese_hist%C3%B3rico-arqueol%C3%B3gica_da_obra_e_dos_seus_protagonistas_c.1490-1571_

BILOU, Francisco (s.d) - *O Pórtico (ao)romano da Praça Grande, em Évora: Novas achegas para um velho equívoco.* Évora. [Consult. jan. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/32172603/O_p%C3%B3rtico_ao_romano_da_Pra%C3%A7a_Grande_em_%C3%89vora._Novas_achegas_para_um_velho_equ%C3%ADvoco

BILOU, Francisco (s.d) - *A Apologia de André de Resende, a refundação do aqueduto romano e os "templos da água" em Évora.* Évora. [Consult. mar. 2018]. Disponível em: https://www.academia.edu/31487750/A_Apologia_de_Andr%C3%A9_de_Resende_a_refunda%C3%A7%C3%A3o_do_aqueduto_romano_e_os_templos_da_%C3%A1gua_em_%C3%89vora

CABRAL, António ; MANUEL, Caetano (1880) - *Inspecção do Aqueduto Sertoriano de Évora: 1879*. In Jornal Diário do Governo, n.º 139, 22 de junho, pp.1595-1597.

CABRITA, Castro (1930-31) - *Estudo do Abastecimento de água à cidade de Évora*. In Revista da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses. 1930: n.º 656, pp15-25, n.º 658, pp.9-101, n.º 664, pp. 350-364, n.º 666, pp. 418-422; 1931: n.º 668, pp.50-56. Lisboa.

CAETANO, Joaquim (1991) - *Aquedutos em Portugal.* Lisboa: EPAL.

CAMPO BAEZA, Alberto (2009) - *A ideia construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

CAMPO BAEZA, Alberto (2011) - *Pensar com as mãos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

CARERI, Francesco (2013) - *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora Gustavo Gil.

CARVALHO, Afonso de (2004) - *Da toponímia de Évora: Dos Meados do Século XII a Finais do Século XIV.* Vol. I, Lisboa: Edições Colibri, p.370.

CARVALHO, António de ; [et al.] (1997) - *Évora: história e imaginário*. Évora: Ataegina, Associação de Poduções Culturais.

CHOAY, Françoise (2000) - *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70.

C.M.E. (2007) - *Évora Desaparecida: fotografias e património 1839-1919*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

C.M.E. (2011) - *A Evolução Urbana do Centro Histórico de Évora*. Vol. I. Évora: Câmara Municipal de Évora.

C.M.E. (2001) - *Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

C.M.E. (2007) - *Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º26.

C.M.E. (1951) - *Reforço do caudal do Aqueduto*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

CONCEIÇÃO, Luís Filipe (1997) - *A Consagração da água através da Arquitetura: para uma arquitetura da água*. Lisboa: [s.n]. Tese de doutoramento em Arquitetura apresentada na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. [Consult. dez. 2016]. Disponível em: https://bibliotecas.utl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=231931

CONDE, Antónia Fialho ; MAGALHÃES, Olga (2008) - *Abordagem educativa de um monumento: o Aqueduto de Évora. El Patrimonio Cultural: Tradiciones, Educación y Turismo, coord. Eloy Martos Núñez, Alberto Martos Garcia*. Cáceres: Puertas de la Lectura 20-21, pp. 91-112. [Consult. set. 2017]. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/6740

CULLEN, Gordon (1996) - *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.

ESPANCA, Túlio (1942) - *Património Artístico Municipal: O Aqueduto da Água da Prata*. Évora: Câmara Municipal de Évora, p.29. [Consult. fev. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=689

ESPANCA, Túlio (1944) - *O Aqueduto da Água da Prata*. In Boletim *A Cidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo, nº7-8, ano II, Junho-Setembro, pp.103-105.

ESPANCA, Túlio (1966) - *Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, Vol. I, pp.106-107.

FERREIRA, Mário Rodrigues [et al.] (2006) - *Relatório da Implantação Arqueológica e Geológica do Aqueduto da Água de Prata entre Évora e Graça do Divor: Projecto de Recuperação Arqueológica do Traçado do Aqueduto*. Évora: UAL/CME, texto policopiado.

FIALHO, Pe. Manuel ; GUSMÃO, Armando (1943) - *Évora Ilustrada*. Livro IV. Évora: Imprensa Moderna, pp.311-313.

FLEURY, Ernest (1928) - Relatório sobre as águas dos vales da Prata e do Divor que abastecem a cidade de Évora. In revista Técnica, n.º14, pp. 177-183.

FRANCO, Pe. António (1945) - *Évora Ilustrada: extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho*. Évora: Edições Nazareth.

FREIXA, Daniel (2011) - *Por Caminhos da Água: costumes, saberes e hidráulica no Alentejo rural*. Lisboa. [s.n]. Dissertação de mestrado em antropologia apresentada na no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. [Consult. jul. 2017]. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4206

GOULART, Artur (1987) - *O passado à flor da cidade: Quem acode à fonte de André de Resende?*. In jornal *O Giraldo*. Évora, 20 de maio.

GRILO, Maria (1988-1993) - *O concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão)*. In Boletim *A Cidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo. II série, N.º 1, pp. 89-156.

GUERREIRO, Madalena (1999) - *Chafarizes e Fontes Públicas da Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

HAESBAERT, Rogério (2007) - *Território e Multiterritorialidade: um debate*. In GEOgraphia. Ano IX, nº. 17. [Consult. abr. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/6966780/TERRIT_RIO_E._MULTITERRITORIALIDADE_UM_DEBATE

HAESBAERT, Rogério ; LIMONAD, Ester (2007) - *O Território em Tempo de Globalização*. In Revista *etc, espaço, tempo e crítica*, N.º 2, Vol. I. [Consult. abr. 2017]. Disponível em: http://www.ligiatavares.com/gerencia/uploads/arquivos/6477dd13d45c1917f9e8147345657e7e.pdf

HAUSCHILD, Theodor ; SARANTOPOULOS, Panagiotis (1995-1997) - *O Tanque de Água do Templo Romano de Évora*, in Separata *O Arqueólogo Português*. Série IV, 13/15, Évora. [Consult. jun 2017]. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_13_15/tanque_agua_romano.pdf

HAUSCHILD, Theodor. (1987) - *Investigações efetuadas no templo de Évora em 1986*. In *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, S.l.:Instituto Português do Património Cultural, n.º1, p.93-98.

KOCH, W. (1982) - *Estilos de Arquitectura II*, [s.l.], Editorial Presença, Coleção Dimensões, Série especial 11, pp. 27-29, 121-133.

LIMA, Miguel (1996) - *Muralhas e Fortificações de Évora*. Lisboa: Argumentum.

LOPES, Luís Seabra (2005) - *A cultura da medição em Portugal ao longo da história*. In revista *Educação e Matemática*, n.º 84. [Consult. nov. 2016]. Disponível em: https://www.esev.ipv.pt/mat1ciclo/textos/historia%20da%20matematica/lopes%20cultura_medicao2.pdf

LYNCH, Kevin (1982) - *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

MAGALHÃES, Manuela Raposo (2001) - *A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa.

MARTINS, Cláudia Albuquerque (2013) - *O Paradigma da Arquitetura Termal e a Comunidade Sénior*. Évora: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada na Universidade de Évora.

MASCARANHAS, José Manuel ; BARATA, Filipe Themudo (1997) - *O Território de Ebora, e a Organização e Ornamento da Paisagem Envolvente*. In *Paisagens arqueológicas a oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 61-70.

MASCARANHAS, José Manuel ; JORGE, Virgolino Ferreira (1999) - *Os sistemas hidráulicos do mosteiro cartusiano de Évora*. In Revista *Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º10, pp. 15-19.

MENDES, Nelson Gomes (2009) - *ACQUA: Água, Essência na Arquitetura de Carlo Scarpa*. Coimbra: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada na Universidade de Coimbra. [Consult. ago. 2017]. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11575

MONTE, Gil do (1982) - *Dicionário de toponímia Eborense*. Évora: Gráfica Eborense.

MONTEIRO, Maria Filomena (1995) - *O Aqueduto da Água da Prata em Évora: Bases para uma proposta de recuperação e valorização*. Évora: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património apresentada na Universidade de Évora, texto policopiado.

MONTEIRO, Maria Filomena (2010) - *O Sistema Monástico-Conventual e Desenvolvimento Urbano de Évora na Baixa Idade Média*. Évora: [s.n]. Tese de Doutoramento em Arquitetura apresentada na Universidade de Évora, texto policopiado.

MONTEIRO, Maria Filomena ; JORGE, Virgolino Ferreira (2007) - *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora*. In Revista *Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º26, pp. 92-99.

MONTEIRO, Maria Filomena ; PEREIRA, Marízia ; TERENO, Maria do Céu (2012) - *O Aqueduto da Água da Prata e o abastecimento de água ao Mosteiro de S. Bento de Cástris: Évora, Portugal*. [s.n]: Jorlis edições e publicações, lda. [Consult. set.. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/8041465/O_Aqueduto_da_%C3%81gua_da_Prata_e_o_abastecimento_de_%C3%A1gua_ao_Mosteiro_de_S._Bento_de_C%C3%A1stris_%C3%89vora_Portugal

MONTEIRO, Maria Filomena ; TERENO, Maria do Céu. ; PEREIRA, Marízia (2015) - *Recursos hídricos da cidade de Évora: (re)interpretação de alguma cartografia e icnografia históricas da cidade*. In Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, 4 a 7 de novembro. Braga, pp. 395-410. [Consult. set.. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/22740946/RECURSOS_H%C3%8DDRICOS_DA_CIDADE_DE_%C3%89VORA_RE_INTERPRETA%C3%87%C3%83O_DE_ALGUMA_CARTOGRAFIA_E_ICONOGRAFIA_HIST%C3%93RICAS_DA_CIDADE

MUNICÍPIO DE ÉVORA. (2014/2018) - *Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios: Diagnóstico*. Caderno I. [Consult. abr. 2017]. Disponível em: http://www.cm-evora.pt/pt/servicos/protecao-civil/Documents/Caderno_I.pdf

PALLASMAA, Juhani. (2000) - *Los ojos de la piel: la arquitectura y los sentidos*. Barcelona: Gustavo Gil Editira

PEREIRA, Gabriel (1934) - *Estudos Diversos: Arqueologia, História, Arte, Etnografia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 159-162. [Consult. fev. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=81

PEREIRA, Gabriel (1947) - *Estudos Eborenses*. Évora: Edições Nazareth, vol.I. [Consult. fev. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=76

PEREIRA, Gabriel (1947) - *Estudos Eborenses*. Évora: Edições Nazareth, vol.II. [Consult. fev. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=77

PEREIRA, Gabriel (1947) - *Estudos Eborenses*. Évora: Edições Nazareth, vol.III. [Consult. fev. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=78

PEREIRA, Gabriel (1998) - *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Évora: Impresa Nacional - Casa da Moeda. [Consult. mar. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=44

PEREIRA, Marízia (2012) - *O património natural do aqueduto da Água da Prata: um valor a preservar*. In *Atas do Ciclo de Conferências "Água e Património"*, Évora, Convento dos Remédios. [Consult. out. 2017]. Disponível em: https://docplayer.com.br/6599270-O-patrimonio-natural-do-aqueduto-da-ag ua-de-prata-um-valor-a-preservar.html

PESSOA, Fernando Santos (2017) - *Intervir na Paisagem*. Lisboa: Argumentum

QUERCIA, D. ; SCHIFANELLA, R. ; AIELLO, L. ; MCLEAN, K. (2015) - *Smelly Maps: The Digital Life of Urban Smellscapes*, In *Proc. of the 9th International AAAI Conference on Web and Social Media (ICWSM)*. [Consult. out. 2017]. Disponível em: https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/ICWSM15/paper/view/10572

QUINTELA, António ; [et al.] (2005) - *O Aqueduto da Água da Prata e o Abastecimento de Água a Évora*. 7º. SILUSBA. Lisboa: Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos.

QUINTINO, Maria Imaginário (2011) - *Água enquanto matéria construtora no projeto de arquitetura paisagista*. Lisboa: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista apresentada na Universidade técnica de Lisboa. [Consult. dez. 2016]. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4079

RESENDE, André de (1553) - *História da Antiguidade da Cidade de Évora*. Évora: BPE (ed. digital, Biblioteca Digital do Alentejo). [Consult. mar. 2017]. Disponível em: http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=387

RIBEIRO, Orlando (1986) - *Évora: Sítio, origem: evolução e funções de uma cidade*. In Estudos de Homenagem a Mariano Feio. Coord. De Raquel Soeiro de Brito. Lisboa: R.

RIBEIRO, Orlando (1992) - *Geografia e Civilização*. Lisboa: Círculo de Leitores.

RODRIGUES, Joana (2012) - *Caminhos de vida: Aqueduto das Águas Livres: património hidráulico português*. Lisboa: [s.n]. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa. [Consult. dez.. 2017]. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/3326

RODRIGUES, Paulo Simões [s.d.] - *A Muralha, o templo e o aqueduto na tradição de Sertório construtor da Évora romana (sécs. XVI-XIX)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. [Consult. jan. 2018]. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/31567/6/22-%20espa%C3%A7os%20e%20paisagens.pdf

ROSSI, Aldo (2001) - *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Cosmos.

SÁNCHEZ RIVERO. Angel ; SÁNCHEZ RIVERO. Angela (1933) - *Viagem de Cosme de Medicis por España y Portugal: 1608-1668-1669*. Madride. [Consult. set. 2016]. Disponível em: http://purl.pt/12926/4/ea-326-a_PDF/ea-326-a_PDF_24-C-R0150/ea-326-a_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf

SARANTOPOULOS, Panagiotis (1986-1987) - *Os banhos públicos Thermae da Liberalitas Iulia Ebora: Notícia da sua descoberta nos actuais Paços do Concelho de Évora*. In Boletim *A Cidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo. II série, N.º 1, N. 69 e 70, pp. 121-124.

SARANTOPOULOS, Panagiotis (1994-1995) - *A Piscina dos Banhos Públicos de Évora Romana: Notícia da sua identificação no corpo novo do edifício dos atuais Paços do Concelho*. In Boletim *A Cidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo. II série, N.º 1.

SARANTOPOULOS, Panagiotis (1998) - *O Templo e as Termas: Doi s Edifícios Públicos de Évora Romana: Contributos para uma Recuperação e Valorização Integrada.* Évora: [s.n]. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico apresentada na Universidade de Évora, texto policopiado.

SIMPLICIO, Maria (1997) - *Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora*. Évora: [s.n]. Tese de Doutoramento apresentada na universidade de Évora.

SIMPLÍCIO, Maria (2003) - *Évora: Origem e Evolução de uma cidade Medieval*. Évora. [Consult. jan. 2017]. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2669

SOUSA, Ana Teresa. (2015) - *O Conjunto Abaluartado de Évora.* Faro: Silabas & Desafios.TÁVORA, Fernando (1999) - *Da organização do espaço*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

TANIZAKI, Junichiro (2008) - *O Elogio da Sombra*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

TELLES, Gonçalo Ribeiro (1994) - *Paisagem Global: Um Conceito para o futuro*. In *Iniciativa*, nº especial.

TELLES, Gonçalo Ribeiro (2016) - *Gonçalo Ribeiro Telles: Textos Escolhidos*. Lisboa: Argumentum.

TERENO, Maria do Céu (2011-2012) - *Arquitetura das caixas de água do Aqueduto da Águas de Prata: Évora.* In Atlas do Ciclo de Conferências sobre Água e Património, associado à exposição: Aquedutos de Portugal. Évora, Convento dos Remédios. [Consult. jan. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/8109671/_Arquitetura_das_caixas_de_%C3%A1gua_do_Aqueduto_da_%C3%81gua_da_Prata_-_%C3%89vora_

TONUCCI, João Bosco (2013) - *Espaço e Território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica.* In Revista *Espinhaço.* [Consult. fev. 2017]. Disponível em: https://www.academia.edu/6313947/Espa%C3%A7o_e_territ%C3%B3rio_um_debate_em_torno_de_conceitos-chave_para_a_geografia_cr%C3%ADtica

VAL-FLORES, Gustavo (2004) - *A Evolução Urbana do Centro Histórico de Évora: contributos para o seu conhecimento. Séc. I a.C. - XII d.C (1166).* Parte I. Évora: Câmara Municipal de Évora.

VAL-FLORES, Gustavo (2009) - *O Paço Real de Évora: Apogeu e Declínio de um Espaço Régio*. Évora [s.n]. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico apresentada na Universidade de Évora.

VIEIRA, Álvaro Siza (2012) - *Imaginar a Evidência.* Lisboa: Edições 70.

ZUMTHOR, Peter (2006) - *Pensar Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gil.

MANUSCRITOS

REGIMENTO DO AQUEDUC[TO] DA AGOA DA PRATA (1606) - *Regimento das Fontes Aqueducto, e Fábrica da Agoa da Prata da Cidade D'Évora, Reformado, e Acrescentado Per Elrey Dom Philippe Segundo Nosso Senhor, no anno de M.D.C.VI.*

MAPAS E CARTOGRAFIA

Carta Militar de Portugal Série M888, esc. 1:25 000. Folhas 437, 438, 439, 447, 448, 449, 450, 458, 459, 460, 461, 470, 471, 472, 473, 479, 480 e 481

Planta de Urbanização de Évora. Planta de zonamento. Base CME

Carta aérea do núcleo urbano da cidade de Évora à esc. 1:5000. Base CME

Carta geológica de Portugal, esc. 1: 1 000 000

Carta hipsométrica de Portugal, esc. 1: 600 000

Planta cadastral do núcleo urbano da cidade de Évora

Aqueduto da Água da Prata. Planta, esc. 1/25000. Biblioteca Pública de Évora. [Arm. 15-16, Est. 2 Hem II, 53]

Perfil longitudinal do terreno em toda a sua extensão do aqueduto da Água da Prata, esc. 1/2500, 1/250. Biblioteca Pública de Évora. [Arm.15-16, Est. 2 Hem. II, 52]

Antiga Planta Da Canalização Das Aguas Sertoriannas Intra-Muros da Cidade de Évora, sem datação, Câ-
mara Municipal de Évora

Planta chorographica da zona atravessada pelo Aqueduto Sertoriano d´ Évora, e o estado das Obras em execução, esc. 1:20 000. (1896). [A.D.E., Livro Nº.851, folio 66, 1896, Sala 9, Estane4, Caixa 2]

Antiga planta da canalização das águas sertorianas intramuros da cidade de Évora, finais do século XIX. Documento encontrado ao abandono em 2 de Novembro de 1906 e oferecido por Diogo Machado ao Município [C.M.E]

Planta de distribuição de águas públicas e concessionadas no século XVI, e planta de localização dos poços comunitários no século XVI executadas em 2007 pelos autores do artigo *O Sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora, em Monumento 26* - Maria Filomena Mourato Monteiro e Virgolino Ferreira Jorge

INSTITUIÇÕES

Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

Arquivo da Câmara Municipal de Évora

Arquivo Distrital de Évora

Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora

Biblioteca Pública de Évora

VISITAS DE CAMPO

Efetuaram-se diversas visitas de campo como referido na metodologia deste trabalho ao longo do seu desenvolvimento entre 2016 e 2018, entre as quais se organizaram as seguintes:

Walkshop 01 (29 de Março de 2016). Aqueduto das Águas Livres, Reservatório Mãe d'Água das Amoreiras e Galerias Subterrâneas. Visita acompanhada por guia do Museu da Água. Lisboa

Walkshop 02.1 (09 de Maio de 2016). Aqueduto da água de Prata: troço monumental. Visita acompanhada pelo arqueólogo e historiador Francisco Bilou. Évora

Visita ao convento do Calvário. (20 de Maio de 2016). Visita acompanhada pela arquiteta Filomena Monteiro. Évora

Walkshop 02.2 (01 de Novembro de 2016). Aqueduto da água de Prata: parte do troço rural. Visita acompanhada Guiado pelo arqueólogo e historiador Francisco Bilou. Évora

Participou-se ainda nas seguintes visitas:

Percorrer a cidade, descobrir o Aqueduto, realizada a 19 de Outubro de 2016, organizada pela Dra. Antónia Fialho Conde e Dra. Olga Magalhães.

Caminha das Ervas: O Património e os Caminhos da Água, realizada a 27 de Maio de 2018 com a presença do Dr. Francisco Bilou e Engª. Rute Caraça e organizada pela Câmara Municipal de Évora, pelas Uniões das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde, Malagueira e Horta das Figueiras, Évora (centro histórico), contando com o apoio do Grupo Desportivo e Cultural do Bairro de Santo António.

EXPOSIÇÕES

Aqueduto da Água de Prata: um percurso até à cidade. Comemoração dos 480 anos de Água Pública na Cidade de Évora (patente no espaço expositivo junto à arena de Évora de 24 de Junho de 2017 a 02 de Julho de 2017) - Coordenação da aluna Sylvie Claro com o *Ponto Jovem: Espaço Municipal da Juventude* da Câmara Municipal de Évora e com a Professora Doutora Sofia Salema do Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora

O Aqueduto da Água de Prata e o Património Hidráulico de Évora (patente no Convento dos Remédios em Évora, de 17 de Abril de 2018 a 01 de Janeiro de 2019) - Organização da Câmara Municipal de Évora.

DOCUMENTÁRIOS

La Ruta del Peregrino. (2012). Realizador: Cristian Manzutto. 73min.

WEBSITES

adevr.dglab.gov.pt

arquivos.rtp.pt

earth.google.com/web

www.labor.uevora.pt/

www.lneg.pt

www.icnf.pt

www.bdalentejo.net

www.evora.net

www.igeo.pt

www.bnportugal.pt

www.cidehus.uevora.pt

www.patrimoniocultural.gov.pt

www.apambiente.pt

www.dgterritorio.pt

www.bing.com/maps

www.google.com/maps

www.strava.com/heatmap

www.monumentos.gov.pt

www.aprh.pt

www.ciclovia.pt

digitalis-dsp.uc.pt

www.romanaqueducts.info

www.traianvs.net

www.arqnet.pt

dited.bn.pt

www.researchgate.net

www.obeta.com.pt

estudogeral.sib.uc.pt

dspace.uevora.pt/rdpc

archive.org

www.epal.pt

www.academia.edu

www.bib.uevora.pt

"O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica, uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado - e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo - é uma forma de transformação da paisagem que embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar". [123]